



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO DA
EDUCAÇÃO SUPERIOR**

AMÉLIA LANDIM BARROCAS

**AVALIAÇÃO DO USO DOS LIVROS ELETRÔNICOS DO ACERVO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ NOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO**

FORTALEZA

2014

AMÉLIA LANDIM BARROCAS

AVALIAÇÃO DO USO DOS LIVROS ELETRÔNICOS DO ACERVO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ NOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Gestão Estratégica para as IES.

Orientadora: Profa. Dra. Virginia Bentes Pinto.

FORTALEZA

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca do Curso de Física

B272a Barrocas, Amélia Landim.
Avaliação do uso dos livros eletrônicos do acervo da Universidade Federal do Ceará nos cursos de pós-graduação. / Amélia Landim Barrocas. – Fortaleza: [s.n], 2014.
131 f.: il. color., enc.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior, Fortaleza, 2014.

Área de Concentração: Gestão Estratégica para as IES.

Orientação: Profa. Dra. Virgínia Bentes.

1. Livros Eletrônicos - avaliação. 2. Biblioteca híbrida. 3. E-books. I. Pinto, Virgínia Bentes, orientação. II. Universidade Federal do Ceará, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior. III. Título.

CDD 028.9

AMÉLIA LANDIM BARROCAS

AVALIAÇÃO DO USO DOS LIVROS ELETRÔNICOS DO ACERVO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ NOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Gestão Estratégica para as IES.

Aprovada em: 21 / 03 / 2014.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Virgínia Bentes Pinto (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dr.(a) Maria do Socorro de Sousa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Wagner Bandeira Andriola
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. PhD. Antonio Clécio Fontelles Thomaz
Universidade Estadual do Ceará do Ceará (UECE)

A Deus e a Virgem Santíssima.
Aos meus pais,
José Gondim Barrocas (in memoriam)
e Teresinha Landim Barrocas.

AGRADECIMENTOS

A Deus e a Virgem Santíssima, por terem iluminado meu caminho ao longo dessa jornada.

Ao meu pai José Barrocas (in memoriam) e minha Mãe Terezinha por terem se sacrificado para dar-me uma boa educação.

A minha família, meu marido Ricardo e meu filho Eduardo Henrique pelo amor, pela compreensão e apoio incondicional.

Aos meus irmãos, irmãs e sobrinhos pela compreensão de minha ausência em determinados momentos nas reuniões de família.

Ao Prof. Wagner Andriola, pelo incentivo e por acreditar em mim.

A minha orientadora Prof^a. Virginia Bentes Pinto, pelas horas dedicadas nas orientações.

Aos professores Dr. Antonio Clécio Tomaz, e Dra. Maria do Socorro Rodrigues e Wagner Bandeira Andriola por tão gentilmente terem participado da minha banca examinadora.

Ao prof. Josué pelo apoio e incentivo.

Aos professores do Curso de Mestrado, que de alguma forma, em suas aulas ou conversas, contribuíram para o meu crescimento acadêmico.

Aos colegas de mestrado, em especial Ana Clea Gomes, Elizabeth Araújo e Claudia Regina pelas horas de estudos, de alegrias e descontração que compartilhamos nessa caminhada.

Ao Diretor da BU/UFC Francisco Jonatan Soares, pelo incentivo.

Aos servidores da Biblioteca do Curso de Física da UFC, pela colaboração, incentivo e compreensão.

A todos meus amigos pela compreensão de minha ausência em determinadas horas que necessitaram de minha companhia.

Ao meu fiel amigo Jolly, por não ter tido tempo de brincar com ele quando jogava seus brinquedos nos meus pés;

Ao meu cavalo Banabuiú o meu perdão por minha ausência (durante sua doença e morte), no momento que ele mais precisou dos meus cuidados e carinho.

“As pessoas mais felizes não tem as melhores coisas. Elas sabem fazer o melhor das oportunidades que aparecem em seus caminhos. A felicidade aparece para aqueles que choram. Para aqueles que se machucam. Para aqueles que buscam e tentam sempre.”

(Clarice Lispector)

RESUMO

O século XXI chegou sob o grande impacto da revolução dos meios de comunicação e das novas tecnologias eletrônicas e digitais da informação, que ocasionou a introdução de diferentes suportes, sobretudo no meio acadêmico, que facilitaram a produção e o acesso à informação. A partir de 2009, a Universidade Federal do Ceará passou a adquirir títulos de livros eletrônicos como exigência de inserção nesse novo modelo de ensino e práticas de pesquisas. Com isso, a sua Biblioteca Universitária adquiriu para o seu acervo uma coleção de livros eletrônicos nas mais variadas áreas do conhecimento, disponível a toda comunidade universitária, como fonte alternativa de informação para a pesquisa, ensino e extensão. Observando-se esse fato e sabendo-se da necessidade de se avaliar produtos e serviços de bibliotecas, esta pesquisa propõe o seguinte problema: Quais fatores são considerados determinantes para o uso dos livros eletrônicos comprados e disponibilizados no sistema de bibliotecas da UFC, por alunos e professores dos programas de pós-graduação dessa instituição, contemplados com esse tipo de acervo? A pesquisa optou por uma metodologia quanti-qualitativa, através de questionários eletrônicos elaborados e aplicados por meio da ferramenta google docs, por buscar traduzir em números, as respostas e informações, bem como a fala dos participantes, e organizá-las de modo a facilitar análise e proposição dos conhecimentos novos. Trata-se de uma pesquisa exploratória, com uma amostragem não probabilística, pois, devido à estratégia de coleta de dados, torna-se inviável uma amostra definitiva. O método de análise dos dados é o funcionalista, realizado por meio de estudo de casos selecionados a partir da pertinência mais próxima com a pesquisa. Para a tabulação dos dados, utilizou-se o programa Microsoft Excel. Como resultado, observou-se que os professores demonstraram ter mais conhecimento da existência do acervo de livros eletrônicos comprados e disponibilizados pela UFC que os estudantes. Em contrapartida, os estudantes demonstraram conhecer mais as estratégias de acesso que os professores. Quanto ao quesito importância e satisfação com esse tipo de acervo, os estudantes demonstraram melhor relação com o acervo eletrônico que os professores. Entretanto, os estudantes que não têm conhecimento desse acervo, em sua maioria, o consideram muito importante. Já professores que desconhecem este tipo de acervo o consideram mais importante do que professores que conhecem. Quanto ao grau de satisfação, professores demonstraram estar mais satisfeitos que os estudantes com esse tipo de acervo. Ficou evidente que os fatores que mais contribuíram para o uso dessa nova mídia foram: a gratuidade pelo portal da UFC; a ampla disponibilidade e a praticidade. Os fatores que mais contribuíram para a não utilização desse recurso são: falta de motivação; não constarem nas bibliografias; falta de uma divulgação mais expressiva; necessidade de uma ferramenta para o acesso e, por último, a resistência à mudanças; o público para não querer trocar o prazer de folhear um livro impresso pela rigidez de um eletrônico.

Palavras-chave: Livro eletrônico. Livro impresso. Biblioteca híbrida.

ABSTRACT

The twenty-first century came under the great impact of the media revolution and the new electronic and digital information technologies, which led to the introduction of different means of communication, especially in academia, which facilitated the production of and access to information. Since 2009, the Federal University of Ceará had the policy to purchase eBook titles as need to insert academia into this new model of teaching and research practices. Thus, its main University Library has acquired a collection of electronics books on various fields, available to all university community, as an alternative source of information for research, teaching and community services. Observing this fact and knowing the need to evaluate products and services for libraries, this research proposes the following problem: What factors are considered decisive for the use of electronic books, available on the UFC's library system for graduate students and Professors in all graduate programs? The research methodology works with quantitative and qualitative data, collected through electronic questionnaires, developed and applied through google docs tool. This will allow us to translate the answers into numbers and information, in order to organize them and to facilitate the analysis and suggestions for this new knowledge. This is an exploratory survey with a random sample, with no final conclusive arguments. The method of data analysis is the functionalist, accomplished through study of selected cases showing relevance to the research. To tabulate the data, we used the Microsoft Excel program. As a result, it was observed that teachers have demonstrated more knowledge on the existence of the collection of electronic books purchased and available by UFC than the students. In contrast, students demonstrated knowing more strategies of access than the teachers. As to the importance and satisfaction with this type of collection, students have a better knowledge on the electronic library than teachers. Even being unaware of this collection, students consider it very important. Teachers who don't know the existence of this type of collection consider it more important than teachers who know it. To the degree of satisfaction, teachers demonstrated to be more satisfied than the students with the eBook collection. It was evident that the factors that contributed to the use of eBooks were: its gratuity at UFC portal, its wide availability and practicality. The factors that contributed to the failure of the use of this feature are: lack of motivation, information not included in the basic bibliographies, lack of a more significant disclosure, need for a tool to access it, and finally, resistance to change, once the public not want to change the pleasure of leafing a printed book to a virtual one.

Keywords: Electronic book. Printed book. Hybrid library.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Bíblia Sagrada	23
Figura 2	– Hipertexto (rede)	26
Figura 3	– Página do Sistema de Bibliotecas no Facebook	29
Figura 4	– Livro eletrônico pelo iPad	32
Figura 5	– Kindle Fire	34
Figura 6	– Ipad	34
Figura 7	– Biblioteca nas nuvens	38
Figura 8	– Biblioteca Híbrida	40
Figura 9	– Evolução do livro	51
Figura 10	– Modelo de comportamento informacional integrado de Choo	54
Figura 11	– Modelo de busca por informação	55
Figura 12	– Simulação do projeto da Biblioteca de Alexandria – arquiteto Deinócrates	66
Figura 13	– Projeto estimado do espaço interno da Biblioteca de Alexandria	66
Figura 14	– Nova Biblioteca da Alexandria, espaço externo	67
Figura 15	– Nova Biblioteca da Alexandria, espaço interno	67

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	– Conhecimento do acervo de livros eletrônicos disponibilizados pela UFC	75
Gráfico 2	– Fatores que contribuem para o desconhecimento dos livros eletrônicos	76
Gráfico 3	– Meio através do qual os docentes tomaram conhecimento dos livros eletrônicos	76
Gráfico 4	– Meio através do qual os discentes tomaram conhecimento dos livros eletrônicos	77
Gráfico 5	– Sabem como ter acesso e uso	79
Gráfico 6	– Docentes e discentes têm conhecimento de que os livros eletrônicos podem ser encontrados também pelo catálogo online nos sites das bibliotecas da UFC	81
Gráfico 7	– Docentes e discentes tem conhecimento de que a maioria do acervo de livros eletrônicos comprados pela UFC é em língua estrangeira	82
Gráfico 8	– Dificuldade de uso do livro eletrônico pelo impedimento da língua estrangeira	82
Gráfico 9	– Principal motivo de utilização dos livros eletrônicos pelos docentes e discentes	83
Gráfico 10	– Docentes e discentes que não têm conhecimento do acervo de livros eletrônicos na UFC, gostam de ler em ambiente virtual	85
Gráfico 11	– Docentes e discentes que não têm conhecimento dos livros eletrônicos comprados pela UFC mas que leem em ambiente virtual	86
Gráfico 12	– Preferência pela leitura: impressa, eletrônica ou ambas	87
Gráfico 13	– Número de livros eletrônicos utilizados	89
Gráfico 14	– Grau de familiaridade de docentes e discentes que não têm conhecimento do acervo de livros eletrônicos comprados e disponibilizados pela UFC	90

Gráfico 15 – Grau de familiaridade dos docentes e discentes que tem conhecimento do acervo de livros eletrônicos comprados e disponibilizados pela UFC	90
Gráfico 16 – Grau de familiaridade com livros eletrônicos entre Docentes e Discentes que conhecem e desconhece os livros eletrônicos	91
Gráfico 17 – Docentes que têm conhecimento dos livros eletrônicos	92
Gráfico 18 – Discentes que têm conhecimento e principais barreiras para o uso de livros eletrônicos	93
Gráfico 19 – Indicação de livros eletrônicos	95
Gráfico 20 – Grau de importância dos docentes que têm conhecimento dos livros eletrônicos	96
Gráfico 21 – Importância de acervo eletrônico para docentes e discentes que desconhecem o acervo comprado e disponibilizado pela UFC	97
Gráfico 22 – Confrontando os dados dos docentes e discentes têm conhecimento do acervo de livros eletrônicos com os dados dos docentes e discentes que não têm conhecimento desse tipo de acervo na UFC	97
Gráfico 23 – Grau de satisfação de docentes e discentes que têm conhecimento do acervo adquirido pela UFC	99
Gráfico 24 – Avaliação sobre a leitura em livros eletrônicos entre docentes que conhecem e os que desconhecem este acervo	100
Gráfico 25 – Avaliação sobre a leitura em livros eletrônicos, entre discentes que conhecem e os que desconhecem este acervo	101
Gráfico 26 – Confronto de avaliações sobre a leitura em livros eletrônicos	102
Gráfico 27 – Alterações significativas nas práticas da pesquisa científica	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Acepções relativas ao conceito de livro eletrônico	30
Quadro 2 – Critério de análise	63
Quadro 3 – Evolução das Bibliotecas e seus acervos	68

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Institution UFC .Time period Jan to Jun 2013	71
Tabela 2 – Estatística de utilização UFC. Ebooks Zahar	71
Tabela 3 – Estatística de utilização – UFC. Ebooks Atheneu	72
Tabela 4 – Universidade Federal do Ceará - Springer Ebooks.	72
Tabela 5 – Caracterização dos participantes da pesquisa	74

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

BOL	Brasil On Line
CCIRN	<i>Coordinating Committee for International Research Networks</i>
CD-ROM	Compact Disc Read-Only Memory
HTTP	<i>Hypertext Transfer Protocol</i>
IBASE	Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas
OPACS	On-line Public Access Catalog
PARC	<i>Palo Alto Research Center</i>
POLEDUC	Profissional em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior
RNP	Rede Nacional de Ensino e Pesquisa
TCP/IP	<i>Transmission Control Protocol/Internet Protocol</i>
TEDIC	Tecnologias Eletrônicas e Digitais da Informação e da Comunicação
TICs	Tecnologias de Informação
UCLA	Universidade da Califórnia em Los Angeles
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UOL	Universo <i>On Line</i>
WWW	Wide Web World

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	A EVOLUÇÃO DOS SUPORTES DA ESCRITA: DE DESENHOS FEITOS EM CAVERNAS AO LIVRO DIGITAL	21
2.1	<i>A Internet</i> e o sistema de informação eletrônica	25
2.2	<i>A Internet</i> no Brasil	27
2.3	O livro eletrônico	29
2.4	Algumas palavras sobre direitos autorais	36
3	A BIBLIOTECA HÍBRIDA	38
3.1	O papel do bibliotecário como profissional da informação	40
3.2	O papel do bibliotecário na era digital	42
4	CONSIDERAÇÕES SOBRE A AVALIAÇÃO	45
4.1	Avaliação de serviços educacionais	46
4.2	Avaliação no contexto do sistema de bibliotecas universitárias	51
4.3	Estudo de uso da informação	52
4.4	Estudo de uso dos livros eletrônicos	56
5	FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS	59
5.1	Método	59
5.2	Tipo de pesquisa	60
5.3	Delimitação do universo de pesquisa e da amostra	61
5.4	Instrumento de coleta de dados	62
5.5	Pré-teste	63
5.6	Coleta de dados	63
5.7	O campo do estudo empírico	64
5.8	O Sistema de Bibliotecas da UFC	65
	RESULTADOS E DISCUSSÕES	73
	CONCLUSÃO	104
	REFERÊNCIAS	107
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO COMO AMOSTRA DA POPULAÇÃO DOCENTE	117
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO COMO AMOSTRA DA POPULAÇÃO DISCENTE	125

1 INTRODUÇÃO

O século XXI chegou sob o grande impacto da revolução dos meios de comunicação, das novas tecnologias eletrônicas e digitais da informação. Com esses avanços tecnológicos e científicos, ocorreram a rápida difusão da informação e o desenvolvimento da globalização, que ocasionou a introdução de diferentes suportes, sobretudo no meio acadêmico, que facilitaram a produção e o acesso à informação. Tal realidade se configura com maior expressividade desde o aparecimento da *Internet* e do sistema *World Wide Web*, que possibilitam uma espécie de instantaneidade, tanto na produção quanto na disseminação, no acesso e uso do conhecimento registrado. Tanto é verdade que esse fato vem sendo estudado desde as duas últimas décadas do século XX, em vários campos de saberes. As reflexões de Lapolli, Amaral, e Gauthier (2009, p. 20) vêm ao encontro das nossas ao preferirem que:

[...] a economia industrial deu lugar à economia digital, na qual a tecnologia se torna a força dominante. Objetos digitais passaram a circular em escala mundial através da rede, possibilitando o uso e acesso à informação de maneira mais rápida, devido à interação direta entre o receptor e a informação. Portanto, no momento que as empresas se encontravam em estágio avançado no tratamento da comunicação com os seus diversos públicos, surge uma nova mídia e ferramenta de marketing e comunicação, dinâmica, moderna e interativa: a *Internet*.

Entre esses avanços, encontra-se o livro, que vem inovando seu suporte físico ao longo da história, desde sua confecção em tiras de seda, argila, tábuas, papiro, pergaminho e papel. A invenção de sua versão impressa, graças à prensa de Gutenberg, em meados de 1450, motivou uma grande inovação na edição desse tipo de documento, o que proporcionou um alcance inimaginável, levando-o a deslocar-se entre continentes, regiões e outros. Porém, nada se compara à invenção do livro eletrônico no final do século XX, que altera comportamentos informacionais, haja vista a desfronteirização do mundo, fazendo com que se conviva com o acesso instantâneo, quase em tempo real. Essas duas inovações – livros impressos e eletrônicos – se tornam indispensáveis ao desenvolvimento científico, tecnológico e cultural. A internet e o sistema *web* fizeram com que o livro se tornasse mais acessível, sobretudo, com as políticas de inclusão, as quais dão a oportunidade de o leitor poder estar em contato com vários livros ao mesmo tempo, possibilitando maior difusão da informação (PATRIOTA; CUNHA, 2006).

Outra oportunidade advinda da novidade da Internet e do sistema Web é a mudança de paradigmas concernentes à ação de leitura que, com o livro eletrônico e as possibilidades *hipertextuais*, permite a leitura não linear. A esse respeito, Terra (2006, p. 13) assevera que:

[...] comparada aos meios de comunicação, a web permite as leituras não lineares (*hipertextuais*), multiplicando os caminhos oferecidos pela navegação. As mídias, antes isoladas, agora dialogam, interagem e interferem e interagem entre si, complementando informações e aumentando as possibilidades de sentido das mensagens. De *multi*, as informações passam a ser *hipermidiáticas*.

À medida que novas tecnologias foram introduzidas, disponibilizando novas ferramentas, os serviços e produtos das bibliotecas aos poucos se tornaram automatizados. Servem de exemplo: a implementação dos Catálogos *Onlines* de Acesso Público (OPACS) e a automação de atividades de catalogação, indexação, empréstimos, dentre outros. Também não podemos negar os outros produtos e serviços oriundos dessas tecnologias, por exemplo, o aparecimento dos primeiros livros e bases de dados em CD-ROM, além de resumos e, recentemente, periódicos eletrônicos, somente para citar alguns. Essas mudanças em termos de produção, suporte de registro, forma de tratamento, organização, disseminação, recuperação, acesso e uso dos produtos e serviços das bibliotecas afetaram a rotina dessas organizações. Com essas mudanças, as Bibliotecas Universitárias tiveram que se adaptar à mais recente delas: a incorporação de acervos eletrônicos, sejam eles livros, dissertações, teses, ou periódicos, entre outros.

Os acervos eletrônicos e seu compartilhamento são uma realidade nessas bibliotecas, que precisam otimizar esses recursos junto à sua comunidade de usuários. Isso se faz necessário porque essas organizações são, em sua essência, um espaço de aprendizagem que deve possibilitar formas diversificadas de acesso ao conjunto de recursos informacionais disponíveis, independentemente de seu formato, localização e suporte.

Inserida nessa realidade, a Biblioteca Universitária da Universidade Federal do Ceará (UFC) também passa a adquirir, por compra, um acervo de livros eletrônicos, como exigência de um novo modelo de ensino que já insere esse tipo de livros nas bibliografias das práticas de ensino. Assim, desde 2009 adquiriu títulos de livros eletrônicos, nas mais variadas áreas do conhecimento, com a finalidade de

disponibilizá-los a toda comunidade universitária, no intento de oferecer mais uma alternativa de fonte de informação para a pesquisa, o ensino e a extensão.

Com o intuito de estudar o uso dos livros eletrônicos pelos usuários da pós-graduação da UFC é que nasceu a ideia desta investigação científica. Esses livros poderiam proporcionar-lhes maior comodidade, uma vez que podem ser acessados 24 horas por dia, de qualquer máquina instalada na UFC ou fora de seu espaço físico. Estão disponíveis 365 dias por ano, transcendendo as barreiras de tempo e espaço, possibilitando consultas simultâneas, com ausência de fila de espera para o empréstimo e sem necessidade de reservas, dando a possibilidade de ter uma biblioteca inteira em um computador por meio de *downloads* de capítulos ou até mesmo em telefones celulares.

Como a implementação de qualquer tipo de empreendimento exige alguma forma de planejamento, de ações para que se torne viável o capital nele investido, faz-se necessário que sejam feitas avaliações de modo que venham a corrigir possíveis falhas. Foi observando essa realidade que esta pesquisa foi realizada de modo a buscar respostas ao seguinte questionamento, que orienta os rumos deste trabalho: **Que fatores são considerados determinantes para o uso dos livros eletrônicos comprados e disponibilizados no sistema de bibliotecas da UFC, por alunos e professores dos programas de pós-graduação dessa instituição, contemplados com esse tipo de acervo?**

A motivação para o desenvolvimento desta pesquisa advém da experiência como bibliotecária gestora de uma das bibliotecas do sistema, bem como de conversas com a comunidade acadêmica a respeito desse acervo. Percebeu-se que grande parte dela não tinha conhecimento da existência do acervo eletrônico. Ao buscar a literatura sobre o tema em lide, observou-se que havia pouco trabalho sobre o assunto, principalmente, teses e dissertações. Esse fato pode ser oriundo de duas vertentes: uma, é que a formação de acervos dessa natureza, até o momento, se encontra em fase embrionária nas bibliotecas universitárias brasileiras; a outra, é que o uso do livro eletrônico ainda não é uma tônica na cultura acadêmica.

Do ponto de vista social, esta pesquisa pode trazer contribuições para outras que contemplem a avaliação do uso de livros eletrônicos, no âmbito das bibliotecas universitárias brasileiras, mesmo que o objeto de estudo, neste caso, seja apenas a pós-graduação. Outra curiosidade que contempla a motivação dessa pesquisa é saber se, efetivamente, esses livros são utilizados com a mesma

amplitude que os livros convencionais, pois, em tempos virtuais, a impressão que se tem é de que esses são pouco utilizados.

Com a finalidade de responder à indagação acima, definiu-se como objetivo geral desta pesquisa: **investigar os fatores determinantes para o uso dos livros eletrônicos comprados e disponibilizados no sistema de bibliotecas da Universidade Federal do Ceará, por alunos e professores dos programas de pós-graduação dessa instituição, contemplados por esse acervo.** Decorrem deste objetivo, os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar o grau de conhecimento dos estudantes e professores de pós-graduação da UFC sobre a existência dos livros eletrônicos comprados e disponibilizados pela Universidade nos cursos por eles contemplados;
- b) Verificar se estudantes e professores de pós-graduação da UFC conhecem as estratégias de acesso e como utilizam o acervo de livros eletrônicos a eles destinados;
- c) Investigar se estudantes e professores de pós-graduação têm o hábito de usar em suas atividades acadêmicas e de pesquisa os livros eletrônicos adquiridos pela UFC para seus cursos;
- d) Averiguar se professores de pós-graduação da UFC indicam livros eletrônicos, comprados e disponibilizados pela UFC em suas bibliografias básicas;
- e) Avaliar importância e satisfação do uso do livro eletrônico dos acervos das Bibliotecas da UFC, nas atividades de pesquisas acadêmicas por parte de alunos e professores de pós-graduação dessa instituição.

A metodologia norteadora deste estudo apoia-se na pesquisa exploratória, com uma amostragem não probabilística, pois, devido à estratégia de coleta de dados, pensou-se ser inviável uma amostra definitiva. O método que sustenta nossa análise é o funcionalista, haja vista que este método estuda a sociedade do ponto de vista da função de suas unidades, isto é, como um sistema organizado de atividades, entre outras coisas. Quanto à abordagem, optou-se por uma de cunho quanti-qualitativo, por buscar traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las, bem como estruturar as falas dos participantes da pesquisa.

A efetivação da pesquisa empírica deu-se por meio de um questionário aplicado à população de professores e estudantes dos programas de pós-graduação da Universidade Federal do Ceará, contemplados pelo acervo de livros eletrônicos, com amostra constituída por 774 participantes distribuídos nos programas de pós-graduação dos centros, faculdades e institutos, a saber: Física (Centro de Ciências), Tecnologia de Alimentos (Centro de Ciências Agrárias), História (Centro de Humanidades), Direito (Faculdade de Direito), Economia (Faculdade de Economia, Administração, Atuárias e Contabilidade), Enfermagem (Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem), Medicina Coletiva (Faculdade de Medicina), Comunicação Social (Instituto de Cultura e Arte), POLEDUC (Representando os cursos de mestrado profissional). Excluíram-se dessa amostra os programas de pós-graduação em Engenharia Civil (Centro de Tecnologia), Ciências Marinhas (Instituto de Ciências do Mar) e Educação Brasileira (Faculdade de Educação) pelo fato de os mesmos não terem enviado respostas aos vários ofícios que solicitavam autorização para utilização dos e-mails de professores e alunos desses programas.

O questionário foi o instrumento de coleta de dados, elaborado e aplicado por meio da ferramenta *Google Docs*, tendo ficado disponível durante 30 dias na *Internet*. Após tal período, não se contabilizaram as respostas enviadas.

O trabalho está organizado em sete capítulos. O primeiro capítulo, introdutório, contextualiza o tema da pesquisa, a problemática, a justificativa e os objetivos, além de trazer um resumo da metodologia e do modo como o trabalho foi estruturado. No capítulo seguinte, encontra-se o embasamento teórico da pesquisa, os conceitos trabalhados, histórico do livro (de sua origem aos dias atuais), a chegada da *Internet* no mundo e no Brasil, o surpreendente crescimento do uso de livros digitais no planeta, a polêmica do fim do livro, o estudo de uso de livros digitais e os direitos autorais, com a não existência de uma legislação específica para *e-books*. No capítulo terceiro, discorre-se sobre a biblioteca híbrida, levando em consideração o avanço das novas tecnologias, bem como o papel dos bibliotecários nesses novos ambientes de trabalho. O capítulo quarto traz uma breve explanação sobre avaliação centrada nos consumidores, fazendo uma retrospectiva sobre a avaliação, dando ênfase à avaliação de serviços educacionais, destacando a importância dos teóricos na Avaliação Educacional Brasileira. Esse capítulo também discorre sobre o estudo da avaliação no contexto do Sistema de Bibliotecas Universitárias, o uso da informação e, por último, dos livros eletrônicos.

A metodologia do estudo empírico encontra-se apresentada no quinto capítulo, no qual se discute sobre o método científico para a sustentação das análises dos achados da pesquisa, bem como sobre o tipo de pesquisa e os instrumentos de coletas, análise e interpretação dos dados. Ainda neste capítulo há algumas considerações sobre a o Sistema de Bibliotecas da UFC. No sexto capítulo, encontram-se a análise e interpretação dos dados obtidos durante toda a investigação, enquanto que no sétimo capítulo estão expostas as reflexões conclusivas da pesquisa.

2 A EVOLUÇÃO DOS SUPORTES DA ESCRITA: DE DESENHOS FEITOS EM CAVERNAS AO LIVRO DIGITAL

O livro, que atualmente conhecemos, passou por várias transformações ao longo do tempo. Considerado como o canal da sabedoria, *status* social e autoridade decorrente do saber que culturalmente possui, ele data de mais de seis mil anos. Vários povos registraram sua passagem, confeccionando-o nos mais diferentes tipos de materiais, aprimorando e difundindo conhecimentos e experiências.

Os estudos de Costa e Ferreira (2000) apontam que, na Pré-História, o homem procurou se comunicar por meio de desenhos feitos nas cavernas. Este homem comunicava-se por meio da troca de mensagens feitas em pinturas rupestres, que passavam ideias e transmitiam desejos e necessidades. Porém, por não ter uma organização gráfica, esse tipo de comunicação não é considerado como um tipo de escrita.

As autoras argumentam ainda que foi somente por volta de 400 a.C. que a escrita cuneiforme foi desenvolvida pelos sumérios. Eles utilizavam placas de barro para difundir esta escrita. Os antigos egípcios desenvolveram também a escrita quase na mesma época. Existiam no antigo Egito dois tipos de escrita, “[...] a demótica (mais simplificada) e a hieroglífica (mais complexa formadas por desenhos e símbolos), escritas usadas na Pedra de Roseta.” (COSTA; FERREIRA, 2008, p. 30). Segundo Ribeiro (2009), os egípcios sentiram a necessidade de um novo suporte para sua escrita, o qual foi encontrado na própria vegetação do Egito, mais precisamente nas plantas às margens do Rio Nilo: o papiro, planta aquática, de fibras resistentes e flexíveis, encontradas na parte inferior do talo, que, unidas em lâminas, serviam de superfície própria para a escrita. Essa planta representou para os egípcios o suporte da escrita hieroglífica, veículo de transmissão do conhecimento e da sensibilidade do homem da época. Devido a sua importância, era comum o papiro ser reciclado: raspava-se a tinta e reutilizava-se o papiro para novos desenhos ou nova escrita. Benício (2003, p. 25) assevera que

[...] o papiro foi a base de registros que mais se desenvolveu na Antiguidade Clássica. Atravessou séculos, levando a cultura do Egito a outros povos, oferecendo ao homem a oportunidade de realizar o seu maior desejo: comunicação e diálogo. Permitiu não só a preservação da memória cultural, mas serviu também de testemunho da história dos materiais usados pelo

homem. Foi nesse rústico suporte que os egípcios, gregos e, depois, romanos, registraram as primeiras obras consideradas literárias.

Ribeiro (2009) esclarece que o papiro foi substituído pelo pergaminho quando os fenícios deixaram de exportar para a Ásia as folhas de papiro, o que tornou o pergaminho o principal suporte de escrita durante quase toda a Idade Média, por ser um material mais resistente, fino e durável, além de permitir a escrita dos dois lados. Recebeu este nome por ter nascido na cidade de Pérgamo. Era obtido a partir de peles de animais (como ovelhas, cabras e cordeiros), depois de esticadas, secas e polidas após um banho em cal, para evitar o mau cheiro. As peles secas eram esfregadas dos dois lados com argila e pedra-pomes. Desse material de escrita que surgiu o livro em seu formato atual, pois ele, por ser mais resistente e duradouro, permitia a reunião de várias folhas em formato de brochura.

Com apoio em Jaguaribe (1999), pode-se aludir que foi graças ao pergaminho, que possibilitou a costura pelo vinco, que se deu o surgimento do códex, uma compilação de páginas não mais um rolo, sem que as folhas se rasgassem ou desgastassem pelo manuseio. Dessa forma, os manuscritos foram se modernizando e novos suportes foram sendo desenvolvidos, até chegar ao papel tal qual o conhecemos hoje.

O difícil processo de ler, mediante o gradual desenrolar de papiros e pergaminhos, ficou substituído pelo fácil manuseio de um texto escrito em folhas costuradas por sua margem esquerda, ou direita, para certas grafias, graças ao sistema de códex, inventado pelos cristãos no século IV d.C. (JAGUARIBE, 1999, p. 24).

O papel teve origem na China. Fabricava-se com misturas de trapos de tecidos de seda com cascas de árvores que, depois de molhados, eram batidos até formarem uma pasta, que era peneirada para escorrer a água, tornando-se uma folha de papel depois de seca. Desse material nasceram os primeiros livros escritos à mão, obra dos copistas. Seu preço era elevado e seu acesso restrito apenas à nobreza e à igreja.

A difusão dos livros durou séculos. Por meio de muitos esforços, os copistas executavam a arte de copiar sem interferir nos escritos, isto é, buscavam copiar tal e qual os escribas haviam escrito, reproduzindo, inclusive, a mesma caligrafia, para que as partes de um livro não ficassem desiguais.

A grande revolução na produção de livros deu-se somente no século XV, com o alemão Gutemberg, que inventou a prensa de tipos móveis. Com esse invento, a Bíblia Sagrada passou a ser o primeiro livro impresso, em 1455.

Figura 1 – Bíblia Sagrada, o primeiro livro impresso, em 1455



Fonte: <<https://www.google.com.br/search?hl=pt=-isch&source=univ&sa=X&ei=VKjy>>.

Pode-se inferir que, por meio do invento dos caracteres móveis e da tipografia, ocorreu em várias partes do mundo a reprodução ilimitada de textos e imagens de forma idêntica, permitindo a diferentes pessoas acessar as mesmas informações. A reprodução de cópias de livros com mais rapidez e eficiência permitiu a expansão e a difusão do conhecimento que se desencadeou na Europa. Para Chaves (2005), esse invento foi à força motriz de uma série de transformações muito rápidas que, sem sua existência, teria ocorrido de maneira muito mais gradual e lenta.

Com a invenção de Gutenberg tornou-se possível transmitir informações de um-para-milhares/milhões. Houve a disseminação da informação de forma mais democrática, quando o conhecimento deixou de ser de poucos, para abranger uma massa maior. A informação ganhou novas fronteiras e o pensamento alastrou-se por áreas ou regiões a que antes não tinham acesso, mesmo sendo a alfabetização um privilégio de poucos. Houve, nesse sentido, uma quebra do modo de reter o conhecimento, antes limitado a poucos (CHAVES, 2005, p. 28).

Nessa acepção, Ribeiro, Chagas e Pinto (2007, p. 33) citam o pensamento de Victor Hugo, em *Nossa Senhora de Paris*, de 1831, onde afirma:

A invenção da imprensa é o maior acontecimento da história. É a revolução mãe [...] é o pensamento humano que larga uma forma e veste outra... é a

completa e definitiva mudança de pele dessa serpente diabólica, que, desde Adão, representa a inteligência. (RIBEIRO; CHAGAS; PINTO, 2007, p. 33).

Com a imprensa e a utilização do papel, gerou-se uma nova forma de acessibilidade. O livro tornou-o um estímulo ao conhecimento das letras e à geração de novas informações, configurando-se numa tecnologia revolucionária ao possibilitar um maior acesso e disseminação da informação. “O livro impresso foi considerado como um instrumento de libertação do homem, por favorecer as classes menos favorecidas, o acesso ao conhecimento” (BENÍCIO, 2003, p. 20).

Os primeiros livros impressos, chamados de incunábulo, rapidamente ganharam popularidade e mercado, devido à agilização do processo produtivo e conseqüente barateamento do livro que, finalmente, passou a ter a possibilidade de ser popularizado. (FERNANDES, 2001, p. 29).

McMurtrie (1997) afirma que não há na história da cultura humana um acontecimento que tenha a importância do invento da pressão dos tipos móveis:

Seria preciso um volumoso livro para apresentar, mesmo em esboço, as repercussões desta invenção em todos os campos da iniciativa e experiência humana ou para descrever os seus resultados na libertação do espírito da humanidade dos grilhões da ignorância e da superstição. (McMURTRIE, 1997, p. 159).

Até a década de 1980, toda produção textual era disponibilizada no formato impresso ou manuscrito. Entretanto, nas últimas décadas, com o desenvolvimento tecnológico, o computador pessoal e o advento da *Internet*, volumes inimagináveis de informações passaram a ser acessados por qualquer indivíduo, a qualquer momento, bastando, para isso, um computador e um telefone para a conexão.

Em 1968, Alan Kay, pesquisador americano, que na época integrava o Palo Alto Research Center (PARC) da Xerox Corporation, escreveu um artigo em que previu um computador portátil, capaz de armazenar milhares de livros em sua memória. Esse computador, para ele, teria o tamanho de um livro e não necessitaria do uso do teclado. Kay chamou-o de *Dynabook* (livro dinâmico, em inglês). Ele permitiria o acesso à informação como jamais se viu. Kay previu também que o uso das bibliotecas e dos livros impressos seria afetado (GIORNO, 2012).

Há algum tempo, o livro vinha sofrendo interferências no modo de ser e de se mostrar ao leitor. Muito de sua mudança física já vinha se configurando com o avanço das tecnologias de impressão e diagramação de páginas.

Hoje vemos o livro mudar de suporte ou mídia, e transformar-se em um novo corpo. (SANTOS, 2003, p. 2).

Enfim, o livro tem passado por grandes transformações ao longo do tempo, em seu suporte físico, até chegar ao seu novo *design*, o livro eletrônico, o qual é o nosso objeto de pesquisa.

2.1 A *Internet* e o sistema de informação eletrônica

Com a chegada do computador e da *Internet*, a leitura se estendeu para outros suportes além da materialidade do papel, seu acesso passou também a ser feito por meio de suportes digitais. Com este avanço, o livro tornou-se mais acessível, sobretudo com as políticas de inclusão que, além de tornarem a leitura não linear, pois o leitor pode estar em contato com vários livros ao mesmo tempo, possibilitam uma maior difusão da informação.

A *Internet* teve início com a rede digital na década de 1960, foi popularizada pela primeira vez em 1982, pelo cientista Vinton Celf. O mesmo criou, em parceria com o cientista Bob Kahn, em 1983, o TCP/IP (*Transmission Control Protocol/Internet Protocol*), linguagem usada por todos os computadores conectados à rede. Conforme defende Cesca (2005), teoricamente, a vantagem dessa linguagem é que ela permite o crescimento ilimitado da rede, facilitando a implementação em diferentes plataformas de *hardware*. Cesca (2005, p. 20) ainda ressalta que a *Internet* sofreu uma “revolução com o surgimento da *World Wide Web (WWW)*”, sistema de *hipertextos* que facilita a navegação do usuário por meio de *links* clicáveis que levam a outros *sites*. Esse novo sistema revolucionou a *Internet*, facilitando o acesso do usuário e permitindo que *sites* incorporassem e compartilhassem imagens, textos, vídeos, sons, gráficos e outros elementos na rede global, tendo como principais padrões o protocolo de comunicação *Hypertext Transfer Protocol (HTTP)*.

Em 1990, Lévy, o *hipertexto*

É um conjunto de nós por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, ou parte de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que eles mesmos podem ser *hipertextos*. Navegar em um *hipertexto* significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicado quanto possível, porque cada nó pode por sua vez, conter uma rede inteira. (LÉVY, 2004, p. 33).

Figura 2 – Hipertexto (rede)



Fonte: Google imagens <<https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=imghp&tbm=>>.

Entretanto, não se pode esquecer que o termo *hipertexto* foi cunhado, no início dos anos 1960, por Theodore Nelson, que o considerava como um meio de estruturar um texto de modo a que diferentes níveis de detalhes possam ser aderidos de maneira não sequencial pelo leitor. Seu escopo é o de permitir que o usuário possa pesquisar outros assuntos referidos no texto com a finalidade de se aprofundar no assunto de sua pesquisa. A proposta de Ted Nelson foi ampliada por Lévy (1997, p. 43), em seu livro *O que é o virtual*, no qual argumenta que

[...] hipertexto, hiperímídia ou multimímídia interativo levam adiante, portanto, um processo já antigo de artificialização da leitura. Se ler consiste em selecionar, em esquematizar, em construir uma rede de remissões internas ao texto, em associar outros dados, em integrar as palavras e as imagens a uma memória pessoal em reconstrução permanente, então os dispositivos hipertextuais constituem de fato uma espécie de objetivação, de exteriorização, de virtualização dos processos de leitura. Aqui, não consideramos mais apenas os processos técnicos de digitalização e de apresentação do texto, mas a atividade humana de leitura e de interpretação que integra as novas ferramentas.

Na visão de Ribeiro (2008), o conceito de *hipertexto* foge ao domínio informático e transpõe-se em domínios como o das cidades e o das bibliotecas de verdade, sendo, portanto, ampliado para o conceito de

[...] *hiperímídia* pela associação entre hipertexto e multimímídia. Textos, imagens e sons tornam-se disponíveis à medida que o usuário percorre as ligações existentes entre eles. A *WWW* é o sistema *hiperímídia* mais conhecido na atualidade. Sua independência de plataforma e a possibilidade de agregar novos recursos e serviços aos documentos apresentados implicam a facilidade de execução dos vários recursos pedagógicos. (CESCA, 2005, p. 17).

A *hipermídia* expande os princípios da escrita eletrônica para o domínio da comunicação, do som e da imagem. Por sua flexibilidade e por seu dinamismo, tudo o que se percebe audiovisualmente pode fazer parte da textura dos documentos digitais, fazendo com que a distinção entre escritor e leitor fique cada vez menos nítida.

Para Ribeiro (2008), o texto eletrônico em formato *hipertextual* e *multimídia* disponibiliza um novo mecanismo de leitura e de escrita, em que o usuário pode interagir com a informação disponibilizada por uma rede navegável de conexões de forma mais dinâmica, podendo optar entre várias trajetórias e maneiras possíveis de leitura, de modo rápido e fácil a outra informação necessária para sua compreensão. Essa percepção de *hipertexto* é viabilizada pelas tecnologias eletrônicas e digitais de informação e de comunicação, entretanto, sua popularização se configura com maior intensidade na *Internet* e no sistema *Web*, ambientes em que o acesso à informação passou a ser a grande mudança de paradigma, cuja matéria prima é o conhecimento e a informação registrada.

2.2 A *Internet* no Brasil

Desde o seu surgimento, a *Internet*, como uma tecnologia que possibilita o armazenamento e o acesso a uma quantidade inimaginável de informação, teve seu alcance para além do País de origem, adentrando em todos os continentes do globo terrestre. No Brasil, esse alcance se deu por várias iniciativas, tanto privadas como por parte do Governo Federal. Uma delas deu-se na década de 1970 quando,

Em 1973 o Prof. Leonard Kleinrock, pioneiro da ARPANET, veio ao Brasil ministrar um curso de Teleprocessamento na PUC/RJ e eu, que tive a oportunidade de estar entre os participantes, fiquei fascinada e dali em diante comecei a me dedicar à área de redes [...] (TAROUCO, 1981, p. 350 *apud* CARVALHO, 2006, p. 73).

O Estado do Rio de Janeiro foi pioneiro do serviço brasileiro de popularização da *Internet*, operado pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), em 18 de janeiro de 1989 (AFONSO, 2000). A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), nesse mesmo ano ligou-se a *Bianet*, com o auxílio da Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA). Conforme os estudos de Ferreira (2008), outro fato importante para o desenvolvimento da *Internet* no

Brasil foi a criação da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP) neste mesmo ano, com o objetivo de construir uma infraestrutura de rede de *Internet* nacional para a comunidade acadêmica. Dez anos depois, os Estados do Rio de Janeiro e São Paulo foram visitados pelo grupo da *Coordinating Committee for International Research Networks (CCIRN)*, para averiguar a possibilidade de instaurar múltiplas conexões entre o Brasil e os Estados Unidos. Ainda nesse âmbito, a *Internet* foi um acontecimento importante no Brasil e, em maio de 1995, já estava em funcionamento definitivo por meio da Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel). Entretanto, a iniciativa privada se manifestou contra a exclusividade dada à empresa como provedor de *Internet*. Sua consolidação no Brasil se deu no ano de 1997, com a presença de bancos, universidades e governo na rede.

Ademais, a *Internet* comercial brasileira, assim como nos Estados Unidos, teve um rápido crescimento com a disseminação da *Web*, que, por meio das transações feitas pelo comércio eletrônico, levou ao surgimento de lojas virtuais e à criação de portais de busca, como Universo *On Line* (UOL), Booknet, Cadê? e Brasil On Line (BOL); programas de televisão, jornais e revistas contribuíram para atrair à *Internet* os “incluídos digitais”, os quais eram consumidores que possuíam acesso a linhas telefônicas e microcomputadores (CARVALHO, 2006).

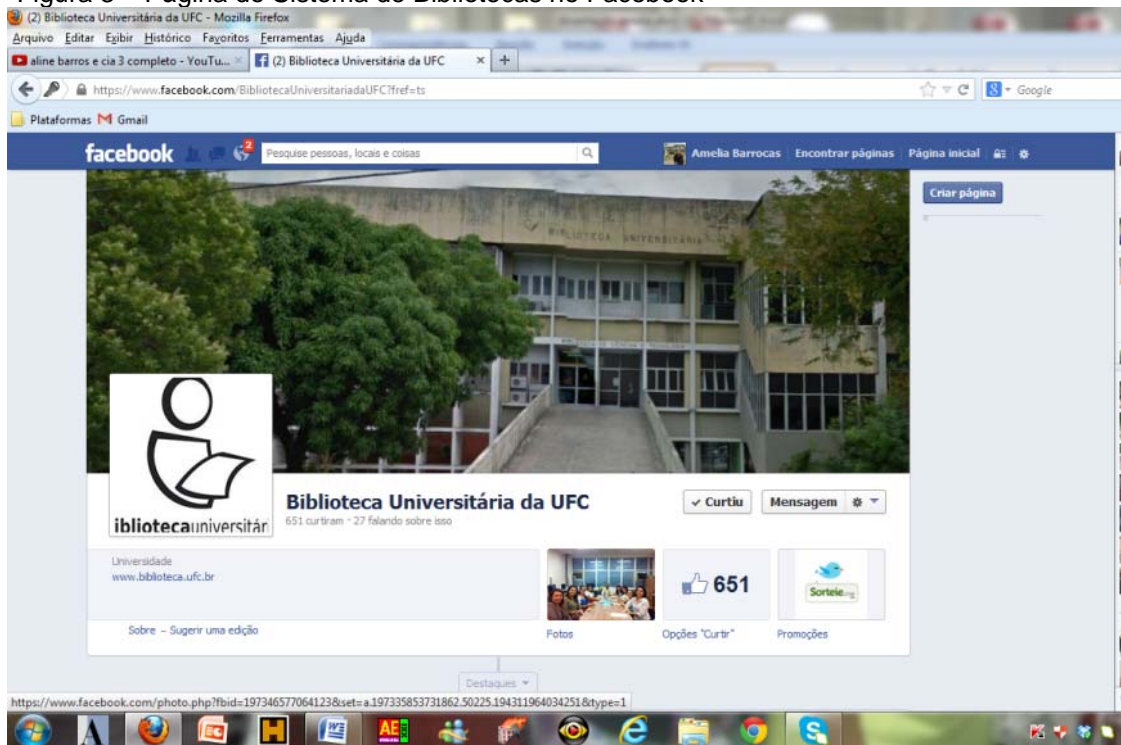
Pode-se dizer que mudanças significativas estão sendo vivenciadas nos últimos anos com utilização da *Internet*, transformações que estão cada vez mais acentuadas para satisfazer as exigências de seus usuários. No início da *Internet*, os utilizadores somente consultavam páginas da *Web* e trocavam *e-mails*, hoje, recorre-se às redes sociais para os mais variados usos, desde a realização de negócios à criação e estabelecimento de relações afetivas.

Dentro desse contexto é que as redes sociais tornaram-se importantes para as Bibliotecas Universitárias (BUs), pois, por meio de suas ferramentas, proporcionam diversas possibilidades em serviços e produtos de informação.

Para Click e Petit (2010 *apud* AGUIAR, 2012), as redes sociais tornaram-se os canais de comunicação preferidos pela Geração Y, geração da Internet, por isso, tornaram-se um meio eficaz para as bibliotecas e bibliotecários manterem um contato mais próximo com seus usuários, além de permitir uma interação maior entre os mesmos.

É dentro desse contexto que o Sistema de Bibliotecas da UFC divulga suas notícias, seus eventos e suas aquisições de livros, impressos e eletrônicos.

Figura 3 – Página do Sistema de Bibliotecas no Facebook



Fonte: Facebook - <https://www.facebook.com/BibliotecaUniversitariaUFC?fref=ts>.

2.3 O livro eletrônico

Como já mencionado na introdução desse trabalho, o suporte do livro veio sendo modificado ao longo da história, o que culminou com o mais recente deles, o livro eletrônico, que é mais uma consequência das tecnologias eletrônicas e digitais de informação e de comunicação. Não há, contudo, um consenso sobre o que se entende por livro eletrônico, chamado por alguns de *e-Book*, *i-Book*, Livro Eletrônico, *Hipertexto*, Livro Digital, etc. Entretanto, para o que se propõe nesse trabalho, cita-se o levantamento feito por Dias, Vieira e Silva (2013) no quadro 1:

Quadro 1 – Acepções relativas ao conceito de livro eletrônico

Nº. de ordem	Acepções relativas ao conceito de livro eletrônico	Autor(es)
1	Um livro digital é apenas uma grande coleção estruturada de bits que podem ser transportados em CD-ROM ou em outros meios de armazenamento ou entregues através de uma conexão de rede, e que é projetado para ser visualizado em uma combinação de hardware e software que vão desde terminais burros a navegadores Web em computadores pessoais, até os novos dispositivos leitores de livro [...].	(LYNCH, 2001, tradução nossa)
2	Definido como um pequeno aparelho portátil, com capacidade para armazenar na memória uma expressiva quantidade de textos, o livro eletrônico pode também ser considerado como conteúdo disponibilizado na Internet para download em um computador.	(SILVA; BUFREM, 2001; p.2).
3	[...] nós usamos o termo e-book para significar qualquer trecho de texto eletrônico, independentemente do tamanho ou composição (um objeto digital), mas excluindo as publicações do jornal, disponibilizadas eletronicamente (ou óptica) para qualquer dispositivo (portátil ou de mesa) que inclua uma tela.	(ARMSTRONG; EDWARDS; LONSDALE, 2002, tradução nossa)
4	Concomitante a tentativa de formar um conceito que possa diferenciar e caracterizar as bibliotecas emergentes na Sociedade da Informação, surge um novo paradigma quanto à forma de registrar e disseminar a informação: o livro eletrônico ou <i>Electronic Book</i> (e-book). Este termo está sendo utilizado para nomear o livro em formato eletrônico, podendo ser baixado via Internet para o computador por meio de <i>download</i> e para o aparelho que permite a sua leitura fora do computador, possibilitando uma maneira mais simples de compor e disponibilizar um livro para o leitor.	(BENÍCIO; SILVA, 2005, p. 4)
5	4.3.5 E-books Documentos digitais, licenciados ou não, em que o texto pesquisável é prevalente, e que pode ser visto como uma analogia a um livro impresso (monografia). O uso de e-books é, em muitos casos dependentes de um dispositivo dedicado e/ou um leitor especial ou software de visualização.	(National Information Standards Organization, 2005, tradução nossa)
6	Os e-books, muitas das vezes, são confundidos com a simples digitalização de livros físicos o que não é correcto. Para ser considerado um e-book é preciso que sejam tidos em consideração alguns pontos importantes no que diz respeito ao aspecto estético, gráfico e organizacional, ou seja, o tipo de letra deve ser o mais adequado, a quantidade do texto deve ser mais distribuída entre as páginas, o uso de cores e os contrastes obedecem a critérios específicos, para além da possibilidade de utilização de recursos multimédia como sons, gráficos e vídeos e alguns deles até mesmo a interactividade através de exercícios, quizzes e jogos.	(BOTTENTUIT JUNIOR; COUTINHO, 2007)

Nº. de ordem	Acepções relativas ao conceito de livro eletrônico	Autor(es)
7	Os livros eletrônicos comumente em uso hoje são primeiramente representações computadorizadas de livros físicos. Podem ser imagens escaneadas de páginas (visíveis como PDFs), ou fluxos de texto formatáveis que são reconstruídos por um aplicativo de software para assemelhar-se à páginas em um dispositivo de leitura.	(CARDEN, 2008, tradução nossa)
8	(1) Um e-book é um objeto digital com conteúdo textual e/ou outros conteúdos, que surge como resultado da integração do conceito familiar de um livro com características que podem ser fornecidas em um ambiente eletrônico. (2) E-books, geralmente têm características em uso tais como funções de pesquisa e de referência cruzada, links de hipertexto, marcadores, anotações, destaques, objetos multimídia e ferramentas interativas.	(VASSILIOU; ROWLEY, 2008, p.363, tradução nossa).
9	Um <i>e-book</i> é compreendido pela maior parte das pessoas como sendo uma versão digitalizada de um livro (a informação) impresso em papel que pode ser acessada através de um desktop ou um notebook (o dispositivo). A essência desta idéia está correta, mas podemos lapidá-la um pouco mais. Prefiro tratar a idéia de <i>e-book</i> como a fusão do conteúdo informacional com um dispositivo de tecnologia da informação projetado especificamente com a tarefa de disponibilizar e expandir a funcionalidade de um livro convencional, ou seja: <i>e-book = dispositivo de tecnologia da informação + conteúdo informacional.</i>	(DIAS, 2010)
10	No entanto, no que diz respeito ao e-book, sua representação mental tem escassa concretude, e oscila entre a realidade de um dispositivo ou suporte para visualização (desde os primeiros que apareceram no mercado, até o mais sofisticado, como o Kindle da Amazon) e o texto processado digitalmente que nele se insere.	(LOPEZ SUAREZ; LARRANAGA RUBIO, 2010, tradução nossa)
11	Um livro eletrônico (e-book) é uma publicação digital que pode consistir em texto, imagens ou uma combinação de ambos. Um livro eletrônico pode ser lido em um dispositivo digital proprietário (e-reader) ou em um computador, o que requer um software especial.	(TECHNOPEDIA, 2012, tradução nossa)

Fonte: <<http://wrco.ccsa.ufpb.br/wrco/?p=182>>.

Além desses, ainda encontram-se outros que vêm na mesma direção. A propósito, Barker (1991, p.145), diz que “O livro eletrônico são sistemas de entrega de informação que são capazes de prover seus usuários com acesso a páginas de informação eletrônica com que podem interagir.” Tal conceito deixa muito a desejar, haja vista que apresenta a ideia, inclusive de entrega, fato que não se configura

como livro eletrônico. Outro que discute essa questão é Dziekaniak (2010, p. 84), trazendo uma pesquisa que evidencia a confusão sobre o conceito desse tipo de livro:

O termo e-book tem sido utilizado para designar tanto a máquina de leitura como os documentos em formato de livro disponibilizados na Internet. Esse conflito terminológico carece de tratamento por parte das áreas envolvidas com o estudo dos suportes informacionais, desde bibliotecários, usuários e desenvolvedores desta tecnologia, para que nomeiem e designem os termos apropriados a cada conceito, evitando ambigüidade semântica para tecnologias distintas.

O livro eletrônico tem múltiplas funcionalidades que permitem o acesso instantâneo a documentos e vem ao encontro das ideias de muitos escritores, de fazer com que suas obras cheguem a um número ilimitado de leitores.

O e-book é uma novidade eletrônica, uma outra opção de suporte, pode ser baixado instantaneamente pelos usuários num "clique" de mouse (por um download) em qualquer lugar do mundo, a preços inferiores ao livro em papel; pode transportar para qualquer lugar uma enorme quantidade de livros com comodidade; fazer anotações de pesquisa de palavras, marcar páginas sublinhar, ampliar o tamanho de letra e ainda efetuar pesquisas; proporcionar proteção ao meio ambiente, haja visto que milhares de árvores não serão desmatadas; poder ser lido no escuro; apresentar grande benefício para algumas pessoas alérgicas, que terão no aparelho um grande aliado ao evitar o manuseio de obras muito antigas e empoeiradas. (BENÍCIO, 2003, p. 63).

Figura 4 – Livro eletrônico pelo iPad



Fonte: Google imagens <https://www.google.com.br/search?hl=pt-R&site=im_ghp&sch&source=hp&biw=1525&bih=668&q=livro+eletrônico>.

Conforme Silva (2002), assim como o livro impresso, o livro eletrônico também passa por fases de transição no processo de fortalecimento de um produto com pretensões de substituir os átomos pelos dígitos binários, buscando superar o livro tradicional, tanto na parte cultural quanto comercial.

[...] O livro eletrônico se refere a uma publicação digital não periódica, quer dizer, que se completa em um único volume ou em um número predeterminado de volumes e que pode conter textos, gráficos, imagens estáticas e em movimento, assim como sons. Também se nota que é uma obra expressa em várias mídias (multimídia: textos, sons e imagens) armazenadas em um sistema de computação. Em suma, o livro eletrônico se explica como uma coleção estruturada de bits que pode ser transportada e visualizada em diferentes dispositivos de computação. (GAMA RAMÍREZ, 2006, p. 12).

Silva (2002) destaca que o livro eletrônico teve dois momentos: o primeiro, no emprego de elaboração de textos produzidos na *Internet*, quando o *hipertexto* passou a ter larga difusão; e o segundo, com o surgimento dos *devices*, uma referência clara e indiscutível ao livro impresso, vencendo barreiras que o *hipertexto* não consegue transpor, como a portabilidade, pois este ainda não conseguiu se desvencilhar da matéria (PC), apesar de ser produzido em *bits*.

Podemos destacar também as grandes facilidades para a leitura desse novo invento, desde *desktops*, *laptops* ou *palm pilots*, *iPads*, *iPods* e até em celulares como o *iPhone*, *Sansug Galaxy* e outros mais, possibilitando assim o desenvolvimento de opções totalmente novas para a leitura digital.

Em se tratando do mercado desse tipo de suporte, a *Amazon* foi precursora no mercado de *hardware*, com o leitor de livros eletrônicos *Kindle*, em novembro de 2007. Após o sucesso com o *e-reader*, a companhia decidiu lançar, em 2012, o próprio *tablet* chamado *Kindle Fire*, que segundo a *Strategy Analyst*, é usada por 20% dos americanos, perdendo apenas para o *iPad* da *Apple* que domina o mercado com 62% dos equipamentos portáteis.

Pode-se inferir que a disputa entre a *Amazon*, com o *Kindle*, e a *Apple*, com o *iPad*, não vai parar por aí, as duas estarão sempre concorrendo, qual delas lançará no próximo ano um modelo mais inovador e mais atrativo aos seus consumidores.

Figura 5 – Kindle Fire



Fonte: Amazon.com.

Figura 6 – Ipad



Fonte: Apple.com.

Independentemente da polêmica do conceito de livro eletrônico, as pesquisas têm mostrado que a sua inserção nas universidades e em outros ambientes de ensino e de cultura já é uma constante. A esse respeito, os estudos de D'Ambra *et al.* (2013, p. 49), apontam que

Números de vendas de e-books demonstram o impacto que o surgimento de e-books está tendo na indústria editorial. Na Austrália, a venda de e-books cresceu mais de 100% entre 2008 e 2009 (Cox, 2010). Nos Estados Unidos, a Association of American Publishers (2012) informou que de janeiro de 2011 a janeiro de 2012, as vendas de e-books para adultos e crianças/adultos jovens e-books aumentaram 49,4% e 475,1%, respectivamente. Com este crescimento exponencial nas vendas de e-books, a indústria editorial está se transformando através da prática de novas relações comerciais e modelos com os parceiros da indústria. Esses novos modelos de negócios estão revolucionando cadeia de fornecimento dos livros tradicionais. Um setor impactado pela revolução do e-book é o setor educacional (publicação para escolas e instituições de ensino superior).

O que podemos extrair de toda essa revisão de literatura é que o livro impresso ainda se sobrepõe ao eletrônico, pois continua sendo um dos maiores bens que a humanidade já conquistou, tornando-se muitas vezes uma companhia indispensável ao homem, tanto como objeto de uma leitura coletiva, quanto como participante da intimidade de um leitor em diálogo silencioso com as próprias

inquietações, sejam elas de cunho íntimo, referente à vida, sejam também aquelas relativas à produção de conhecimentos. Entretanto, todos esses atributos não impediram que as tecnologias eletrônicas e digitais de informação e de comunicação adentrassem ao seu ambiente, que acabou sendo incorporado ao computador como quase todas as funções e atividades humanas nesta era da informação.

Muito se discute sobre o livro eletrônico, se este substituirá o livro impresso, conhecido desde a impressão da Bíblia, em 1455, por Gutemberg. Alguns pesquisadores acreditam que ambos conviverão, enquanto outros mais radicais preveem o fim do livro em formato tradicional. Manzoni Jr. (2010), a partir de uma pesquisa realizada na Feira de *Frankfurt*, com mais de mil representantes do mercado editorial de todo o continente europeu, presume que em 2018 os livros eletrônicos superarão em volume de negócios os livros de papel.

Entretanto, parece assustadora, e até mesmo absurda, a ideia de que o livro, tal qual se conhece, seja extinto, principalmente porque ele ainda faz parte da cultura, do cotidiano, sendo impensável a sua total substituição pela informação digital (BENÍCIO, 2003). Esta pode ser uma percepção equivocada e resistente às mudanças, dada a explosão de *e-books* em todas as áreas, da literatura ficcional à científica, que fizeram intelectuais, filósofos e pedagogos perguntar-se sobre o destino do livro impresso, maravilhosa invenção de quase quinhentos anos.

Outros estudos que merecem destaque são aqueles feitos por Costa e Andrade (2009), a partir de um evento sobre o futuro do livro, realizado em *San Marino*, em 1994, e o roteiro de uma obra organizada por Geoffrey Nunberg, o livro *The future of book*, publicado em 1996, que trazia os textos de diversos autores que, em maior ou menor grau, revelavam a preocupação com o futuro do livro impresso. Tendo como questão central o debate sobre as perspectivas do livro impresso, tal como o conhecemos, num futuro de cultura digital, principalmente pelo momento privilegiado da *Internet* na época. Presente ao evento estava um dos mais renomados filósofos, Umberto Eco, o qual liderava a posição de cautela e defesa do livro impresso, ainda que demonstrando entusiasmo com a evolução das diversas mídias digitais. Eco considerava que *McLuhan*, autor do livro *The Gutenberg Galaxy*, havia falhado espetacularmente em pelo menos duas de suas proféticas previsões: primeiro, a de que a imagem se sobreporia radicalmente à escrita; segundo, a de que o livro pereceria inevitavelmente diante da multimídia emergente. Para o intelectual italiano, essa história de “isto matará aquilo” é um engano que atravessa

os séculos e tem suas origens já na cultura clássica. Afirmou ainda: “não acredito na morte do livro impresso, a única mudança é seu suporte físico, pois, sua função e sua sintaxe permanecem em mais de quinhentos anos.” (COSTA; ANDRADE, 2009, p. 48).

Entretanto, Mike Shatzkin (2010 *apud* YANO 2010, p. 1), em uma entrevista em agosto de 2010 a revista Exame, ajuíza que o *e-book* é um caminho sem volta e que tem prazo para acontecer. Em sua previsão, argumenta que “Em no máximo 30 anos, uma criança ao ver um livro de papel estranhará e perguntará ‘o que é aquilo mamãe?’”. E acredita que em dez ou quinze anos o livro impresso não deixará de existir, mas será um objeto exótico, uma vez que todas as necessidades provocadas por ele serão supridas pelo digital.

Dentro dessa perspectiva, discorre-se das várias vantagens para a adesão do livro eletrônico, em comparação ao tradicional. Além de ser considerado um livro ecológico – não utiliza papel, ocupa um espaço reduzido nas prateleiras – um *e-reader* pode armazenar uma gigantesca quantidade de livros em sua memória, tornando possível o acesso imediato a toda uma biblioteca, além da possibilidade de portabilidade. Um *Kindle*, por exemplo, comporta até 1.500 livros, podendo o tamanho e tipo da fonte serem alterados (MANZONI JR., 2010).

Entretanto, não se pode afirmar que o livro impresso, considerado uma maravilha do século XV, que mexeu com o cotidiano das pessoas, mudando seu modo de pensar e de agir possa sucumbir às múltiplas funcionalidades do livro eletrônico, isso só o tempo poderá mostrar.

2.4 Algumas palavras sobre direitos autorais

Mesmo com todas as funcionalidades do livro eletrônico, ele não escapa às questões legais de autoria. Também é protegido pelas leis autorais, assim como o livro impresso, não podendo, ser distribuído ou comercializado sem a autorização expressa de seu autor, assim como também não pode ser alterado ou plagiado, devendo seus autores ser mencionados quando utilizados trechos de seu conteúdo em alguma citação. Os livros digitais gratuitos, de domínio público, devem obedecer às leis que regem essas obras para distribuição livre e também, a legislação do direito autoral referente aos plágios e citações.

Não havendo legislação específica para implicações legais e sociais da difusão irrestrita dos livros digitais (*e-books*), estas se baseiam na Lei nº 9.610/98, que protege os direitos autorais, e na Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1998), que considera crime o empoderamento de forma indevida da obra de um autor.

A Lei nº 9.610/98, Lei do Direito Autoral especifica que é uma forma de apropriação indébita, utilizar o que é do outro, sem consentimento. A obra é propriedade intelectual do autor que auferir percentual sobre a venda de exemplares de sua obra e, um bem produzido pelo editor. Portanto, fazer cópias de obras sem autorização do autor e do editor é um crime, um roubo. (DUARTE; PEREIRA, 2009, p. 31).

Esses autores asseveram ainda que o direito de autor tem por escopo assegurar ao criador uma participação moral e outra financeira, no que diz respeito ao uso da obra que criou (isso, quando não se tratar de uma autorização gratuita). Vale ressaltar que não são os autores que são protegidos e, sim, as obras. Portanto, é desta forma que eles se tornam favorecidos por essa proteção. Desse modo, o direito de autor “protege as formas de expressão das ideias e não as ideias, propriamente ditas. É necessário que elas tomem um corpo físico, expresso mediante um livro, um desenho, um filme ou etc.” (DUARTE; PEREIRA, 2009, p. 12).

3 A BIBLIOTECA HÍBRIDA

Também seguindo a tendência da sociedade, no que diz respeito ao uso das Tecnologias Eletrônicas e Digitais da Informação e da Comunicação (TEDIC's), as bibliotecas passaram a incorporar produtos e serviços oriundos dessas tecnologias, quebrando velhos e sólidos paradigmas. Sendo assim, o processamento da informação vem sendo alterado com a inserção dessas tecnologias, no que diz respeito à catalogação, armazenamento, seleção, recuperação e disseminação do conhecimento. Essa novidade vem causando uma grande revolução, transformando e criando novas necessidades e adaptabilidades. Já se ouve, inclusive, falar em bibliotecas nas nuvens, nanotecnologia nas bibliotecas, entre outras coisas do gênero, a exemplo da figura 7.

Figura 7 – Biblioteca nas nuvens



Fonte: <<http://labibliotecasemueve.files.wordpress.com/2012/11/biblioteca-digital1.jpg>>.

Para a Biblioteconomia, o surgimento do novo sistema de informação em rede despontou uma nova realidade de disseminação, acesso e uso da informação, em que vários usuários podem ter acesso à informação ao mesmo tempo, fazendo, assim, alusão às bibliotecas virtuais, eletrônicas e digitais, por agruparem suportes não convencionais que facilitam a disseminação da informação em tempo real.

Dentro desta realidade, Ferreira (2012, p. 1) ressalta que,

[...] a convergência dos avanços na computação e nas tecnologias de comunicação tem tido um impacto significativo na maneira como os sistemas de informação estão sendo criados, administrados e utilizados. As bibliotecas, especificamente, estão incorporando novas políticas de desenvolvimento de suas coleções e disponibilizando novos produtos e serviços de informação na Internet.

A partir do excerto, depreende-se que, com a introdução das novas tecnologias de mercado, as bibliotecas tradicionais estão realizando mudanças em seus acervos, de modo que os mesmos possam ser fortalecidos com a existência simultânea de livros impressos e digitais. Tal atualização permite uma acessibilidade maior da informação, aproximando as bibliotecas do que Cunha (1994) definiu como a biblioteca do futuro, que, segundo ele, é

[...] sem paredes, por possibilitar o acesso à distância a seus catálogos, sem a necessidade de se estar fisicamente nela. É eletrônica, pois seu acervo, catálogos e serviços são desenvolvidos com suporte eletrônico. E é virtual, porque é potencialmente capaz de materializar-se via ferramentas que a moderna tecnologia da informação e de redes coloca à disposição de seus organizadores e usuários. (CUNHA, 1994, p. 187).

No entendimento de Garcez e Rados (2002), com o avanço das novas tecnologias, os bibliotecários desenvolveram competências adequadas às necessidades de alinhar as aplicações da biblioteca digital com a coleção e os serviços da biblioteca convencional, tornado-as *bibliotecas híbridas*, ou seja, lugares em que convivem o material convencional e o digital. Esse novo paradigma exige certas habilidades profissionais do quadro de pessoal para atender às novas dimensões da prática bibliotecária. As autoras citam Rusch-Feja (1999), para quem a biblioteca híbrida é um estado de transição da biblioteca atual, cujo acervo não pode ser completamente impresso nem completamente digital, integrando o acesso a diferentes tecnologias por meio de diferentes mídias.

Levy (2004 *apud* CUNHA, 1997, p. 197) questiona que “A atual definição de biblioteca digital é muito restrita e não irá satisfazer as necessidades futuras dos usuários”. Assim, ele propõe que haja uma integração das mídias (documentos híbridos). Como exemplo, tem-se o caso do Sistema de Bibliotecas da UFC, que dispõe de livros, periódicos e teses impressos e digitais, o que o torna um sistema híbrido.

A biblioteca híbrida surgiu para unir, em uma só biblioteca, o melhor dos dois mundos, o digital e o impresso, agregando diferentes tecnologias e diferentes fontes.

Tais bibliotecas, no novo cenário tecnológico, abrangem todos os tipos de bibliotecas em sua rede de serviços, e todos os tipos de suporte – agora com as mídias integradas, tradicionais ou não, no suporte eletrônico disponível, para o atendimento em linha aos usuários, com “valor agregado”. (GARCEZ; RADOS, 2002, p. 47).

Figura 8 – Biblioteca Híbrida



Fonte: <<http://1.bp.blogspot.com/-IKi-de3b878/ToF8UdAIR0I/AWI/k-bUHD2S65o/LibraryintheCloud.JPG>>.

Além disso, esse novo modelo de biblioteca demanda profissionais capacitados para exercer as novas funções da biblioteca, que é muito mais dinâmica do que a analógica e oferece possibilidades de extensão. Na próxima seção versar-se-á sobre essas mudanças de paradigmas concernentes a esse profissional — desde o surgimento da necessidade de uma formação técnica e especializada para o trabalho em bibliotecas, capaz de transformar um local de saberes e conhecimentos restritos em um ambiente melhor estruturado, que disponibilize conteúdos organizados de modo a que todos possam ter acesso, aos dias atuais — o Bibliotecário da era digital, capaz de ter uma visão estratégica, utilizar as novas tecnologias para redefinir tarefas antigas.

3.1 O papel do bibliotecário como profissional da informação

Da Antiguidade até o período da Renascença não existia o bibliotecário que se conhece atualmente. Ele geralmente era um sacerdote ou figura de elite, conhecido como guardião de livros, que vivia recluso em sua biblioteca e preocupado em salvaguardar e copiar as obras dos acervos. Tanto na Antiguidade como na Idade Média, as bibliotecas não eram de acesso ao grande público. Poucos tinham o privilégio de consultá-las, pois eram consideradas símbolos de poder e acúmulo de conhecimento. Para Baptista e Brandt (2006), as bibliotecas só se configuraram como atualmente após o surgimento do livro impresso. Antes sua

existência se dava sob três tipos, as bibliotecas dos mosteiros de ordens religiosas, as das universidades e as particulares, pertencentes, a reis, nobres ou aos grandes senhores. As primeiras bibliotecas públicas só surgiram a partir do século XVII, com o patrocínio dos mecenas, pessoas que, para obter prestígio, patrocinavam artistas e escritores.

A partir da Revolução Francesa foi que as bibliotecas foram abertas ao grande público e a figura do bibliotecário começou a ganhar visibilidade social. A biblioteca passou a não ser mais o local do saber e conhecimento restrito, mas um local a que todos podiam ter acesso (BAPTISTA; BRANDT, 2006).

Em meados do século XIX, foi sentida a real necessidade de haver um profissional com formação especializada e técnica como o bibliotecário. Nesse período, embora as pessoas atuassem nas bibliotecas, não existia a formação de Biblioteconomia, a qual somente veio a existir a partir do século XIX, com a escola de nível superior *Ecole de Chartes*. Após essa iniciativa, surge o curso nos Estados Unidos. Portanto, a formação de bibliotecários teve início a partir de dois modelos, um tecnicista, o modelo norte-americano, e outro mais pragmático, o modelo francês (BAPTISTA; BRANDT, 2006).

No século XX em seu livro *O nome da rosa*, Umberto Eco ressalta a real importância da função do bibliotecário através de um personagem de sua obra.

Somente o bibliotecário recebeu o segredo do bibliotecário que o precedeu, e o comunica, ainda em vida, ao ajudante-bibliotecário, de modo que a morte não o surpreenda, privando a comunidade desse saber. [...] Somente o bibliotecário, além de saber, tem o direito de mover-se no labirinto dos livros, somente ele sabe onde encontrá-los e onde guardá-los, somente ele é responsável pela sua conservação. [...] somente o bibliotecário sabe da colocação do volume, do grau de sua inacessibilidade, que tipo de segredos, de verdade ou de mentiras o volume encerra. Somente ele decide como, e se deve fornecê-lo ao monge que o está requerendo [...] (ECO, 2003, p. 44).

No Brasil, o primeiro curso de Biblioteconomia surgiu na Biblioteca Nacional, durante a gestão de Manoel Cícero Peregrino da Silva, por meio do decreto 8.835, de 11 de julho de 1911, porém, somente passou a funcionar em 1915, permanecendo até 1922, posteriormente transferido para a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), onde continua até hoje, como referência no país.

No Estado do Ceará, o Curso de Biblioteconomia da UFC foi criado em 17 de fevereiro de 1964, mas seu funcionamento só foi autorizado com a Resolução de nº 174, de 22 de janeiro de 1965.

A busca da identidade do profissional e a procura para definir sua jurisdição aparecem por meio da regulamentação da profissão, em 1962, que foi conseguida depois de muitos esforços. As tarefas do bibliotecário são descritas como:

Art. 5º - A profissão de bibliotecário, observadas as condições previstas neste Regulamento, se exerce na órbita pública e na órbita privada por meio de estudos, pesquisas, análises, relatórios, pareceres, sinopses, resumos, bibliografia sobre assunto compreendidos no seu campo profissional, inclusive por meio de planejamento, implantação, orientação, supervisão, direção, execução ou assistência nos trabalhos relativos às atividades biblioteconômicas, bibliográficas e documentológicas, em empreendimentos públicos, privados ou mistos, ou por outros meios que objetivarem, tecnicamente, o desenvolvimento das bibliotecas e centros de documentação. (BRASIL, 1965, p. 1-2).

Ao longo do tempo, foram criados muitos cursos de bacharelado e de pós-graduação em Biblioteconomia em todo o mundo. Entretanto, de caráter bastante distinto de sua criação, o bibliotecário de hoje trabalha com questões interdisciplinares como Análise Documentária, Linguística, Lógica, Terminologia e Organização do Conhecimento.

3.2 O papel do bibliotecário na era digital

A partir da década de 90, com o surgimento da *Web* e das Tecnologias de Informação (TIC's), novas demandas foram surgindo, tornando-se necessária a adaptação do profissional da área de Biblioteconomia, no intuito de acompanhar o advento e posicionar-se de acordo com esta nova exigência, não perdendo espaços e atuando como agente de mudança e provedor da informação. O Bibliotecário, que acompanhar todos os avanços tecnológicos, absorver suas potencialidades, aperfeiçoar e agregar valor a estes conhecimentos e, se for o caso, desenvolver novas metodologias para estruturar e tornar acessível a massa de informações disponibilizada na rede (BENÍCIO, 2003).

Espera-se, do profissional da informação, uma postura efetiva frente aos recursos decorrentes do acesso livre à publicação científica. A disseminação da informação científica está sendo democratizada, quebrando barreiras de acesso e alterando o modelo tradicional de publicação, que exigia, anteriormente, trâmites burocráticos, desde a sua publicação, até o usuário final. (RODRIGUES; CRESPO, 2006, p. 3).

Para Benício (2003), as novas tecnologias têm permitido a valorização do profissional bibliotecário, no entanto, têm exigido do mesmo um perfil que atenda às necessidades advindas da Sociedade da Informação–SI. Assim, ele precisa empenhar-se em agregar valor à informação e não apenas em organizar para preservar, mas organizar para facilitar seu acesso, uso e disseminação.

Dentro desse contexto, o papel do bibliotecário da SI será o de *gateway* (guia) ou *gatekeeper* (orientador) do usuário, uma vez que ele será o elo entre os meios e as formas de acesso à informação e aos portais do conhecimento, organizando, refinando e pesquisando a informação desejada através dos novos recursos tecnológicos.

[...] os bibliotecários, profissionais que privilegiam a informação no seu fazer cotidiano, têm um papel importante a cumprir na sociedade do conhecimento. Inculcar a consciência da importância deste papel juntamente com princípios como ética, solidariedade humana, capacidade crítica e de questionamento pode fazer o diferencial necessário na construção de uma sociedade mais justa e equilibrada. (SILVA; CUNHA, 2002, p. 81).

Ele precisa conhecer e envolver-se nesse novo ciclo de transferência da informação, passando pelas etapas de criação, reestruturação e representação da informação até a disseminação e uso.

O Bibliotecário necessita: ter visão estratégica; ter visão econômica; adotar técnicas de qualidade e marketing; saber trabalhar em equipes multidisciplinares; ser gestor e não guardião da informação; saber manipular e disseminar as novas tecnologias da informação; utilizar as novas tecnologias para redefinir tarefas antigas. (VICENTINI, 1997 apud SANTOS, 2000, p. 9).

Pode-se inferir, com o autor supracitado, que, na atual Sociedade da Informação, tanto as bibliotecas como as instituições sociais e os bibliotecários devem atuar como agentes democratizadores do uso da *Internet* e de seus recursos, com criatividade e qualidade, potencializando e multiplicando o acesso à informação com precisão e equidade, evitando o crescimento da exclusão digital e facilitando o uso da informação a um número maior de pessoas. Esse profissional criativo, segundo Amaral (1995, p. 225),

[...] conseguirá adaptar-se às novas demandas informacionais dos usuários e do mercado de trabalho, pois, no futuro, o único elemento não disponível por meio de computadores, por mais inteligente que esses venham a ser, será a criatividade, essencial para a sobrevivência do profissional da informação.

O grande diferencial na tomada de decisão é o uso inteligente da informação; saber buscá-la e usá-la com rapidez e segurança. É dentro deste contexto que o bibliotecário deve ser entendido como co-educador que forma parceria com o professor, procurando superar as dificuldades do aluno e transpor as barreiras no uso de uma metodologia propícia, utilizando-se dos recursos disponíveis em sua área de atuação. A esse respeito, Santos-Rocha e Maia asseveram que,

[...] os recursos informacionais existentes na biblioteca, adicionados aos suportes tecnológicos disponíveis, em que o bibliotecário assume papel de co-educador, criam um diferencial perante aqueles que procuram e utilizam a informação, na busca do saber, cumprindo as funções da Universidade no sentido mais amplo, ou seja, no aprimoramento do saber e no atendimento às necessidades da pesquisa e da divulgação perante a comunidade, dos recursos e acervos da biblioteca, que por meio de um ambiente informatizado torna possível recuperar e disseminar a informação armazenada em unidades de informação, independentemente da sua localização física, possibilitando que seja utilizada de forma interativa e dinâmica. (SANTOS-ROCHA; MAIA, 2009, p. 5-6).

Nessa perspectiva, podemos aferir que o bibliotecário da era digital tem que ter um diferencial dos demais, deve ser criativo e ter uma visão proativa, estar sempre em busca do que há de mais moderno, manuseando e disseminando a informação.

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A AVALIAÇÃO

A palavra *avaliar* vem do latim *a-valere*, que significa *dar valor a*. Tal palavra passa a ganhar uma estrutura conceitual de atribuição de um valor ou qualidade a alguma coisa, ato ou curso de ação, implicando um posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto, ato ou curso de ação avaliado. (LUCKESI, 2000).

Justamente por isso, Gonçalves (2005, p. 7) defende a avaliação como uma “[...] proposta que não pode estar indissociada da compreensão da dinâmica da vida social, pois a avaliação é permeada pelos movimentos e pelas mudanças dos fenômenos históricos.” Corroborando com essa ideia, Andriola e Souza (2010, p. 55), ajuízam que a “[...] cultura de avaliação é um processo que demanda tempo, continuidade, informação e reflexão capaz de provocar consciência institucional e novas atitudes mentais.”

No período paleolítico foi criada a primeira atividade industrial, com a confecção de machados, lanças, cajados e facas fabricadas de lascas de pedras. Segundo Dias Sobrinho (2001), as primeiras formas de avaliação vieram dos nossos antecedentes primitivos, na passagem do hominídeo para o *Homo sapiens*, através das necessidades de sobrevivência. Poderíamos dizer que, em sentido geral, avaliar é uma capacidade inerente do ser humano, ela está presente no cotidiano dos indivíduos.

A partir dessa reflexão, Vianna (2000, p. 22) ratifica que “Desde o início do processo civilizatório houve alguma forma de avaliação. Ousaríamos dizer que a avaliação surgiu com o próprio homem [...] o homem observa, o homem julga, isto é, avalia.” No transcorrer dos tempos, os grupos sociais foram perpassando e orientando seus legatários por meio do ato de avaliar todas as experiências vivenciadas, desde o Velho e o Novo Testamento, em suas passagens bíblicas, quando profetizam o certo e o errado, o moral e o amoral, o belo e o feio. Nessa perspectiva, podemos dizer que a avaliação é composta de subjetividade, procedimentos e normas de conduta instituídas pelo homem (BAUER, 2010).

Dentro desse contexto, pode-se ajuizar que a avaliação se configura sempre em relação a algo que carece de uma referência: um projeto institucional, um projeto político-pedagógico, que é o objetivo a ser atingido em função do qual a avaliação tem sentido.

Afere-se que a avaliação é uma prática informal, quando compreende procedimentos não sistemáticos, ou coleta formal de dados, fundamentada normalmente em percepções; e social, quando usada para seleção e não só para julgamento. Esse tipo de avaliação não é planejado, no sentido de que não dispõe de preparos prévios para coleta de dados, como acontece com a formal.

Essas avaliações informais assumiam (e ainda assumem) os mais diversos significados e serventias ao longo das escolhas e decisões humanas. Apesar de estarem presentes no cotidiano, elas retomam alguns marcos históricos da moderna avaliação de programas. Já conforme Worthen, Sanders, Fitzpatrick, (2004, p. 62), avaliação formal, é definida como “O uso sistemático de informações e critérios acurados para atribuir valores e justificar juízos de valor.” A diferença entre a avaliação informal e a formal é que a informal nem sempre é prevista e, conseqüentemente, os avaliados não sabem que estão sendo avaliados. Por isso, deve ser conduzida com ética.

4.1 Avaliação de serviços educacionais

Embora a avaliação tenha se desenvolvido com bastante entusiasmo na área da gestão das organizações privadas, ela também adentra nas instituições públicas, sejam elas educacionais ou não.

Numa retrospectiva sobre avaliação no Brasil, registros apontam a influência da psicologia até os anos 50, época em que a análise da problemática da educação era abordada na perspectiva individual e a aprendizagem era compreendida como mensuração das habilidades individuais por meio de testes. Com a intenção de assegurar a eficiência do sistema escolar, houve uma mudança no foco da avaliação, passando para um planejamento voltado para a racionalização do trabalho, graças às influências das teorias do capital humano e do tecnicismo (BARRETTO; PINTO, 2001).

Foi somente no final dos anos 1980 e início dos anos 1990 que a avaliação brasileira se configurou, por meio de estudos de avaliação que começaram a ser realizados, embora de uma forma restrita, envolvendo especialmente a avaliação do sistema de ensino sob a ótica do seu produto. Herald Vianna (2000), em seu livro *Avaliação Educacional: teoria – planejamento – modelos*, apresenta pontos fundamentais de pensamentos de estudiosos como

Tyler, Cronbach, Scriven, Stufflebeam, Stake e Parlett e Hamilton, entre outros, que muito contribuíram para a avaliação educacional. Para o autor, pareceu importante considerar a atuação numa área pouco desenvolvida no contexto brasileiro, possibilitando explorar antigas experiências, que permitiram desvendar os caminhos que levam à teoria e à atuação prática em um domínio bastante específico, mostrando pontos de vista de cada um desses precursores da avaliação.

Vianna (2000) destaca a importância dos teóricos na Avaliação Educacional Brasileira, enfatizando pensamentos de cada um:

Na Avaliação Baseada em Objetivos, Ralph W. Tyler (1982) desenvolveu o método sistemático de avaliação de projetos, baseando-se na coincidência entre objetivos definidos e resultados obtidos. A avaliação é compreendida, por ele, como um processo terminal. O ponto fraco desse método é que ele não permite fazer alterações ao projeto durante o processo de avaliação.

[...] o processo avaliativo consiste, basicamente, na determinação de quanto os objetivos educacionais estão sendo atingidos por programas curriculares e instrucionais. Todavia, com o os objetivos educacionais expressam mudanças em seres humanos, isto é, os objetivos visados traduzem certas mudanças desejáveis nos padrões de comportamento do aluno, a avaliação é o processo destinado a verificar o grau em que essas mudanças comportamentais estão ocorrendo (TYLER, 1982, p. 35).

Ralph W. Tyler é considerado, nos dias atuais, o grande precursor da Avaliação Educacional, pois suas ideias não só influenciaram os autores de sua época, mas também das gerações seguintes.

A Planificação Avaliativa, de LEE J. Cronbach (1982), considera que a consciência política, uma mentalidade aberta e uma boa comunicação estabelecida pelo avaliador são as chaves para uma boa avaliação. Cronbach dá grande destaque ao trabalho de equipe, alegando que ninguém está totalmente qualificado para se encarregar, sozinho, da avaliação. Isto apresenta vantagens, pois surgem diversas perspectivas que enriquecem o trabalho e proporcionam debates profissionais.

De um ensaio produzido por Cronbach (1963), intitulado “Course Improvement Through Evaluation”, no qual se aborda o conceito, função e metodologia da avaliação, que pode ser sintetizado da seguinte forma:

- a) Avaliação pode ser um instrumento de grande utilidade para os programadores; assim, deverá centrar suas atividades em torno da tomada de decisões, a partir da própria avaliação;
- b) Avaliação deverá atuar durante o processo de desenvolvimento do programa, e não apenas esperar o seu final;
- c) Avaliação deve priorizar o estudo das características estruturais do próprio programa, em detrimento do uso de comparações.

Cronbach (1963), desenvolveu também um plano teórico que se destacou principalmente por conceber a avaliação como um processo de identificar e coletar informações que visava à tomada de decisão.

Na Avaliação sem Referência a Objetivos, Michael Scriven (1978) propõe que o avaliador desconheça, deliberadamente, os objetivos do projeto. O conhecimento desses poderá desviar a atenção apenas para os indicadores que se relacionem com os ditos objetivos, o que poderá impedir a apreciação de outros fatores que não serão evidenciados. De acordo com o autor, poderá haver projetos em que os resultados não previstos sejam mais importantes que os pretendidos. Assim, a ênfase é colocada sobre os receptores do projeto – clientes – e as suas necessidades, interesses, pensamentos e aspirações.

Em Avaliação e Decisão, Daniel Stufflebeam (1978) parte da concepção de que a avaliação é o processo de identificar, obter e proporcionar informação útil e descritiva acerca do valor e do mérito dos objetivos, da planificação, da realização e do impacto provocado, com a finalidade de servir de guia para a tomada de decisões, solucionar problemas e promover a compreensão dos fenômenos implicados. A vantagem com relação aos modelos anteriores reside na inclusão nos conteúdos da avaliação dos aspectos ligados ao contexto, à planificação, aos processos e aos produtos.

Na Avaliação Responsiva, Robert Stake (1986) destaca que a finalidade da avaliação é dar resposta às questões que se colocam aos alunos e professores quando desenvolvem o seu “projeto”. O recolhimento de informação tem como propósito a promoção do diálogo e do debate acerca das intenções iniciais da avaliação. Esse método assenta no pressuposto básico de que os implicados na avaliação venham a mudar as suas atitudes, opiniões e crenças, razão pela qual Stake preconiza a criação de condições para uma comunicação fluida entre

avaliador e “avaliados”, o que facilita a investigação, a descoberta e a solução de problemas.

A Avaliação Responsiva está voltada para atividades que correspondem às reais necessidades do aluno, apontando o sucesso e o fracasso das atividades apresentadas por meio de relatórios. Para se ter um retrato fiel das ações e reações, é preciso que o plano de observação para a coleta e registro de dados seja de qualidade.

Segundo Vianna (2000), Parlett e Hamilton desenvolveram a Avaliação Iluminativa. Fazendo uma crítica à avaliação tradicional e ao paradigma que intitularam de agrobotânico, estes autores afirmavam que:

[...] a forma mais comum de avaliação, do tipo agro-botânico; consiste em se verificar a eficiência de uma inovação, examinando se esta atende ou não a padrões ou critérios previamente definidos. Um pouco como se fossem sementes, os alunos são pré-testados (as sementes são pesadas e medidas) e, depois, submetidas a experiências diferentes (tratamentos). Após um certo período, o seu rendimento é medido (crescimento ou produção) para se constatar a eficiência relativa do métodos utilizados (fertilizantes). (PARLETT; HAMILTON, 1977, p. 7).

Ainda na perspectiva de Viana (2000), a Avaliação Iluminativa, para esses autores, se baseava no paradigma sócio-antropológico, com mais ênfase na descrição e interpretação de um processo educativo do que na medida e previsão de comportamentos. Quando se analisa um programa inovador, é necessário considerar que os objetivos propostos inicialmente por este programa sejam modificados e reinterpretados por aqueles que o executam. Ainda nessa percepção, a Avaliação Iluminativa que estava sendo proposta, na visão de seus críticos, constituía, na realidade, um simples método, e não tinha um embasamento suficientemente fundamentado, sendo, na realidade, uma simples reação à tradição psicrométrica em avaliação.

Segundo Andriola (2005), a avaliação institucional deve ser:

- a) Holística (propiciar conhecimento do todo),
- b) Participativa (buscar o engajamento dos atores),
- c) Útil (servir ao aprimoramento das IES),
- d) Ética (pautada em valores acadêmicos-ciêntíficos)
- e) Sistemática (ter ciclo regular)
- f) Iluminadora (geradora de novos conhecimentos)

- g) Pedagógica (propiciar a reflexão coletiva acerca dos conhecimentos gerados) e
- h) Indutora (Gerar novos comportamentos individuais e nova consciência coletiva)

Sousa (1998) diz que é incontestável a contribuição dos autores da área, que, empenhados fortemente em buscar novos caminhos ao processo avaliativo, levaram ao redirecionamento da função da avaliação. Por sua vez, a avaliação como prática educativa tomou por base as ciências humanas, cujo objeto é o Homem e sua existência.

A avaliação, para Cavalcanti Neto e Aquino (2009, p. 226), é uma etapa do ciclo administrativo que auxilia a gestão de organizações a corrigir os rumos do planejamento e que ocupa um espaço essencial no âmbito das atividades das instituições educacionais. Sua relevância deve-se ao fato, de que “possibilita aos envolvidos os dados sobre a realidade e o favorecimento das necessidades tomadas de decisão, no sentido de uma efetiva superação de dificuldades”.

Na era da Informação, a maior riqueza incide no compartilhamento da informação e no conhecimento dessa informação; quanto mais disseminada e compartilhada a informação, mais se amplia o crescimento. Neste contexto, a universidade tem uma relevância maior por ser uma fonte geradora e disseminadora do conhecimento (TEIXEIRA; FARIAS FILHO, 2008).

Pode-se inferir, com o autor acima citado, que é evidente a importância da universidade para a sociedade, sobretudo porque visa a formar e capacitar pessoas, incentivar a produção, o registro do conhecimento e a apoiar o desenvolvimento de pesquisas e atividades de extensão, fortalecendo o país como um todo. Ela é um ambiente que favorece o questionamento e a mudança, com vista ao aprendizado e à evolução intelectual. Ambiente esse que teve de se adaptar à nova realidade para acompanhar a velocidade das mudanças, que tinham como base a ampliação do conhecimento, imposta por constantes inovações de seus serviços, em consonância com o que afirmou Drucker (1999, p. 43): “Toda organização de hoje precisa embutir em sua própria estrutura a gerência da mudança.”

4.2 Avaliação no contexto do sistema de bibliotecas universitárias

Assim como as universidades, as bibliotecas universitárias, do ponto de vista organizacional, passam pelo mesmo processo. Além de definir seus objetivos, alimentam constantemente um sistema de informação para a implementação da gestão. Elas precisam ter uma visão estratégica para transmitir as informações que vêm provocando uma grande revolução em seus serviços ao longo do tempo até chegar ao seu mais novo formato, o digital.

Figura 9 – Evolução do livro



Fonte: Google <<http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=img&pb&source=hp&biw=1440&bih=>

Em 2000, Cunha, em seu artigo “Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010”, proferia:

[...] está claro que, à medida que um povo educado e com conhecimento se transforma no elemento-chave da prosperidade, segurança e bem-estar social, a universidade, nessa era de transformações rápidas, destaca-se como uma das mais importantes instituições do nosso tempo. (CUNHA, 2000, p. 87).

Vale ressaltar que as BU's vêm ganhando relevância sem precedentes na avaliação de seus serviços, oferecendo incessantemente produtos e serviços de qualidade a seus usuários, na tentativa de atender às necessidades de seus pesquisadores, evitando assim sérios danos às atividades acadêmicas bem como ao ensino e à pesquisa. Pode-se dizer que um serviço foi prestado com qualidade

quando ele é capaz de confirmar, de forma consistente, as expectativas que levaram o usuário a adquiri-lo.

Teixeira e Farias Filho (2008) consideram a biblioteca como sendo um elo entre o universo da produção intelectual e a demanda de seus usuários por suas respectivas necessidades de informação.

Gútiez (1993, p. 45) defende que,

[...] uma organização eficaz consiste em prestar bons serviços e não em criar modelos idealmente perfeitos. A eficácia de uma biblioteca não deve medir-se pela perfeição e meticulosidade com que se realizam os seus trabalhos técnicos, mas pelo grau de ajustamento às necessidades dos utilizadores, pela qualidade e quantidade dos serviços prestados e, em última instância, pelo grau de justificação do elevado custo que supõe um serviço bibliotecário quando digno desse nome.

Martinez (2004, p. 98), por sua vez, afirma que “[...] o novo modelo de biblioteca não tem como centro o livro, e sim o sujeito”. No novo milênio, as bibliotecas universitárias são concebidas como centros de recursos em que os serviços são centrados sobre as carências dos alunos, professores e pesquisadores da comunidade universitária e que estes serviços devem que ser constantemente atualizados e avaliados.

4.3 Estudo de uso da informação

Ao longo do tempo e no contexto da Ciência da Informação, o termo “informação” apresentou várias definições. Para Silva e Ribeiro (2002), as definições para a palavra “informação” dependem do processo que a produz, ou seja, a informação deve ser vista por meio das interações inerentes ao processo informacional. Eles explicam que informação se constitui no conjunto de representações mentais codificadas socialmente, contextualizadas e passíveis de serem registradas em qualquer suporte material e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multidirecionada.

Wersig e Neveling (1975, p. 12) argumentam que o termo “informação” somente pode ser definido em relação às necessidades informacionais dos usuários. Ou seja, em contextos de uso, “[...] tanto como redução de incertezas causadas como comunicação de dados quanto como dados usados para reduzir a incerteza.”

E, nesse sentido, os autores sistematizam as diversas abordagens da informação descrevendo as seis principais:

1) Abordagem Estrutural: orientada para a matéria. A informação existe independente da sua apreensão pelo ser humano.

2) Abordagem do Conhecimento: afirma que o conhecimento elaborado à base da percepção das estruturas da natureza é “informação”.

3) Abordagem da Mensagem: relacionada com a teoria matemática da comunicação, “informação” frequentemente torna-se sinônimo de “mensagem”.

4) Abordagem do Significado: existe relação com a abordagem da “mensagem”, entretanto considera como “informação” somente o significado da mensagem.

5) Abordagem do efeito: orientada para o receptor, afirma que a “informação” somente ocorre como um efeito específico em um processo específico, levando em consideração o receptor.

6) Abordagem do Processo: “informação” vista não como um componente do processo, mas sim como o próprio processo. A partir das limitações inerentes às várias abordagens, os autores fazem uma proposta para o entendimento do que seja informação na perspectiva da Ciência da Informação, como uma ciência baseada na noção de necessidades de informação de certas pessoas:

O termo básico informação pode ser entendido somente se definido em relação a estas necessidades de informação: tanto como redução de incertezas causada como comunicação de dados quanto como dados usados para reduzir a incerteza. (WERSIG; NEVELING, 1975, p. 12).

Choo (2006, p. 85), em seu livro *A Organização do Conhecimento*, descreve a informação sob o ponto de vista do comportamento humano, que envolve três dimensões: a cognitiva, a emocional e a situacional.

- A abordagem cognitiva de criação de significado desenvolvida e aplicada por Brenda Dervin;
- As reações emocionais que acompanham o processo de busca da informação identificadas por Carol Kuhthau;
- As dimensões situacionais do ambiente em que a informação é usada, proposta por Robert Taylor.

As três perspectivas têm em comum o pressuposto de que a informação é construída nos pensamentos dos usuários, e fica disponível na vida e no

ambiente de trabalho, cujas condições determinam seu uso e sua utilidade. As três perspectivas contribuem para um melhor entendimento da experiência humana de busca e uso da informação. Cada perspectiva lança sua própria luz sobre as escolhas e ações nos principais estágios do comportamento do emprego da informação: necessidade, busca e uso da informação. (CHOO, 2006, p.85).

Dando ênfase a essas três perspectivas, o autor argumenta que, no nível cognitivo, o estilo e preferências do indivíduo seriam capazes impactar o processamento da informação. Incalculáveis classificações têm sido desenvolvidas para diferenciar tipos de personalidades e preferências cognitivas. Cada tipo de personalidade poderia manifestar preferências e modos distintos, acumulando e utilizando a informação. No nível afetivo, a pessoa furta-se de utilizar informações que despertem emoções fortes e negativas nos outros ou neles mesmos. Além do mais, utilizam informações seletivas para evitar divergências ou remorsos. No nível situacional, as normas e regras de um grupo social, profissão ou organização podem influenciar o processamento e uso da informação.

Uma vez expostos os fatores afetivos, cognitivos e situacionais de cada uma das fases do comportamento informacional, Choo (2003, p. 67) considera essas três fases de forma integrada, propondo um modelo geral que representa o comportamento informacional pelos humanos.

Figura 10 – Modelo de comportamento informacional integrado de Choo



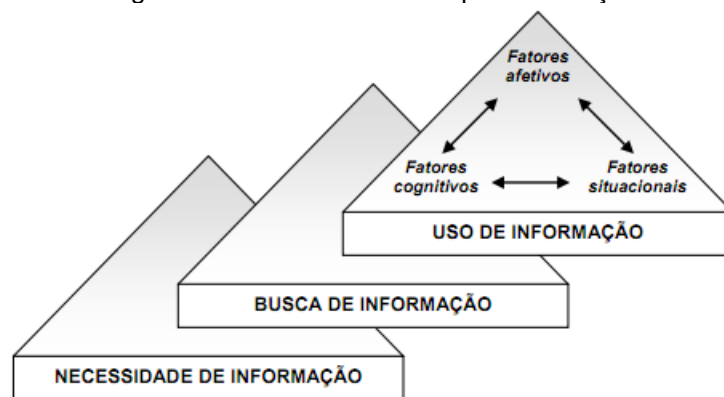
Fonte: Choo (2003, p. 67).

Nesse âmbito, pressupõe-se que para o uso da informação há a necessidade de busca da mesma. Segundo Choo (2003, p. 66), “A busca e o uso da informação são um processo dinâmico e socialmente desordenado que se desdobra em camadas de contingências cognitivas, emocionais e situacionais.” Ao

uso da informação está interligado o valor que o usuário projeta sobre determinada informação. Para isso, são realizados os estudos de usuários. Os estudos de usuários visam a saber o que os indivíduos precisam em matéria de informação, ou a saber se as necessidades de informação dos usuários de uma unidade de informação estão sendo satisfeitas (FRADE *et al.*, 2003, p.37).

Choo (2003, p. 67) tenta identificar e resumir os principais elementos que influenciam o comportamento do indivíduo quando demanda, procura e uso da informação, nas premissas baseadas no modelo abaixo:

Figura 11 – Modelo de busca por informação



Fonte: Choo (2003, p. 68).

Para melhor entendimento desse modelo, Choo (2003) explica cada uma das fases conforme o que segue:

- a) a necessidade da informação surge quando o indivíduo reconhece falhas em seu estado de conhecimento e em sua habilidade de dar sentido à sua experiência;
- b) a procura da informação é um processo no qual o indivíduo propositadamente busca a mesma para que possa mudar seu estado de conhecimento;
- c) o uso da informação ocorre quando o indivíduo seleciona e processa a informação ou mensagem, que leva à mudança da sua capacidade de dar sentido à sua experiência e agir ou responder em função do entendimento.

Kuhlthau (1999) descreve o processo de busca de informação a partir da perspectiva do usuário. A autora reconhece que a busca de informação é vista como um processo de construção de sentido no qual a pessoa busca formar o seu ponto

de vista. Segundo ela, a incerteza e a ansiedade são partes integrantes do processo, particularmente nos estágios iniciais. Macmullin e Taylor (1986 *apud* LEITÃO, 2010) afirmam que o modelo representante do processo de construção de sentido na busca de informação do usuário deveria incorporar três arenas de atividades: (1) físicas – cursos de ação tomados, (2) afetiva – sentimentos e sensações experimentadas, e (3) cognitiva – pensamentos relacionando conteúdo e contexto. O usuário se moveria, a partir de seu estado inicial de conhecimento ou estado anômalo do conhecimento para a resolução do problema.

4.4 Estudo de uso dos livros eletrônicos

O uso de livros eletrônicos vem crescendo em todo o mundo de modo surpreendente. No entanto, pouco se sabe sobre a preferência que esses livros têm frente aos tradicionais e o grau de satisfação dos usuários na adesão a esta nova ferramenta.

Portanto, neste capítulo pretende-se fazer um estudo de literatura do uso de livros eletrônicos e investigar o comportamento dos usuários que aderiram a este novo suporte.

Katz (2011), em sua pesquisa sobre estudo de comportamento de consumo de livros digitais no Brasil, cujos entrevistados foram leitores de livros impressos e/ou virtuais, percebeu que as maiores motivações para o consumo dessa nova tecnologia são as vantagens que ela proporciona como: a portabilidade, a possibilidade de aumentar o tamanho da fonte, o tipo de letra, a intensidade da luz, a possibilidade de ter o livro em tempo real ao seu lançamento e o acesso a qualquer hora e em qualquer lugar. As desvantagens relatadas por estes consumidores foram: o preço do livro digital, o apego ao livro tradicional, a experiência de ir a uma livraria comprar um livro impresso, passear entre as estantes lotadas, sentir o cheiro do livro e folheá-lo.

Em sua pesquisa sobre os hábitos culturais relacionados ao livro, Silva (2002) destaca que o surgimento de um novo dispositivo para registro dos escritos do homem afeta, especialmente, questões como acesso, armazenamento e empréstimo, hábitos de leitura, *copyright* e depósito legal.

Nogueira (2011), em seu estudo de monografia, analisou o uso dos livros eletrônicos da Editora Atheneu, para a área de saúde, comprados e disponibilizados

pela Universidade Federal do Ceará. Ele identificou nos resultados, através da análise, que quase a totalidade dos respondentes, num total de 96% preferem a leitura do livro impresso. Apenas 3 alunos (ou 4%) preferem a leitura de livros eletrônicos.

As vantagens do livro eletrônico foram descritas como: estarem ao alcance de todos pelo site da UFC, serem mais dinâmicos, práticos e disponíveis, além de poderem ser usados ao mesmo tempo por várias pessoas. As desvantagens citadas foram: o desconhecimento da existência de tais livros, a dificuldade de acesso a eles, o desconforto da leitura em tela, a impossibilidade de manusear e riscar.

Em suas pesquisas sobre o uso de livros eletrônicos, Sirihal Duarte (2012) cita uma pesquisa realizada pela Springer, em 2008, com usuários de cinco instituições:

- Centro de estudos de matemática e computação de Amsterdam, Holanda;
- Universidade de Illinois, Estados Unidos;
- Universidade de Muenster, Alemanha;
- Universidade de Turku, Finlândia;
- JRD Tata Memorial Library Bangalore, Índia (novo participante em 2008).

O objetivo do estudo foi compreender a adoção de livros eletrônicos pelos usuários, o seu comportamento no uso dos livros eletrônicos e suas percepções acerca das vantagens e desvantagens dos livros eletrônicos (SIRIHAL DUARTE, 2012).

O estudo constatou que entre 52% e 84% dos investigados em cada instituição estavam cientes da disponibilidade dos livros eletrônicos em suas bibliotecas. Além disso, entre 58% e 80% dos investigados em cada instituição já tinham usado o livro eletrônico pelo menos uma vez, quer através da sua biblioteca ou de outras fontes. Quanto ao uso dos livros eletrônicos, os pesquisados citaram como a principal razão para o não uso dos livros eletrônicos a preferência por livros impressos. Eles perceberam que as principais vantagens do livro eletrônico giram em torno da conveniência e acesso à informação. Ressaltaram que valorizam a capacidade de acessar um livro eletrônico a qualquer hora e em qualquer lugar e

apreciam que o acesso seja rápido e fácil. No geral, os entrevistados disseram que preferem livros impressos para a leitura de capa a capa, mas divisam os livros eletrônicos como úteis para as necessidades específicas de pesquisa ou como complementares aos livros impressos.

Foi pedido que os usuários fizessem uma comparação entre as vantagens dos livros eletrônicos em relação aos livros impressos. Os usuários disseram que os livros eletrônicos apresentam vantagens em relação ao espaço adquirido para armazenamento, à acessibilidade 24/7, à atualização e facilidade de se fazer cópias. Por outro lado, os livros impressos apresentam vantagens em termos da facilidade e do prazer de leitura.

Segundo a Springer, em seu relatório de 2008, os livros eletrônicos formam uma parte crescente das coleções de bibliotecas universitárias e de pesquisa. Ainda que em estágios iniciais de adoção, eles demonstraram vantagens nas áreas de acessibilidade, funcionalidade e custo-benefício. Os usuários finais estão começando a incorporar livros eletrônicos em sua experiência de informação e hábitos de pesquisa (SIRIHAL DUARTE, 2012).

Poucos estudos foram conduzidos até o momento sobre o uso de livros eletrônicos. Entretanto, com essa revisão de literatura podemos inferir que os livros eletrônicos ainda não estão tendo uma boa aceitação por parte dos usuários das bibliotecas universitárias. Existem ainda algumas restrições sobre esta nova ferramenta, sobretudo no quesito desconforto (ler em tela). Depois da longa trajetória com livros impressos, será um desafio fazer com que o usuário passe a preferir ler em livros virtuais.

5 FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia na pesquisa científica consiste em todos os passos para se chegar a um objetivo traçado. Para Andrade (2001, p.129), “Metodologia é o conjunto de métodos ou caminhos que são percorridos na busca do conhecimento.” É por meio dela que se estabelecem os procedimentos e técnicas que devem ser empregados na pesquisa, os critérios de amostragem, os instrumentos para a coleta dos dados o *locus* onde será realizado o estudo empírico, entre outros.

5.1 Método

Embora muitos pesquisadores tenham certas reservas sobre o uso dos métodos científicos estruturados ao longo do tempo, ainda assim, justifica-se que para a apropriação e sustentação teórica de um objeto de estudo, a adoção de um método científico seja importante. No entendimento de Marconi e Lakatos (2007, p. 83), o método é considerado como

[...] um conjunto de atividades sistemáticas e racionais que com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros – traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

Para o que se propõe nesta pesquisa, utilizou-se o método funcionalista, que, segundo Malinowski (1970), tem o objetivo de esclarecer as características estudadas, dispendo funções e consequências realizadas por suas instituições, envolvendo a comunidade. Cabe a essas instituições resolverem, de forma coletiva, as necessidades de cada indivíduo de diferentes maneiras. Este método é considerado um método de interpretação, que estuda a sociedade sob o ponto de vista da função de suas unidades, ou seja, como um sistema organizado de atividades. Dessa forma, o funcionalismo destaca os diversos componentes culturais, permite análise comparativa, isolando e correlacionando os aspectos observados e avalia como cada uma das partes do universo em estudo interage com os outros componentes do objeto estudado.

Portanto, a escolha desse método vem sustentar o entendimento da função dos livros eletrônicos junto aos programas de pós-graduação, haja vista que por esse método é possível estabelecer uma análise do uso desses livros nos

Programas de Pós Graduação da UFC e averiguar a cultura dessa comunidade frente a essa nova ferramenta.

5.2 Tipo de pesquisa

A pesquisa é do tipo exploratório que, no entendimento de Gil (2007, p. 44-45), tem como objetivo “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”, além de proporcionar maior intimidade com o problema de investigação, aprimoramento de ideias e a descoberta de intuições. Assim, optamos por esse tipo de pesquisa por ser a temática do livro eletrônico um assunto que gera controvérsias e pelo fato de os conceitos ainda serem muito recentes e pouco precisos. Por sua vez, Triviños (2008) defende a pesquisa exploratória por permitir ao pesquisador aumentar sua experiência em torno de um determinado problema.

Como qualquer outra pesquisa científica, esta foi iniciada por uma pesquisa bibliográfica e documental, realizada com o objetivo de coletar informações que possam dar subsídios para a fundamentação na avaliação do uso dos livros eletrônicos do acervo da Universidade Federal do Ceará nos cursos de pós-graduação. Conforme a classificação proposta por Gil (2007, p. 44-45), “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.”

A abordagem adotada é a de cunho quanti-qualitativa, por buscar traduzir, em números, opiniões e informações para classificá-las e analisá-las (Gil, 1999). Trata-se de um estudo de caso que contempla a avaliação do uso dos livros eletrônicos nos programas de pós-graduação da UFC. Para Gil (2007, p.35), o estudo de caso é plenamente adequado nas pesquisas sociais, uma vez que “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”, o que não seria possível por meio de outras técnicas de pesquisa acadêmicas reconhecidas. Por sua vez, Martins (1994, p. 5) esclarece que o “Estudo de casos dedica-se a estudos intensivos do passado, presente e de interações ambientais de uma (ou de algumas) unidade social: indivíduo, grupo instituição, comunidade.”

5.3 Delimitação do universo de pesquisa e da amostra

A definição do ambiente de pesquisa, bem como dos indivíduos que estarão envolvidos nas técnicas de coleta de dados são fatores fundamentais para completar o levantamento das informações do problema em estudo.

Conforme Lakatos e Marconi (2001), o conjunto de seres animados ou mesmo inanimados para caracterizar o universo ou população de pesquisa devem ter pelo menos uma característica em comum. Assim, a amostra ocorre quando não há necessidade de investigar toda a população, deixando assim que os resultados da pesquisa, obtidos por um pequeno grupo selecionado sejam considerados como o todo. As autoras afirmam que a escolha dos elementos da amostra deve ser feita de tal forma que ela seja o mais representativa possível do todo, selecionada convenientemente, tornando-se assim um subconjunto do universo.

O universo da pesquisa é constituído por alunos e professores dos programas de pós-graduação da Universidade Federal do Ceará, contemplados com acervos eletrônicos adquiridos no período de 2009 a 2013. A amostra foi constituída por 774 sujeitos, que foram selecionados e sorteados para a pesquisa empírica, com base na existência de acervos eletrônicos comprados e disponibilizados pelo sistema de Bibliotecas da UFC e segundo a representatividade de alunos e professores dos programas de pós-graduação em: Física (Centro de Ciências), Tecnologia de Alimentos (Centro de Ciências Agrárias), História (Centro de Humanidades), Direito (Faculdade de Direito), Economia (Faculdade de Economia, Administração, Atuárias e Contabilidade), Enfermagem (Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem), Medicina Coletiva (Faculdade de Medicina), Comunicação Social (Instituto de Cultura e Arte), POLEDUC (Representando os cursos de mestrado profissional). Embora os programas de pós-graduação em Engenharia Civil (Centro de Tecnologia), Ciências Marinhas (Instituto de Ciências do Mar) e Educação Brasileira (Faculdade de Educação) tenham sido contemplados com esse acervo, foram excluídos da pesquisa, pois não responderam aos contatos efetuados que solicitavam permissão para acesso à sua lista de *e-mails*.

5.4 Instrumento de coleta de dados

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário, através da ferramenta *Google Docs*, com *link* enviado ao *e-mail* de professores e alunos dos programas de pós-graduação contemplados pela pesquisa.

Para Marconi e Lakatos (1999), o questionário é um instrumento desenvolvido cientificamente, composto de um conjunto de perguntas ordenadas de acordo com um critério predeterminado, que deve ser respondido sem a presença do entrevistador e que tem por objetivo coletar dados de um grupo de respondentes. Por sua vez, Oliveira (1997) afirma que o questionário apresenta as seguintes características: (1) deve ser a espinha dorsal de qualquer levantamento, (2) deve reunir todas as informações necessárias (nem mais nem menos), (3) deve possuir linguagem adequada.

O questionário é definido por Gil (1999, p. 128) como a técnica de investigação “[...] composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” O questionário aplicado na pesquisa foi estruturado de forma objetiva, fazendo uso das categorias a trabalhar, divididas em blocos por:

a) Discentes

- Bloco I - Informações acadêmicas;
- Bloco II - Uso dos livros eletrônicos;
- Bloco III - Fatores que contribuem para o não uso dos livros eletrônicos.

b) Docentes

- Bloco I – Informações acadêmicas;
- Bloco II – Conhecimento dos livros eletrônicos;
- Bloco III - Uso dos livros eletrônicos;
- Bloco IV - Fatores que contribuem para o não uso dos livros eletrônicos

5.5 Pré-teste

Segundo Marconi e Lakatos (1999, p. 102), “[...] os pré-testes, devem ser realizados com o questionário numa versão quase definitiva, com capa e formatação já em seu estado final.” O pré-teste foi realizado no dia 17 de abril de 2013, de forma manual, aplicado diretamente pelo pesquisador. A escolha dos respondentes foi causal, com representantes de 6 (seis) cursos de mestrado: Ciências da Informação, Física, Química, Ciências da Computação, Linguística e Políticas Públicas e Gestão do Ensino Superior, contemplados com o acervo de livros eletrônicos comprados e disponibilizados pela Universidade Federal do Ceará.

No total foram 18 respondentes, 14 estudantes e 4 professores dos cursos acima citados. Os participantes fizeram algumas sugestões consideradas pertinentes e acatadas. Desse modo, a versão preliminar do instrumento para coleta de dados passou a contar com 15 itens para os discentes que têm conhecimento dos livros eletrônicos e 10 questões para quem não tem conhecimento. Para os docentes, 17 itens para os que têm conhecimento e 9 questões para os que não têm conhecimento dos livros eletrônicos comprados e disponibilizados pela UFC.

Quadro 2 – Critério de análise

Critério de Análise	Critério de Análise 2
➤ Clareza	✚ 6 itens sofreram alteração na redação
➤ Pertinência	✚ 1 item foi incluído, 4 realocados e 2 excluídos
➤ Relevância	✚ Avaliação satisfatória com sugestões para inclusão de questões abertas quando necessário.

Fonte: Dados da pesquisa (APÊNDICE A).

5.6 Coleta de dados

Após a revisão do pré-teste, o questionário foi estruturado com as alterações sugeridas e disponibilizadas por meio da ferramenta *Google Docs*, durante o período de 30 dias. Após esse período, mesmo que os questionários fossem devolvidos, não foram considerados para a análise. Do total de 774 questionários enviados, obteve-se a devolução, no tempo previsto, de apenas 208, sendo 163 referentes aos alunos e 45 aos professores dos programas de pós-graduação selecionados para a pesquisa. Após o levantamento dos dados, os

mesmos foram organizados de maneira coerente, de forma que fosse possível responder ao problema de pesquisa. Posteriormente, foi realizada uma análise quantitativa em torno dos mesmos, indicando os resultados mais significativos.

Para a tabulação dos dados, utilizou-se o programa Microsoft Excel, que permitiu contabilizar e comparar os dados, bem como calcular os percentuais de cada questão de acordo com as respostas fornecidas, além de possibilitar a criação de planilhas e gráficos.

5.7 O campo do estudo empírico

A pesquisa empírica foi realizada na Universidade Federal do Ceará, contemplando o acervo de livros eletrônicos comprados pela referida universidade e disponibilizados pelo seu Sistema de Bibliotecas.

Conforme o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2013 – 2017, a Universidade Federal do Ceará foi instituída pelo Presidente Café Filho, por intermédio da Lei nº 2.373, de 16 de dezembro de 1954, e instalada em 25 de junho de 1955, em solenidade no Teatro José de Alencar, com a denominação de Universidade do Ceará. A história dessa universidade se confunde com a história de seu fundador, o Prof. Antonio Martins Filho, que a dirigiu por 12 anos consecutivos, desde sua instalação, sem sede própria, recursos humanos e materiais, até sua consolidação como um instrumento de formação de recursos humanos, em função do desenvolvimento econômico e social da região. Esse documento evidencia que a origem da UFC, a exemplo da maioria das universidades brasileiras, se deu pela aglutinação de faculdades já existentes, como a Faculdade de Direito (criada em 1903), a Faculdade de Medicina, Farmácia e Odontologia (1916); a Escola de Agronomia (1918); a Faculdade de Ciências Econômicas (1939) e a Escola de Enfermagem (1943). Identificada por sua vocação regional, a universidade recebeu de seu fundador o *slogan* "O Universal pelo Regional". (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2000, p. 20).

A UFC tem como missão: “

[...] formar profissionais de alta qualificação, gerar e difundir conhecimentos, preservar e divulgar os valores artísticos e culturais, constituindo-se em instituição estratégica para o desenvolvimento do Ceará e do Nordeste. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2000, p. 21).

Atualmente, considerada autarquia vinculada ao Ministério da Educação, a Universidade atua em todo território cearense, com sede em Fortaleza, capital do Estado do Ceará. É composta de cinco *campi*, sendo três em Fortaleza (*Campus* do Benfica, *Campus* do Pici e *Campus* do Porangabussu) e quatro no interior (*Campus* de Sobral e *Campus* de Quixadá, Crateús e Russas).

O ensino, a pesquisa, a extensão e a assistência são suas atividades fins. Essas atividades são desenvolvidas em todos os *campi* da UFC, estendendo-se ainda a uma grande parcela da população da região Nordeste do Brasil, além dos convênios com outros países, a exemplo daqueles oriundos do continente africano.

5.8 O Sistema de Bibliotecas da UFC

Segundo historiadores, a biblioteca mais antiga foi a de Nínive, construída pelo rei assírio Assurbanipal (século VII a.C). Seu acervo era escrito sobre placas de argila, em caracteres cuneiformes. A mais famosa biblioteca da Antiguidade, no entanto, foi a de Alexandria, no Egito, construída no governo do rei Ptolomeu Soter, e depois expandida por Ptolomeu Filadelfo, seu filho. Essa biblioteca abrigou o maior patrimônio cultural e científico de toda a Antiguidade. Seu acervo era formado por cerca de 40 a 60 mil manuscritos em folhas e papiro ou rolos de pergaminho (peles de carneiro), chegando a possuir 700 mil volumes (BARROS, 2003).

Figura 12 – Simulação do projeto da Biblioteca de Alexandria – arquiteto Deinócrates

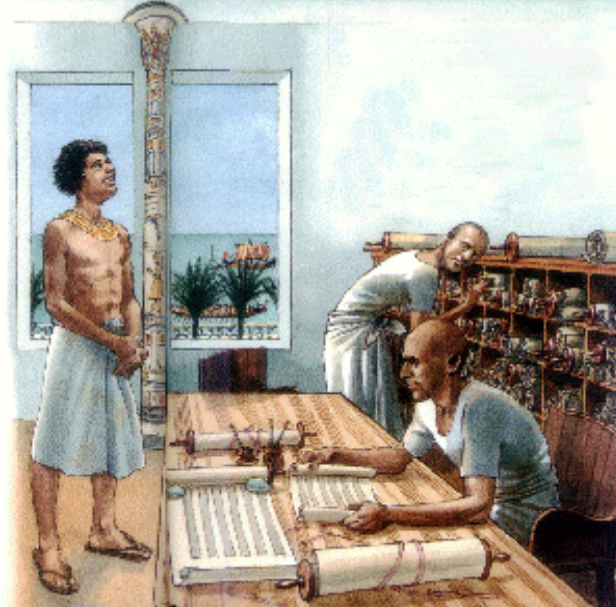


Fonte: <<http://lerparacrer.wordpress.com>>.

Conforme Canfora (1989, p. 25 *apud* BARROS, 2003, p. 28), o rei Ptolomeu confiou a Demétrio a organização, catalogação e tradução de todos os

textos e livros conseguidos para a ampliação das coleções da biblioteca. Demétrio devia também escrever periodicamente ao soberano relatando seu trabalho com as coleções.

Figura 13 – Projeto estimado do espaço interno da Biblioteca de Alexandria



Fonte:<<http://bibliotecarioanarquista.blogspot.com>>.

Para Barros (2003), a destruição dessa biblioteca é um evento que, desde o século XVIII, divide historiadores. Alguns dizem que os Árabes a destruíram, quando conquistaram Alexandria, outros afirmam que foi César, em caçada a Pompeu, o seu inimigo de Triunvirato (formado por Pompeu, Crasso e César), e há quem diga que foi por ordem de Amr ibn al-As, governador provincial do Egito, em nome do califa Rashidun Omar ibn al-Khattab. Historiadores questionam a veracidade de cada versão da história.

Outro grande destaque foi o centro de cultura da biblioteca de Pérgamo, localizada no que é hoje a Turquia, foi uma das mais importantes bibliotecas do mundo antigo e um dos maiores centros da cultura helenística grega. Entretanto, durante a conquista romana, muitas bibliotecas foram incendiadas e espoliadas.

Em 2002, foi erguida a nova Biblioteca de Alexandria. Sua construção levou sete anos e custou 212 milhões de dólares, boa parte dos quais pagos pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura). Ela pretende ser um dos centros mais importantes de conhecimento do mundo, traz o nome oficial da Biblioteca de Alexandria, constituída, além da biblioteca principal,

por outras quatro bibliotecas especializadas, um planetário, laboratórios, museu de ciências e de caligrafia, uma sala de congressos e uma de exposições. Seu acervo conta com mais de 400 mil livros, com sofisticado sistema de computadores, e ainda permite ter acessos a outras bibliotecas. Seu acervo comporta oito milhões de livros. (COSTA, 2011).

Figura 14 – Nova Biblioteca da Alexandria, espaço externo



Fonte: <<https://www.google.com.br/igremes?>>.

Figura 15 – Nova Biblioteca da Alexandria, espaço interno



Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?>>.

Quadro 3 – Evolução das Bibliotecas e seus acervos

Bibliotecas	Períodos	Espólios
Biblioteca de Alexandria (um volume correspondia a uma média de 24 rolos de papiro)	Século III a.C.	400 000 volumes
	Século I a.C.	700 000 volumes
British Library (Antiga British Museum Library, Fundada em 1753)	1837	240 000 volumes
	1910	2.000 000 volumes
	1996	12 000000 imagens/15000000 volumes
Bibliothèque National de France (Antiga Bibliothèque du roi)	1684	10 000 volumes
	1661	36 000 volumes
	1720	60 000 volumes
	1800	250 000 volumes
	1910	3 000 000 volumes
	1996	15 000 000 imagens / 11 000 000 volumes
Biblioteca do Congresso (Estados Unidos) (Fundada em 1800)	1896	4000000 volumes
	1910	1.800 000 volumes
	1995	23.000 000 volumes
Biblioteca da Universidade de Harvard (Estados Unidos)	1896	400 000 volumes
	1910	800000 volumes
	1995	12 900 000 volumes
Biblioteca Nacional (Portugal)	1841	183 000 volumes
	1865	13 000 volumes
	1996	2 500 000 volumes

Fonte: Elaborado pela autora.

As primeiras bibliotecas brasileiras surgiram no período colonial, com a biblioteca dos jesuítas. Moraes (2006, p. 9) relata que “as bibliotecas dos jesuítas não ficavam abertas só para os alunos e padres, mas para qualquer pessoa que fizesse o pedido competente”. Entretanto, a primeira biblioteca pública brasileira só foi fundada em 1811, em Salvador, no antigo colégio jesuítico (COSTA, 2011).

A biblioteca do Colégio Jesuíta, no Rio de Janeiro, contava com 5434 volumes catalogados, de acordo com Moraes (2006), por autor e por assunto. Dentre os bibliotecários que se destacaram nesse trabalho está o irmão Antônio da Costa

Entretanto a Biblioteca Nacional só teve início com a transferência da Real Biblioteca, de Portugal para o Brasil, com um acervo de 60 mil peças, entre livros, manuscritos, estampas, mapas, moedas e medalhas. Ela foi inaugurada oficialmente no dia 13 de maio de 1811 (COSTA, 2011).

Já as bibliotecas universitárias firmaram-se em 1963, como uma condição para a regulamentação dos cursos superiores, como ressaltam Lemos e Macedo (1974, p. 168): “[...] desde 1963 o Conselho Federal de Educação incluíra entre os requisitos que um curso superior deveria satisfazer para obter reconhecimento, a

existência de uma biblioteca.” A origem do sistema de Bibliotecas da UFC está ligada à criação das primeiras bibliotecas que foram surgindo para atender a demanda das novas unidades de ensino incorporadas à UFC, a partir de 1955. Em 1957 foi criada a Biblioteca Central, sendo extinta em 1969, com a criação do Serviço de Bibliografia e Documentação (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 1994).

Segundo o site da Instituição,

[...] com a implantação da Reforma Universitária (1972) e a instituição dos Centros, teve início a fusão de bibliotecas de áreas correlatas, em decorrência da extinção de alguns institutos de pesquisa, como os de Antropologia, Medicina Preventiva, Meteorologia, Tecnologia Rural e o de Zootecnia. À mesma época, ocorria o desmembramento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras nas Faculdades de Educação, Ciências e Letras, nos Institutos de Matemática, Física, Química, Biologia e Geociências, favorecendo a criação de novas bibliotecas. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2010, p. 1).

Em 1975, a Biblioteca Central é reativada com a pretensão de adotar um sistema de bibliotecas com centralização monolítica, tendência em voga à época. Todavia, apenas alguns acervos foram reunidos, como os da Biblioteca de Química, Biologia, Geociências e Engenharia (1976 e 1978) e, posteriormente, (1981), o de Ciências Agrárias, os quais iriam constituir a atual Biblioteca de Ciências e Tecnologia.

Os acervos das Bibliotecas de Ciências Humanas, Educação e Casas de Cultura foram reunidas em 1996, formando uma única biblioteca denominada Biblioteca de Ciências Humanas (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2010).

O Sistema de Bibliotecas da UFC, atualmente coordenado pela Biblioteca Universitária, compreende 12 bibliotecas em Fortaleza e 5 no Interior do Estado, quais sejam:

Em Fortaleza

- Biblioteca de Ciências da Saúde
- Biblioteca de Ciências e Tecnologia
- Biblioteca de Ciências Humanas
- Biblioteca do Curso de Arquitetura
- Biblioteca do Curso de Física
- Biblioteca do Curso de Matemática

- Biblioteca da Faculdade de Direito
- Biblioteca da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade
- Biblioteca do Instituto de Ciências do Mar (Labomar)
- Biblioteca de Pós-Graduação em Economia
- Biblioteca de Pós-Graduação em Economia Agrícola
- Biblioteca de Pós-Graduação em Engenharia

No Interior do Estado

- Biblioteca do *Campus* do Cariri
- Biblioteca do *Campus* de Quixadá
- Biblioteca do *Campus* de Sobral
- Biblioteca de Medicina de Barbalha
- Biblioteca de Medicina de Sobral

A partir de 2009, a UFC passou a inserir em seu acervo a coleção de livros eletrônicos adquiridos por compra. Essa iniciativa originou-se com a aquisição da coleção de livros de Engenharia editados em 2008 pela editora Springer. Entretanto, esta aquisição diferiu da dos livros tradicionais, que seguiam uma política já definida pela UFC. Essa primeira aquisição fez parte de um plano piloto experimental, tendo em vista que já havia indicadores por meio da literatura e de fornecedores que o uso dos livros eletrônicos estava sendo difundido no mundo e que seria também uma tendência no Brasil. Segundo a Biblioteca Universitária, a empreitada funcionou, pois as estatísticas demonstraram que a comunidade universitária estava pronta para o uso desse tipo de livro. Em 2010, com o pronunciamento dos segmentos acadêmicos, representados pelas unidades acadêmicas, as quais solicitaram pareceres das coordenações, a UFC avançou, adquirindo a coleção 2009, com todas as áreas da editora Atheneu, e em 2010 a coleção completa de 2011, da editora Springer, aumentando assim o número de títulos da coleção de Ciências da Saúde (SOARES, 2013).

De acordo com os relatórios do uso de livros eletrônicos comprados e disponibilizados pela UFC, de 2009 a 2010, enviados pela *DOTILIB*, os mais utilizados foram os da Editora Springer, com um total de 40.690 *downloads*, compreendendo as áreas de: Arquitetura, Artes e Design; Ciências do

Comportamento; Ciências Biomédicas e Biologia; Economia e Negócios; Química e Ciências dos Materiais; Ciências da Computação; Ciências Ambientais e da Terra; Engenharia; Humanidades, Ciências Sociais e Direito; Matemática e Estatística; Medicina; Física e Astronomia; Computação Profissional e Web Design, ficando em segundo lugar os *e-books* da Editora Atheneu, que são, em sua maior parte, livros de autores nacionais em Medicina que oferecem também vários títulos publicados nas áreas de Medicina e Ciências da Saúde, com 32236 downloads, e por último a Editora Zahar, com 897 acessos, nas áreas de Ciências Humanas e Sociais, Arte, Literatura e Letras. Entretanto os livros mais usados foram os de língua inglesa, conforme tabelas 1 a 5.

Tabela 1 – Institution UFC. Time period Jan to Jun 2013

Sum of YTD Total Package Type	eBook Package	Title	Copyright Year										Total	
			2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013				
English/International	Architecture and Design				4									4
	Behavioral Science			22			8	4						34
	Biomedical and Life Sciences			147	3	181								331
	Business and Economics			296	15	164								475
	Chemistry and Materials Science			171		221								392
	Computer Science			142		212	6	2						362
	Earth and Environmental Science				54	39	170							263
	Engineering		134	17	178	4	386	1						720
	Humanities, Social Science and Law				77		141	1						219
	Mathematics and Statistics			1	313	1	571	14						900
	Medicine				232	44	418	5				1		700
	Physics and Astronomy				158	16	187	2						363
	Professional and Applied Computing					108		333						441
	Other	Medicine (Dutch Language)				1		3						4
Total			134	18	1903	122	2995	33	2	1	5208			

Fonte: DOTILIB.

Tabela 2 – Estatística de utilização UFC. Ebooks Zahar - Total de acessos - 897

	2013												TOTAL	
	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez		
Acessos	258	163	62	128	93	97	96							897
Acessos Negados	0	0	0	0	0	0	0							0

Fonte: DOTILIB.

Tabela 3 – Estatística de utilização – UFC. Ebooks Atheneu - Total de downloads - 32.236

2009													
	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	TOTAL
Downloads	-	-	-	21	515	995	2193	1288	1687	723	731	562	8715
Acessos Negados	-	-	-	0	0	0	11	58	57	36	33	0	195
2010													
	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	TOTAL
Downloads	476	582	896	594	1342	733	668	1432	835	707	306	254	8825
Acessos Negados	11	9	12	11	68	9	7	35	22	9	13	6	212
2011													
	jan	Fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	TOTAL
Downloads	120	130	600	647	283	429	137	298	478	396	264	265	4047
Acessos Negados	5	20	28	52	36	20	4	4	21	33	10	1	234
2012													
	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	TOTAL
Downloads	386	280	161	392	159	232	197						1807
Acessos Negados	839	56	53	88	32	48	54						1170

Fonte: DOTILIB.

Tabela 4 – Universidade Federal do Ceará - Springer Ebooks. Tabela de Utilização - Downloads de e-books

jan/09	fev/09	mar/09	abr/09	mai/09	jun/09	jul/09	ago/09	set/09	out/09	nov/09	dez/09	TOTAL 2009
44	40	86	44	727	315	586	1618	750	792	629	625	6.256
jan/10	fev/10	mar/10	abr/10	mai/10	jun/10	jul/10	ago/10	set/10	out/10	nov/10	dez/10	TOTAL 2010
379	462	1113	297	299	156	262	2328	2305	1095	443	856	9.995
jan/11	fev/11	mar/11	abr/11	mai/11	jun/11	jul/11	ago/11	set/11	out/11	nov/11	dez/11	TOTAL 2011
926	770	848	943	770	849	584	853	349	504	337	373	8.106
jan/12	fev/12	mar/12	abr/12	mai/12	jun/12	jul/12	ago/12	set/12	out/12	nov/12	dez/12	TOTAL 2012
128	372	1.412	2.840	1.083	722	408	1.304	738	667	629	697	11.000
jan/13	fev/13	mar/13	abr/13	mai/13	jun/13	jul/13	ago/13	set/13	out/13	nov/13	dez/13	TOTAL 2013
1570	773	641	1.142	717	490							5.333
TOTAL DE DOWNLOADS:												40.690

Fonte: DOTILIB.

Embora avaliar estas tabelas não seja o objeto de estudo desta dissertação, não podemos deixar de perceber que durante as buscas dos livros eletrônicos disponibilizados na página do Sistema de Bibliotecas da UFC o número de acessos negados é bem significativo. Mesmo que não saibamos a razão dessa negativa, ainda assim podemos inferir que esse fato também seja um dos fatores que contribua para a desistência e desestímulo para a utilização desse tipo de acervo.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção apresentam-se as discussões dos achados da pesquisa, levando em consideração os problemas e os objetivos apresentados na introdução dessa dissertação.

Conforme apresentado no capítulo sobre os fundamentos metodológicos, os dados foram coletados em maio 2013, com docentes e discentes dos programas de Pós-Graduação da UFC que são contemplados com o acervo de livros eletrônicos disponibilizados na página da Biblioteca Universitária. A estruturação dos questionários foi feita levando em conta dois tipos de questões: aquelas referentes ao conhecimento que os participantes têm do acervo de livros eletrônicos e aquelas concernentes aos que não têm conhecimento desse acervo.

De posse dos dados coletados no estudo empírico, foi possível estruturá-los conforme as seguintes categorias: **caracterização dos participantes; nível de conhecimento dos pesquisados sobre a existência dos livros eletrônicos comprados e disponibilizados pela UFC; conhecimento sobre as estratégias de acesso e uso do acervo de livros eletrônicos da UFC; hábito de uso dos livros eletrônicos em suas atividades acadêmicas e de pesquisa; indicação de livros eletrônicos por professores de pós-graduação, em suas bibliografias básicas; importância e satisfação do uso dos livros eletrônicos comprados e disponibilizados pela UFC.**

Para resguardar a identidade dos participantes, tomou-se a decisão de identificar os questionados com as letras “P” para professor e “E” para estudantes, seguidas de números arábicos, conforme o modelo (P1...) e (E1...).

a) Caracterização dos participantes

O total de participantes da pesquisa que responderam aos questionários foi de 208, sendo 45 docentes e 163 discentes. Destaca-se que a maioria deles está inserida nos seguintes Programas de Pós-graduação: Enfermagem, com 52 %; seguido de Física, que obteve 33%; e o POLEDUC, com 30%, conforme podem ser observados na Tabela 5.

Tabela 5 – Caracterização dos participantes da pesquisa

CURSOS	PROFESSORES	%	ALUNOS	%
FÍSICA	7	15%	29	18%
TECNOL. ALIMENTOS	3	7%	15	9%
ENFERMAGEM	9	20%	53	32%
HISTÓRIA	3	7%	7	4%
DIREITO	5	11%	9	6%
ECONOMIA	4	9%	10	6%
MEDICINA COLETIVA	4	9%	9	6%
POLEDUC	7	15%	24	15%
COMUNICAÇÃO SOCIAL	3	7%	7	4%
TOTAL	45	100	163	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao observar esses dados, percebe-se que os Programas de Pós-Graduação que menos participaram foram História e Comunicação Social.

Realizando uma pesquisa sobre os acervos eletrônicos da UFC, constatou-se que a existência de livros contemplando essas duas áreas, pelas editoras com as quais a UFC trabalha, ainda é insignificante. Talvez tenha sido esse fator o responsável pela reduzida participação dos docentes e discentes desses programas na pesquisa.

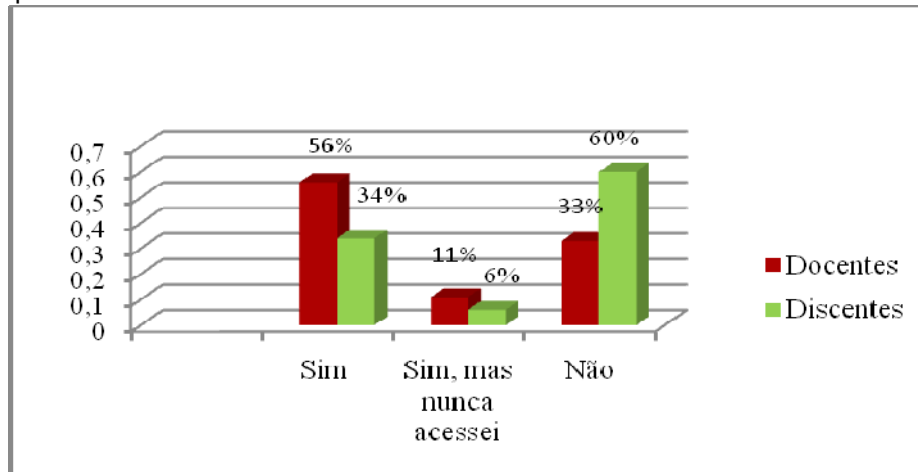
Constam ainda nessa tabela os cursos que não foram pesquisados por falta de resposta aos ofícios enviados às coordenações, requisitando *e-mails* de docentes e discentes para o envio de questionários.

b) Nível de conhecimento dos pesquisados sobre a existência dos livros eletrônicos comprados e disponibilizados pela UFC

Desde que a UFC começou a adquirir o acervo de livros eletrônicos, a Biblioteca Universitária disponibiliza as coleções em sua página na *web*. Entretanto, a impressão que se tinha era de que a comunidade acadêmica parecia não ter conhecimento desse tipo de acervo. Viu-se nessa pesquisa, portanto, a oportunidade de verificar tal inquietação por meio de questões que se propunham a saber se os investigados tinham conhecimento da existência desses livros. Para tanto, apresentou-se um rol de alternativas, a fim de que eles assinalassem aquela

que mais lhe conviesse. As respostas a esse questionamento encontram-se no gráfico 1.

Gráfico 1 – Conhecimento do acervo de livros eletrônicos disponibilizados pela UFC

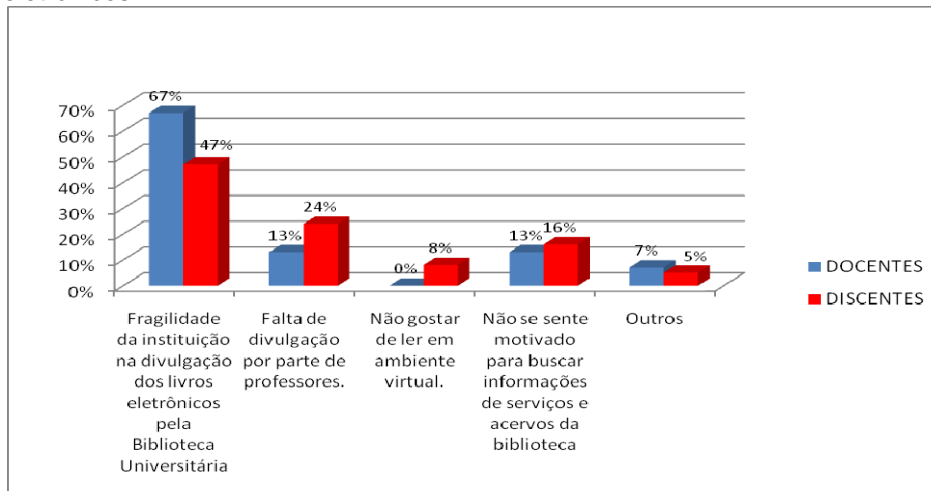


Fonte: Dados da pesquisa.

Com base no gráfico 1 observa-se que houve alteração de resposta (*Sim*, *Sim, mas nunca acessei*, e *Não*), comparando as respostas dos docentes com os discentes. Evidencia-se que, do total de docentes, 56% responderam “*Sim*”, ou seja, que têm conhecimento de que a UFC adquiriu livros eletrônicos na sua área e que se encontram disponíveis à comunidade acadêmica; 33% deles responderam “*Não*” e, apenas 11% afirmaram “*Sim, mas nunca acessei*”. Analisando as respostas dos 163 discentes, chegou-se à conclusão que 60% responderam “*Não*”, 34% responderam “*Sim*”, enquanto que 6% responderam “*Sim, mas nunca acessei*”.

Ainda nessa categoria, buscou-se identificar que fatores têm contribuído para que essa população investigada desconheça a coleção de livros eletrônicos da UFC. Para tanto, apresentou-se aos investigados que desconhecem a disponibilidade desse acervo, um rol de opções solicitando que apontassem a opção que continha os fatores que mais contribuíam para tal fato. A alternativa mais assinalada foi a “fragilidade da instituição na divulgação dos livros eletrônicos pela Biblioteca Universitária”, com 67% dos docentes e 47% dos discentes. Veja-se o gráfico 2.

Gráfico 2 – Fatores que contribuem para o desconhecimento dos livros eletrônicos

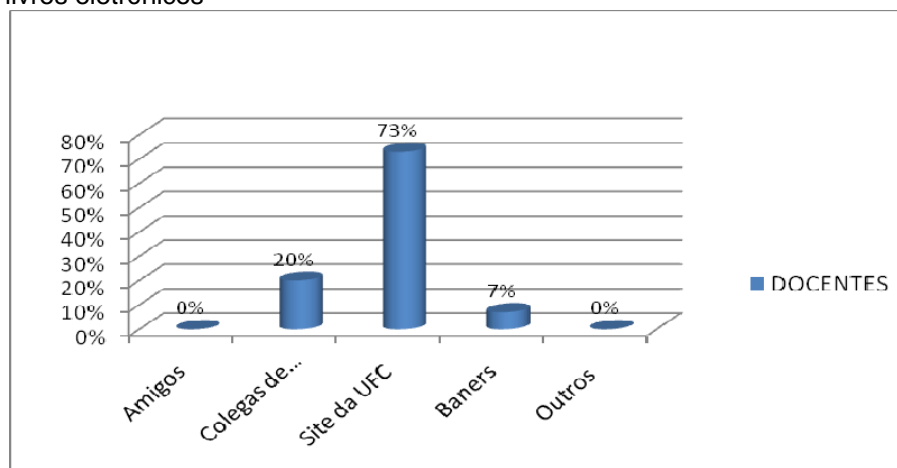


Fonte: Dados da pesquisa.

Além da fragilidade na divulgação, apontada pelos respondentes, também merece destaque a resposta que contempla a “falta de divulgação por parte dos professores”, com 24%. Isso demonstra a necessidade de uma interação maior entre a Biblioteca Universitária, professores e estudantes dos programas de Pós-Graduação. Outro fator evidenciado foi “não se sente motivado para buscar informações”, por 13% dos docentes e 16% dos discentes.

Ainda na mesma linha, perguntou-se aos docentes e discentes que participaram do estudo empírico e que têm conhecimento desse acervo, como tomaram ciência dele. Nesse item, os gráficos de docentes e discentes serão individualizados, haja vista que no questionário de discentes havia mais opções do que no dos docentes.

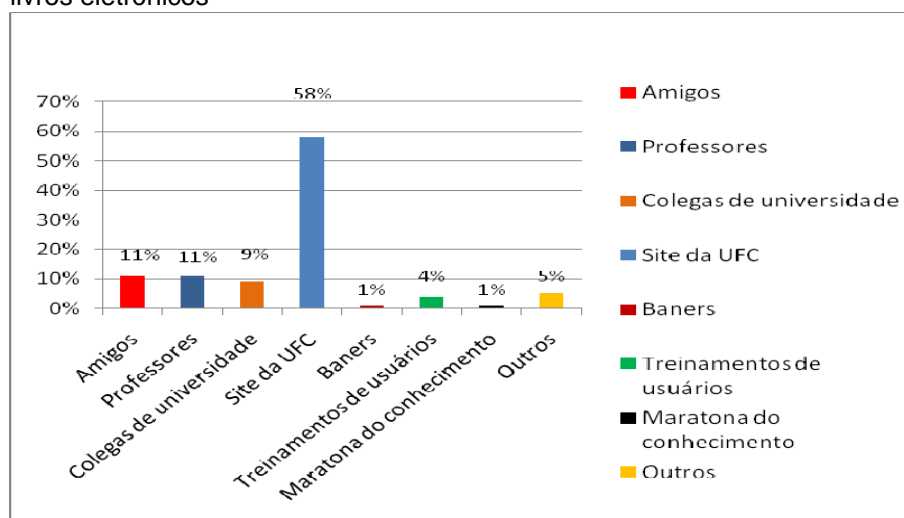
Gráfico 3 – Meio através do qual os docentes tomaram conhecimento dos livros eletrônicos



Fonte: Dados da pesquisa.

Ressalta-se que os docentes que conhecem o acervo dos livros eletrônicos responderam ter tomado conhecimento deste por meio do site da UFC, com 73% do total da amostra, seguido de colegas de universidade, com 20%. Os dados indicam que houve um menor percentual de conhecimento desses livros, por meio de banners, com 7%.

Gráfico 4 – Meio através do qual os discentes tomaram conhecimento dos livros eletrônicos



Fonte: Dados da pesquisa.

Pode-se notar que a resposta mais predominante nessa amostra foi aquela referente ao site da UFC, com 58% do total, seguida de amigos e professores, ambos com 11%. Em realidade, esperava-se que houvesse maior divulgação desse acervo por parte dos professores, afinal, eles contribuem para a aquisição dessas fontes bibliográficas.

Observando as respostas dos docentes e discentes que têm conhecimento dos livros eletrônicos (gráficos 3 e 4), nota-se certa disparidade entre aqueles que não têm conhecimento desse acervo, com 73% dos docentes e 58% dos discentes **que têm conhecimento** do acervo, responderam ter tomado ciência desses livros pelo Site da UFC. Entretanto, **no gráfico 2** Docentes e Discentes que desconhecem esse tipo de acervo, em sua maioria, responderam não ter tomado conhecimento desse acervo devido à “fragilidade da instituição na divulgação dos livros eletrônicos por parte da Biblioteca Universitária”.

Ainda nessa categoria, foi solicitado que os inquiridos justificassem suas respostas. Algumas de suas falas, apresentadas da forma como foram digitadas (primeiro os docentes e em seguida os discentes), aparecem a seguir:

Acho que merece mais divulgação e mais títulos no acervo. (P1)
 Creio que a divulgação deve ser mais efetiva. Uma correspondência para a residência dos professores ou para suas coordenações ou departamentos, ou até mesmo emails breves. (P2)
 Tem que haver mais divulgação para que os títulos disponíveis possam ser conhecidos e acessados. (P3)
 Acho que assim como você encontrou nosso e-mail e divulgou sua pesquisa a biblioteca da universidade poderia estar divulgando esse material, já que nós docentes temos uma vida bastante corrida. (P4)
 Poderia haver uma campanha específica, com ênfase na divulgação das áreas de pesquisa dos livros eletrônicos. (P5)
 Lembro de um e-mail enviado solicitando aos professores que indicassem livros, mas não me recordo de ter tido retorno acerca do que foi adquirido pela UFC. (P6)
 Como o uso de informações da biblioteca para seus potenciais usuários NÃO existe, possivelmente isso não deva acontecer com diferentes professores. (P7)

Observando essas falas, é possível extrair que, embora os docentes tenham dito que conheciam o acervo por meio do site da UFC, ainda assim, em suas falas, fica evidente que há certa inquietação com relação à necessidade de maior divulgação por parte da Biblioteca Universitária. Talvez o que aconteça é que os professores não têm o hábito de ir diretamente ao site da biblioteca e, sim, à página da UFC, que tem em sua arquitetura uma rotulagem indicando a biblioteca. Isso torna a busca cansativa, pelo fato de eles terem que passar por mais de uma página. Eles ainda apontam outras formas para divulgar esse tipo de acervo e a necessidade de maior comunicação entre a biblioteca e os professores.

No que concerne às falas dos Discentes, eis algumas delas:

Além da falta de conhecimento dessas aquisições, confesso não haver muito interesse de minha parte em procurar tais livros, pois, já que a universidade não tem investido mesmo naqueles de papel para minha área, seria muito decepcionante ver que esse esquecimento persiste. (E1)
 Não encontrei ainda livros eletrônicos da UFC em minha área. (E2)
 Na verdade os professores ainda utilizam muito suas reproduções de livros e textos que não tem versão digitalizada. (E3)
 Acredito que os professores poderiam também contribuir na divulgação dos livros eletrônicos. (E4)
 Apesar de receber constantemente emails da biblioteca informando sobre as novidades, na verdade acabamos fazendo busca nas bases de dados oficiais e não nos atentamos para esta nova e importante possibilidade que são os livros virtuais. (E5)
 Não sei se é bem por parte dos professores, ou pela própria Secretaria do nosso programa. Em geral, existe uma dificuldade muito grande de comunicação no nosso programa. Somos avisados das atividades em cima

da hora, isso quando somos avisados. Pasmem, às vezes, ficamos sabendo das atividades locais somente por meio das listas nacionais. (E6)
Somos incentivados a utilizarmos as bases de dados para a busca de periódicos e artigos que auxiliem na nossa pesquisa. Pois, muitas vezes, os livros não são tão bem visto pelas revistas as quais submetemos artigos para publicação. (E7)

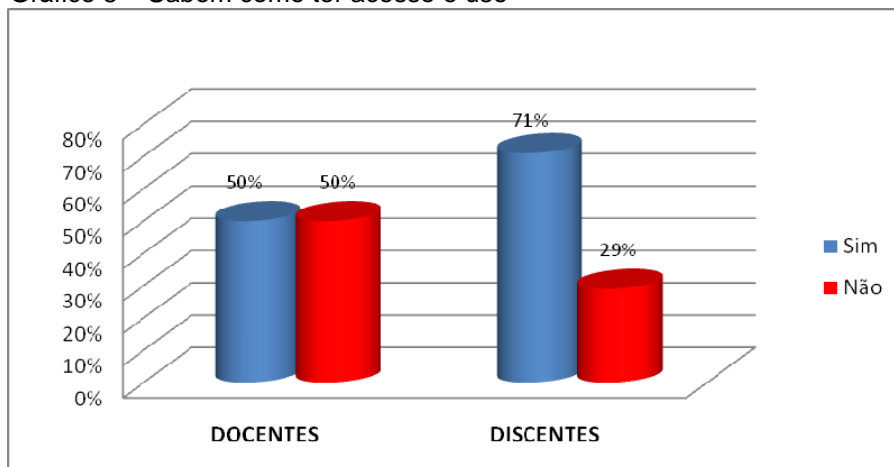
O interessante é observar nessas falas que há certa falta de interesse por parte dos discentes no uso desse acervo, ficando evidente que suas preferências ainda são pelo livro impresso. Ora, isso é realmente surpreendente, pois atualmente a ideia que eles passam é que preferem meios eletrônicos.

Também fica enunciado em seus discursos que há falta de divulgação desse acervo por parte dos professores. Outros apontaram que suas áreas não estão contempladas com livros eletrônicos.

c) Conhecimento sobre as estratégias de acesso e uso do acervo de livros eletrônicos da UFC

A biblioteca tem como objetivo satisfazer as necessidades de seus usuários, fornecendo as mais diversas facilidades naquilo que eles desejam obter em produtos/serviços, por meio da oferta de informações necessárias para o sucesso de suas pesquisas. Diante dessa realidade, buscou-se nessa categoria identificar o conhecimento que os participantes da pesquisa têm sobre as estratégias de acesso e uso de livros eletrônicos, conforme apresentado no gráfico 5.

Gráfico 5 – Sabem como ter acesso e uso



Fonte: Dados da pesquisa.

Na amostra analisada, os docentes ficaram empatados, 50% sabem como ter acesso e utilizar estes livros no acervo da UFC e os outros 50% não sabem. Já no que diz respeito aos discentes, 71% responderam saber como ter acesso e utilizar estes livros no acervo da UFC e 39% não sabem.

Ainda nessa questão, foi solicitado que justificassem suas respostas, que são apresentadas separadamente, a seguir:

Docentes:

Na realidade não procurei por esses livros e não me interessei em lê-los, por isso não sei como ter acesso a eles. (P1)

Faltou interesse por preferir ler livros em papel que eu compro. (P2)

Pouca objetividade na pletera de instruções e ineficácia. (P3)

Interface pouco amigável. (P4)

Até o momento não tive essa informação, de forma precisa sobre os livros da minha área. (P5)

Os livros eletrônicos, porém, precisam ser mais bem divulgados entre os professores. (P6)

A pagina poderia ser mais amigável. Entendo que está faltando uma melhor divulgação dos e-books comprados pela UFC, inclusive como se deve acessar. O livro que procurei não fazia parte do acervo. (P7)

Evidenciou-se com as falas dos inquiridos certa falta de interesse pelo acervo de livros eletrônicos, certa resistência ao uso desse tipo de livro e, naturalmente, suas preferências pelo uso do livro impresso. Outra razão dada para o não uso do livro eletrônico foi a interface pouco amigável para o acesso a esta mídia.

No que tange aos discentes, as respostas foram:

Não utilizo os livros da biblioteca porque na época da graduação os livros da enfermagem não eram atualizados, então, criei o hábito de comprar livros. Eu desconhecia que a biblioteca tinha disponíveis livros eletrônicos. Utilizo muito as teses e dissertações eletrônicas, mas livros não. (E1)

Para ter acesso aos livros eletrônicos no acervo da UFC, acredito que só é necessário clicar no link do livro. Porém, como ainda não tentei, não sei se é realmente desta forma. (E2)

Na verdade gosto muito dos livros impressos, então dei pouca importância a informação, mas gostaria de saber para uso futuro. (E3)

Na verdade, vi pelo site da biblioteca que esses livros podem ser adquiridos, mas não busquei saber como. (E4)

Nunca tentei vi o anúncio sobre os livros eletrônicos pelo site, mas nunca utilizei. Esta negativa é devido a opção que faço por ter livros de forma tradicional (papel) pois tenho dificuldade em manter-me atenta com leituras longas no computador. (E5)

Não encontrei nenhum livro eletrônico que esteja envolvido em minha área. (E6)

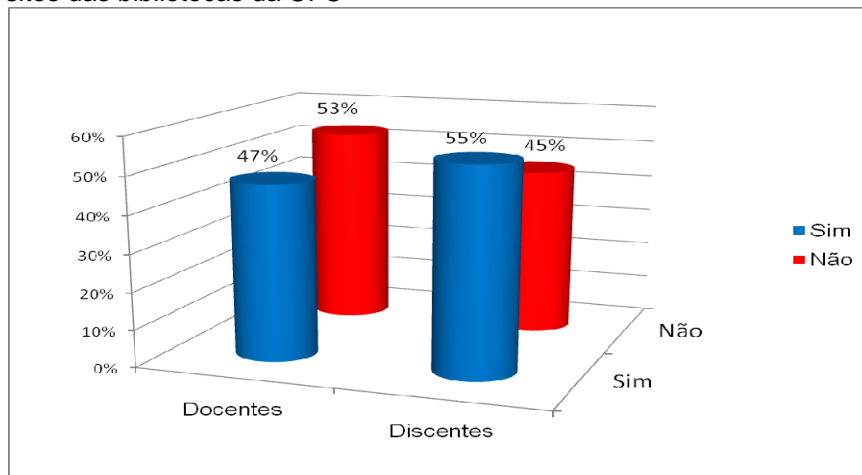
O sistema é muito difícil de acessar... era pra ser mais fácil. (E7)

Os discursos dos discentes demonstram que, igualmente às respostas dos docentes, não há interesse nos livros eletrônicos, deixando claro a preferência pelo livro analógico (em papel). Outra observação é o hábito de comprar livro, além do desconhecimento do acervo e da dificuldade de acesso devido à interface ser pouco amigável para o acesso a esta mídia.

Com as novas tecnologias, ficou mais rápido e fácil consultar qualquer obra em qualquer biblioteca. Atualmente quase todas as bibliotecas disponibilizam seu acervo à pesquisa por meio de catálogos *online*. Os catálogos são em linha, abertos à consulta remota por parte de qualquer pessoa, que pode consultar os acervos físicos e digitais por meio de pesquisa rápida e *booleana*; fazer reservas de livros; renovação; apresentar sugestões de títulos novos e emitir comentários. A UFC disponibiliza seu catálogo *online* por meio da página eletrônica da Biblioteca Universitária, ao catálogo das bibliotecas do Sistema, pelo Pergamum.

Nesse sentido, foi perguntado aos docentes e discentes se tinham conhecimento de que os livros eletrônicos também poderiam ser encontrados pelo catálogo *online* nos sites das Bibliotecas da UFC.

Gráfico 6 – Docentes e discentes têm conhecimento de que os livros eletrônicos podem ser encontrados também pelo catálogo online nos sites das bibliotecas da UFC

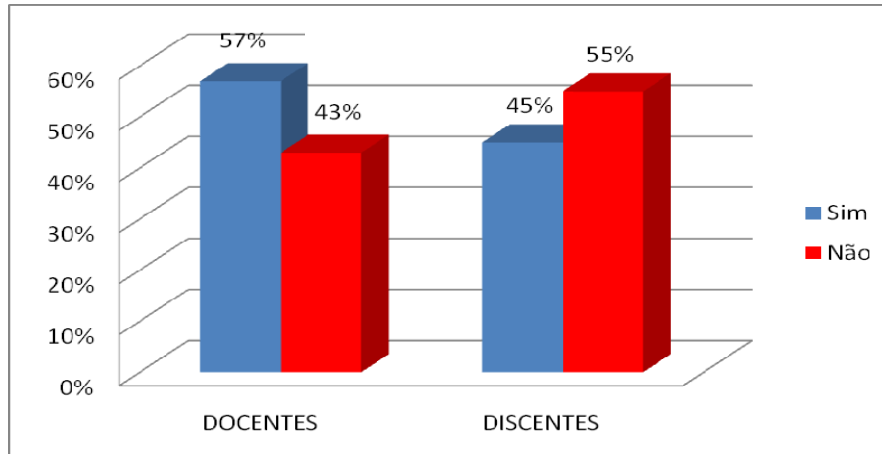


Fonte: Dados da pesquisa.

É possível observar que a maioria dos docentes (53%) não têm conhecimento de que os livros eletrônicos podem também ser encontrados pelo catálogo *online* nos *sites* das bibliotecas, entretanto a maioria dos discentes (55%) tem conhecimento de que este acervo pode ser também encontrado pelo catálogo *online* das bibliotecas da UFC.

Ainda nessa categoria, perguntou-se aos docentes e discentes se eles tinham conhecimento que a maioria do acervo de livros eletrônicos era em língua estrangeira.

Gráfico 7 – Docentes e discentes tem conhecimento de que a maioria do acervo de livros eletrônicos comprados pela UFC é em língua estrangeira

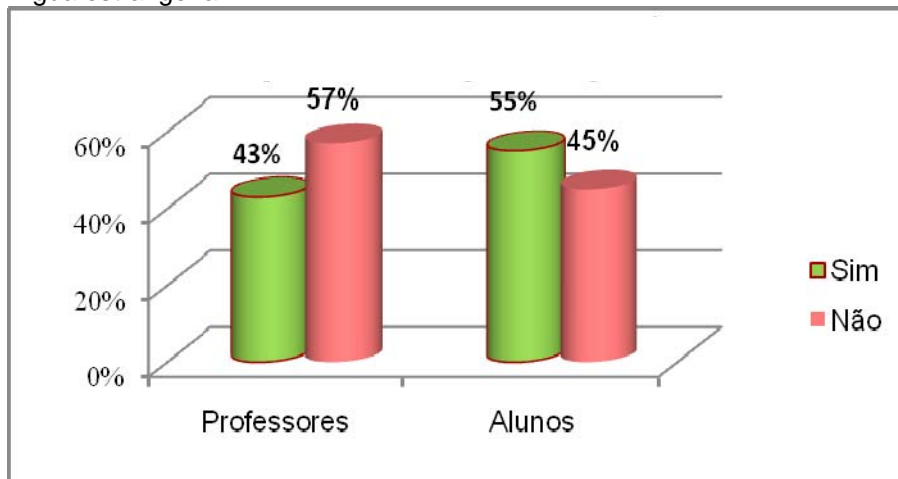


Fonte: Dados da pesquisa.

Nesse item, sobre o conhecimento do acervo de livro eletrônico ser em língua estrangeira, 57% dos docentes afirmaram que sim, que têm conhecimento, enquanto que 55% dos discentes afirmaram que não. Talvez esse resultado tenha sido em função de a na primeira aquisição, por ser uma espécie de teste piloto, não ter tido a participação de indicação de professores.

Outra questão que se julgou necessário saber é se o fato de o acervo ser em língua estrangeira dificultava seu uso.

Gráfico 8 – Dificuldade de uso dos livros eletrônicos pelo impedimento da língua estrangeira



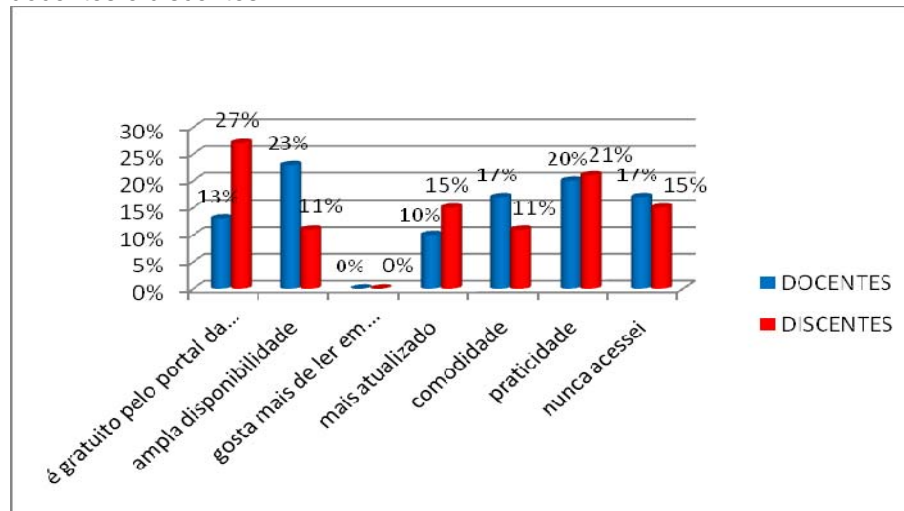
Fonte: Dados da pesquisa.

Ressalta-se que, para 57% dos docentes, a língua estrangeira não parece ser uma barreira, pois sua maioria respondeu que não. Em contrapartida, para os discentes, esse fato parece ser um empecilho para o uso dos livros eletrônicos, já que 55% desses atores responderam que sim. Era de se esperar que a realidade fosse diferente, uma vez que, na seleção para os programas de pós-graduação, exige-se a proficiência em uma língua estrangeira.

Atualmente, para se fazer uma pesquisa, não é necessário ir a uma biblioteca, uma vez que se pode fazer isso diretamente de casa, da praia, da fazenda, do ônibus. Muitos Estados já possuem ônibus com *wifi* disponível a seus usuários. Basta haver um dispositivo com internet 3G em um notebook, tablete, Ipode, Ipad ou até mesmo em um celular, para que se possa ter acesso a *sites* de bases de dados, bibliotecas virtuais, digitais ou eletrônicas, a portais acadêmicos, como o da CAPES, para se poder ter acesso à bibliografia desejada.

Dentro dessa perspectiva, questionou-se aos docentes e discentes qual o principal motivo que os levou a utilizar o livro eletrônico. Para a obtenção das respostas foi feito um rol de itens que marcava o que mais lhes convinha.

Gráfico 9 – Principal motivo de utilização dos livros eletrônicos pelos docentes e discentes



Fonte: Dados da pesquisa.

Dos 30 docentes e 66 discentes questionados, os resultados indicam que houve um maior percentual de respostas nas três categorias: “Por ser gratuito pelo portal da UFC”, com 27% dos discentes; “ampla disponibilidade”, por 23% dos docentes e “praticidade”, com 21% dos discentes e 20% dos docentes. Nota-se que

o motivo: “gosta mais de ler em obra eletrônica” não foi citado por nenhum entrevistado. Destacam-se alguns comentários realizados pelos inquiridos como:

Insegurança, perda de tempo, indisponibilidade de títulos estrangeiros. (P1)

Não sei como acessá-los. (P2)

Tenho trabalhado muito com artigos e livros que adquiero nas livrarias, principalmente os livros de pesquisa. Vejo os títulos que me interessam e faço download. (P3)

Apesar de não utilizar o acesso, indico aos meus alunos que o acessem. (P4)

Infelizmente ainda não coloquei esta atividade como fonte para pesquisa com os alunos. (P5)

Bastante cansativo. (E1)

Não gostar, não poder fazer anotações e marcações. (E2)

Ler pelo computador é um pouco cansativo. Prefiro a forma tradicional (impressa). (E3)

Algumas pessoas não gostam de ler no ambiente eletrônico, mas com o advento de novas ferramentas, como os tablets, ficou muito mais fácil. Se os livros fossem bons e atualizados seria uma MARAVILHA. (E5)

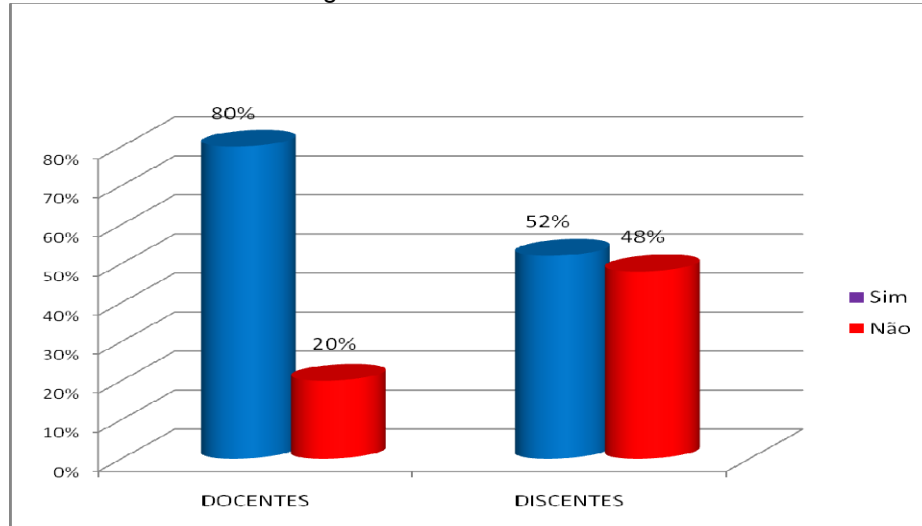
Isso vem a corroborar possivelmente com a falta de interesse por esta ferramenta tanto por docentes como por discentes.

Nesse próximo seguimento, os atores inquiridos são docentes e discentes dos programas de Pós-Graduação que não têm conhecimento dos livros eletrônicos comprados e disponibilizados pela UFC. A eles foi perguntado se gostam de ler em ambiente virtual, já que, segundo as pesquisas encomendadas pelo governo, “O mercado editorial com o livro eletrônico é palco em que contracenam e se instalam cada vez mais empresas, buscando atender esta demanda trazida pelo livro.” (MATHIAS, 2011, p. 80). O autor ainda esclarece que o livro eletrônico trouxe, além do equilíbrio e perspectivas de crescimento para o mercado editorial, um sólido espaço, conquistando os segmentos da cadeia produtiva do livro com um futuro muito promissor.

[...] uma explosão informacional e inovações tecnológicas, o livro eletrônico se apresenta [...] promessa do Eldorado por eliminar gastos com produção, estocagem, distribuição de exemplares não vendidos. [...] custos estariam cobertos de venda estariam cobertos a partir da venda de 30 exemplares em formato com o PDF. (EARP; KORNIS, 2005, p. 150).

Nota-se, pelas respostas que os docentes, com 80% da amostra, gostam mais de ler em ambiente virtual do que os discentes, conforme mostra o gráfico10:

Gráfico 10 – Docentes e discentes que não têm conhecimento do acervo de livros eletrônicos na UFC gostam de ler em ambiente virtual



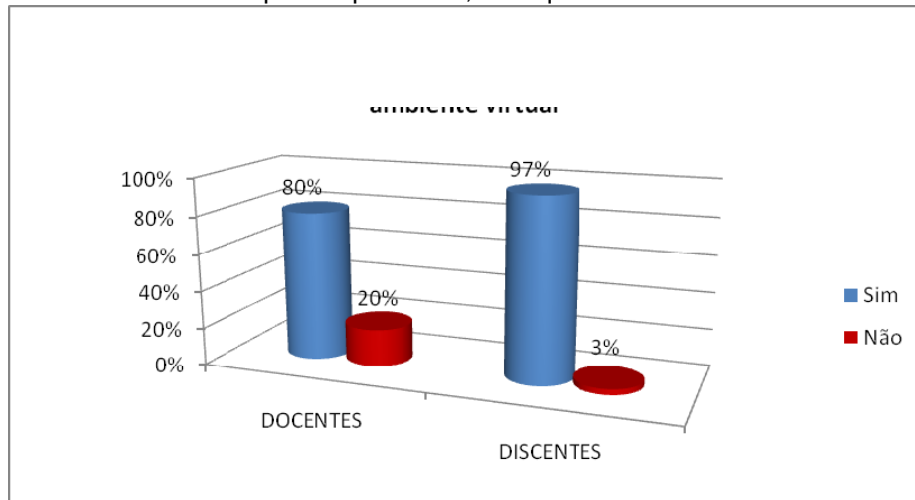
Fonte: Dados da pesquisa.

De certa forma, essas respostas causam certo ceticismo com a literatura, uma vez que esta afirma que os jovens têm mais familiaridade e gostam mais de tecnologia que os adultos. Essa categoria é chamada de “geração Y”, pois tem mais facilidade em utilizar aparelhos de alta tecnologia, como computadores e telefones celulares de última geração e, ainda, por ser ávida por inovações tecnológicas. A “geração Y”, entretanto, nessa pesquisa, ficou em segundo lugar, com 52% dos inquiridos.

Geração Y, também chamada geração do milênio ou geração da Internet, é um conceito em Sociologia que se refere, segundo alguns autores, à corte dos nascidos após 1980 e, segundo outros, de meados da década de 1970 até meados da década de 1990, sendo sucedida pela geração Z” (GERAÇÃO..., 2013, p. 1).

Neste mesmo entendimento, foi perguntado aos respondentes se já tinham feito alguma pesquisa em livro no meio virtual. A maioria deles afirmou que sim. Veja no gráfico11.

Gráfico 11 – Docentes e discentes que não têm conhecimento do acervo de livros eletrônicos comprados pela UFC, mas que leem em ambiente virtual



Fonte: Dados da pesquisa.

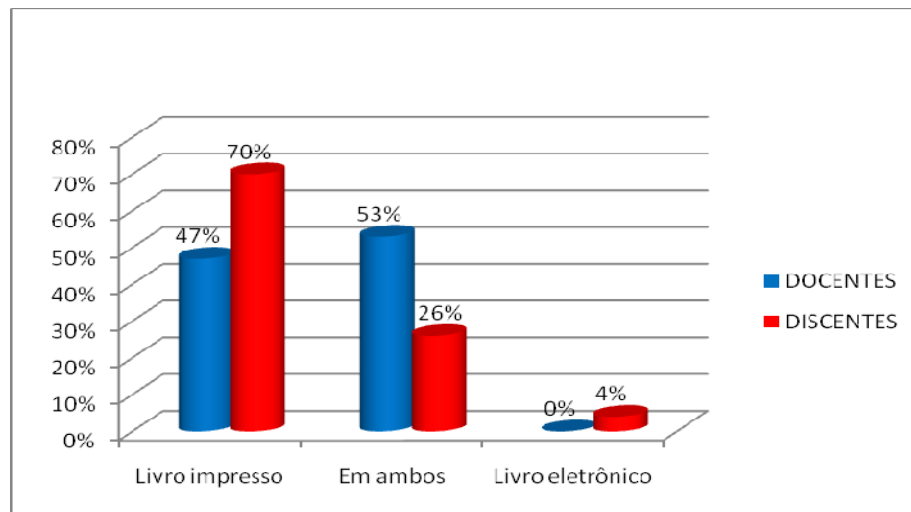
Nesse gráfico, nota-se que houve um maior número de pesquisadores virtuais por parte dos discentes, com 97%, ficando os docentes em segundo lugar, com 80%. Possivelmente esteja existindo uma reorganização na forma de leitura, considerando as novas tecnologias por parte dos participantes.

É interessante citar um comentário feito por um discente: “

Isso permite professores e alunos consultar, em sala de aula, surgida alguma dúvida, um grande número de livros, indo diretamente às páginas onde estão os trechos sobre os quais se discute. (E1)

Foi inquirido ainda a esses mesmos investigados (docentes e discentes que não têm conhecimento do acervo de livros eletrônicos na UFC) se preferiam a leitura por meio de livros convencionais (impressos), eletrônicos ou ambos. Mais uma vez, ficou evidente o interesse pelo livro impresso, conforme demonstrado no gráfico12:

Gráfico 12 – Preferência pela leitura impressa, eletrônica ou ambas



Fonte: Dados da pesquisa.

Nessa análise fica explícito que a maioria dos discentes, 70%, tem preferência pelo livro impresso, enquanto 53% dos docentes têm preferência por ambos (impressos e eletrônicos). Sabemos, pela literatura, que os motivos para a baixa aceitação do livro eletrônico podem ser vários: leitura lenta e cansativa, desconforto da leitura em tela, necessidade da disponibilidade de aparelhos tecnológicos, entre outros.

Esses dados mostram que o universo da pesquisa ainda é marcado pela transição das publicações tradicionais para as publicações digitais. Apenas uma pequena parcela dos discentes, 4%, se atrai pelos livros eletrônicos. Mesmo se somados os percentuais de inquiridos que possuem preferência por ambos (53% de docentes e 26% de discentes) e aqueles que se identificam com a leitura eletrônica (0% de docentes e 4% de discentes), ainda serão consideravelmente inferiores àqueles que continuam tendo como preferência a leitura por materiais impressos.

Entretanto, percebe-se que existe certa incoerência, principalmente por parte dos docentes, por 80% deles afirmarem, conforme o gráfico 11, gostarem de ler em ambiente virtual, enquanto 0% tem preferência pelo livro eletrônico.

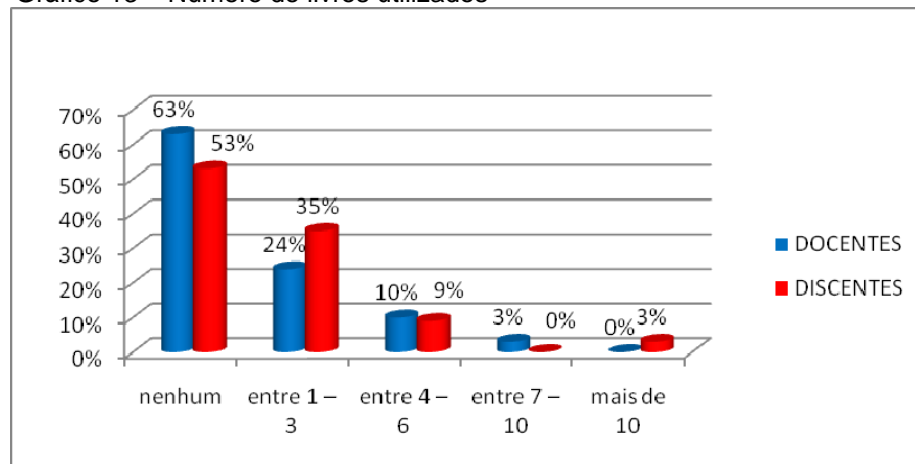
Nas questões a seguir, estes motivos serão aos poucos sendo percebidos e delineados.

d) Habito de uso dos livros eletrônicos em suas atividades acadêmicas e de pesquisa

É sabido que para a compra de livros pelo Sistema de Bibliotecas da UFC, é necessário que seguir uma política de formação e desenvolvimento do acervo definida pela própria instituição, designada por uma Comissão de Estudos que tem como propósito maior promover o equilíbrio e a consistência do acervo informacional, com vistas à satisfação das necessidades da comunidade acadêmica. Os componentes dessa comissão são: Diretor do Sistema de Bibliotecas da UFC; Diretor da Divisão de Desenvolvimento do Acervo; Diretores de cada biblioteca setorial; Representantes do corpo docente; Representantes do corpo discente. Um dos quesitos é que seja feita uma consulta aos professores da lista de bibliografia básica de cada disciplina, como também uma lista de cada biblioteca do sistema, dos livros mais demandados e mais reservados, comparando-os com as listas dos professores, para que a compra atenda realmente às necessidades dos usuários. Entretanto, a aquisição dos livros eletrônicos difere da dos livros tradicionais, pois não segue a política definida pela UFC. A primeira aquisição fez parte de um plano piloto experimental, tendo em vista que já existiam indicadores por meio da literatura e de fornecedores de que o uso dos livros eletrônicos estava sendo difundido no mundo e que seria também uma tendência no Brasil. Sentindo que esta seria também uma tendência nas universidades, a UFC resolveu aderir a esta nova modalidade, inserindo em suas listas de compras livros eletrônicos, tornando assim o acervo das Bibliotecas da UFC híbrido, em que os livros eletrônicos complementam as necessidades sentidas pelos livros impressos.

Nesse sentido, foi indagado aos docentes e discentes que têm conhecimento dos livros eletrônicos disponibilizados pela UFC quantos livros eletrônicos da Instituição eles haviam utilizado nos últimos meses. As respostas encontram-se no gráfico 13.

Gráfico 13 – Número de livros utilizados



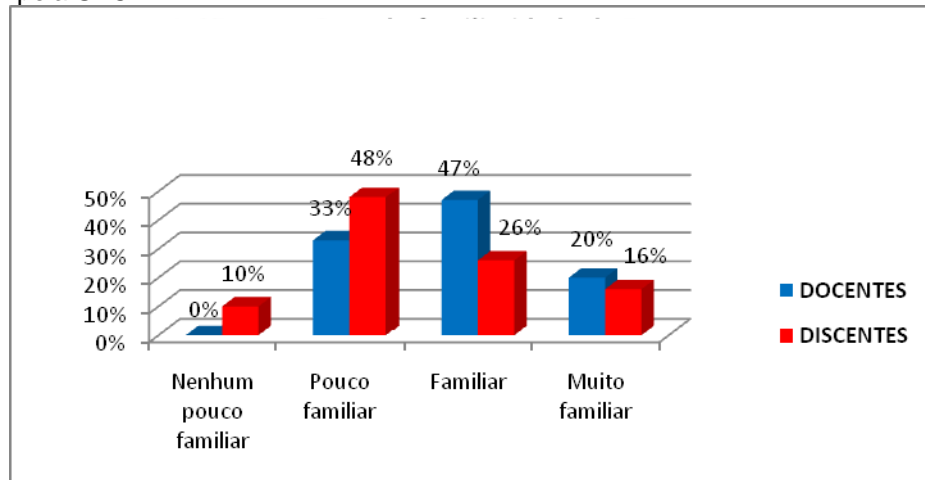
Fonte: Dados da pesquisa.

Em decorrência da análise, logo foi percebida a falta de interesse dos docentes, com 63%, e discentes, com 53%, pelo acervo de livros eletrônicos adquiridos pela UFC. Entende-se que essa falta de interesse em utilizar o livro eletrônico seja por vários motivos: falta de conhecimento do acervo; pelo fato de os livros eletrônicos não contemplarem as necessidades dos cursos; em razão de o acervo ter sido adquirido como projeto piloto (sem a participação dos professores), ou simplesmente resistência ao novo, isto é, deixar o cheiro do livro impresso pela luz do livro eletrônico, como citado pelo Prof. André Haggutte, em uma entrevista em 2012, para o jornal *O Povo*. Em compensação, os discentes, com 35%, foram os que mais leram livros desse tipo de acervo, entre 1 e 3 livros, ficando os docentes com 24%.

Esses resultados demonstram que há necessidade de uma maior divulgação desse acervo por parte da Universidade, da Biblioteca e dos professores, talvez por meio de uma campanha envolvendo Biblioteca, professores e alunos, considerando que tais livros são uma valiosa fonte de informação atualizada e acessível para os usuários.

Perguntou-se ainda aos inquiridos **que não têm conhecimento dos livros eletrônicos** na UFC, qual o grau de familiaridade com essa mídia. As respostas evidenciam que esse acervo é familiar para os docentes e pouco familiar para os discentes. Os resultados podem ser melhor visualizados no gráfico14.

Gráfico 14 – Grau de familiaridade de docentes e discentes que não tem conhecimento do acervo de livros eletrônicos comprados e disponibilizados pela UFC

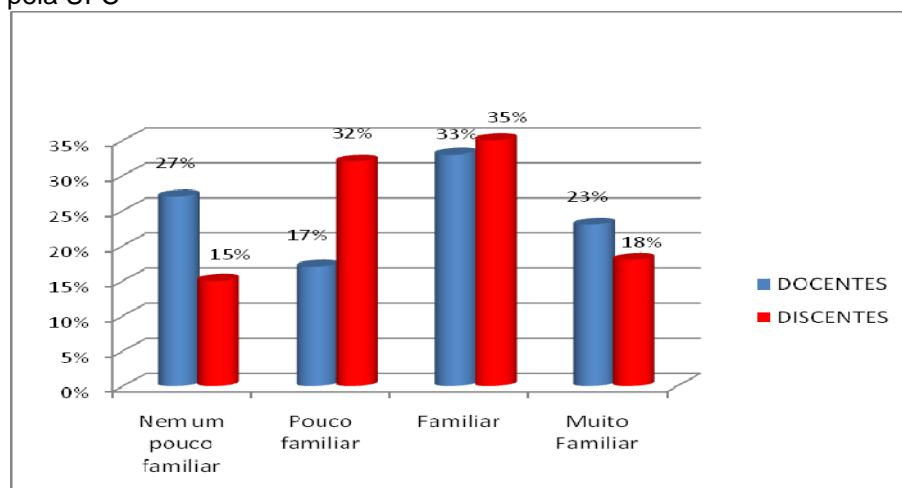


Fonte: Dados da pesquisa.

Nesse item houve certa coerência nas respostas, principalmente por parte de 48% dos discentes, que responderam ser o livro eletrônico pouco familiar, quando, no gráfico 12, 70% deles responderam ter preferência pela leitura no livro impresso. Isso constata a prioridade desses por livros tradicionais e a pouca familiaridade com os livros eletrônicos, conforme figura 13, com 53% dos investigados respondendo não ter utilizado nenhum livro do acervo eletrônico da UFC.

Foi indagado também aos docentes e discentes **que têm conhecimento dos livros eletrônicos** qual sua familiaridade com os mesmos. No gráfico 15 apresentam-se os resultados.

Gráfico 15 – Grau de familiaridade dos docentes e discentes que tem conhecimento do acervo de livros eletrônicos comprados e disponibilizados pela UFC

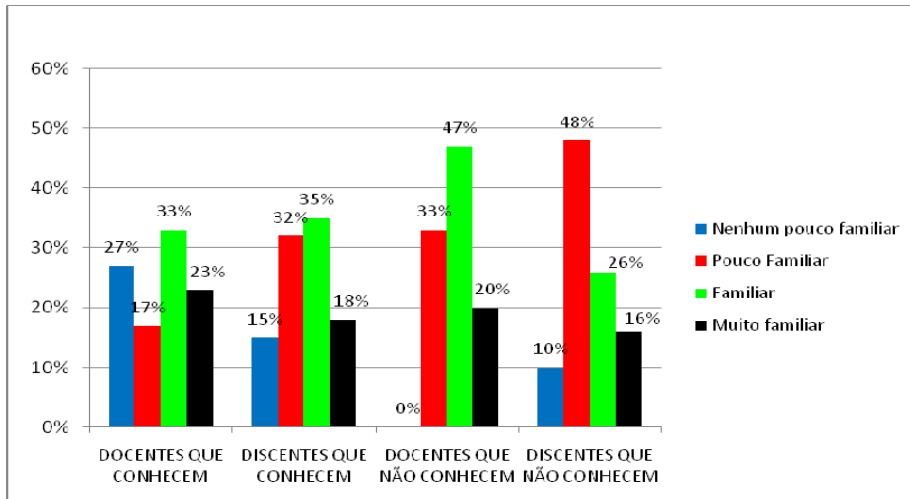


Fonte: Dados da pesquisa.

Percebe-se nesse item que tanto docentes como discentes, em sua maioria, responderam ser os livros eletrônicos familiares, ficando em segundo lugar *pouco familiar* pelos discentes, com 32%, e em terceiro *nem um pouco familiar* pelos docentes, com 27%. Apesar de 56% dos docentes terem dito que têm conhecimento dos livros eletrônicos na UFC, estes foram os que mais responderam ter pouca familiaridade com esse tipo de ferramenta.

O resultado revela também que a leitura em tela ainda não é bem aceita e que existe certa resistência ao seu uso por parte de docentes e discentes que têm conhecimento do acervo de livros eletrônicos na UFC. Por outro lado, também mostra que grande parte dos respondentes (97% dos discentes e 80% dos docentes) que não tem conhecimento desse acervo na UFC demonstrou ter mais familiaridade com esta nova mídia do que os docentes e discentes que têm conhecimento. Não se sabe o porquê de os pesquisados que responderam gostar, ler e ter familiaridade com essa mídia são justamente os inquiridos que não têm conhecimento dos livros eletrônicos disponibilizados pela UFC.

Gráfico 16 – Grau de familiaridade com livros eletrônicos



Fonte: Dados da pesquisa.

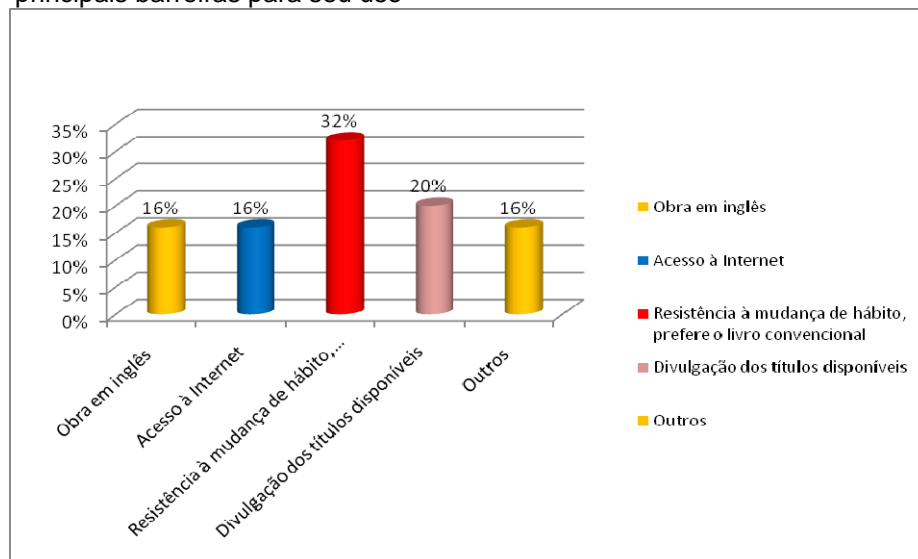
Confrontando docentes e discentes que têm conhecimento dos livros eletrônicos com os respondentes que não têm conhecimento, percebe-se que os que os docentes (47%) que têm maior familiaridade com livros eletrônicos são os que não têm conhecimento desse acervo na UFC e, entre os discentes (35%), os que têm mais familiaridade são os que têm conhecimento desse tipo de mídia na UFC. Entretanto os inquiridos que mais responderam não ter nenhum pouco de

familiaridade com os livros eletrônicos foram os docentes (27%) que têm conhecimento desse acervo, enquanto todos os docentes (0%) que não têm conhecimento responderam ter algum tipo de familiaridade.

A partir do gráfico 17, passa-se a considerar as características das principais barreiras para o uso do livro eletrônico pelos pesquisados: docentes que têm o conhecimento do livro eletrônico, docentes que não têm o conhecimento do livro eletrônico e discentes que têm conhecimento do livro eletrônico e discentes que tem conhecimento do livro eletrônico.

Nas características qualitativas, foi perguntado aos docentes que têm conhecimento dos livros eletrônicos, quais as principais barreiras para o uso desse tipo de texto. A maioria dos docentes afirmou que a principal barreira é a resistência a mudanças (gráfico 17).

Gráfico 17 – Docentes que têm conhecimento dos livros eletrônicos e principais barreiras para seu uso



Fonte: Dados da pesquisa.

A principal barreira para 32% dos respondentes foi a resistência à mudança de hábito, por preferirem o livro impresso, e o segundo motivo mais citado, com 20% das respostas, foi a divulgação dos títulos disponíveis. Alguns comentários ilustram também algumas barreiras para o uso do livro eletrônico:

A principal barreira refere-se ao fato de serem obras em inglês; o segundo motivo, no meu caso particular, é a ausência de obras específicas para a minha área de atuação. (P.1)

Não gostar de ler por via eletrônica e também pouco conhecimento dos livros disponíveis, e conseqüentemente pouco interesse acesso, acervos restritos, falta de hábito. (P.2)

Alguns sites não podem ser acessados em tabletes. (P.3)

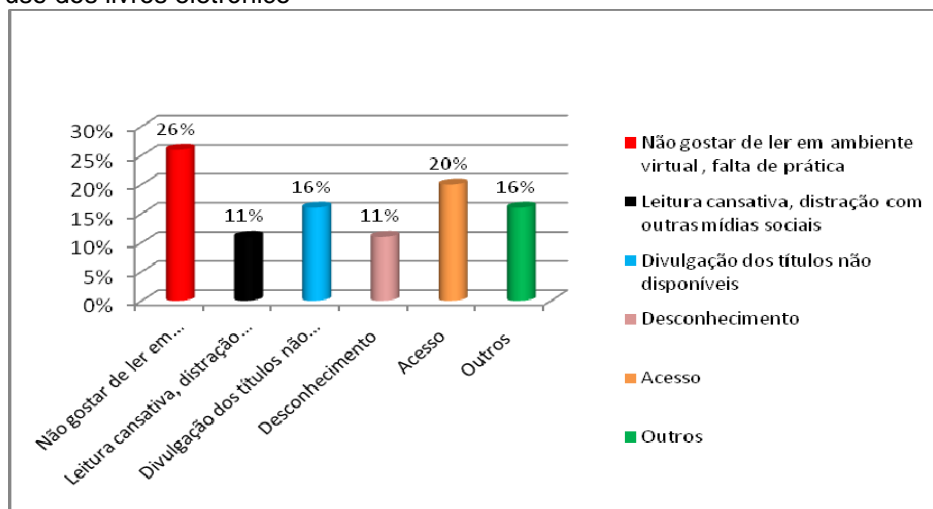
Em relação aos discentes que têm conhecimento do livro eletrônico, tal como se observa no gráfico19, a principal barreira para o uso desse tipo de livro são: resistência a mudanças que representa 26% dos inquiridos, seguida da divulgação dos títulos existentes com 20%, em terceiro lugar ficou a acesso a internet (16%) e os outros (16%) obra em inglês. Outros relatados como:

Prefiro os livros eletrônicos, pois consigo ler em um tablete. (E.1)

Não tem dificuldade, basta ter um computador. (E.2)

Já os discentes apontaram como principal barreira a falta de prática ou não gostar de ler em ambiente virtual. No gráfico18 apresentam-se com mais detalhes os achados da pesquisa.

Gráfico 18 – Discentes que têm conhecimento e principais barreiras para o uso dos livros eletrônico



Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com os dados analisados, a falta de interesse, a falta do conhecimento da disponibilidade dos livros eletrônicos e, ainda, a resistência à mudança de uso pelos inquiridos vem confirmar a não preferência pelo livro eletrônico, predominando o gosto pelo livro impresso. Possivelmente seja necessária uma nova aprendizagem como citado em um comentário:

O uso de livros eletrônicos precisa ser aprendido, ainda tenho resistência e gosto de pegar em papel. (E.1)

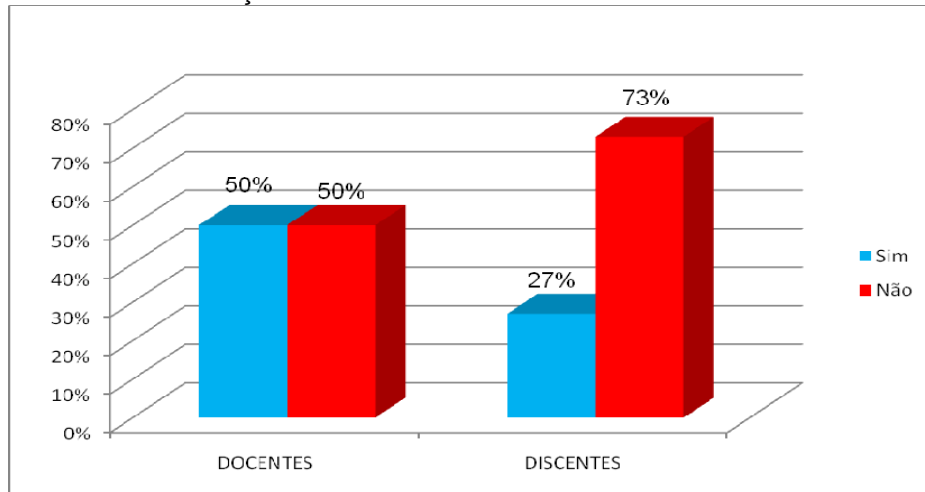
Talvez uma das estratégias para melhorar o uso desse acervo seja investir em treinamentos ao acesso e também adquirir livros que, efetivamente, venham ao encontro das necessidades dos usuários.

e) Indicação de livros eletrônicos por professores de pós-graduação, em suas bibliografias básicas

No Brasil, as Instituições de Ensino Superior vêm sendo avaliadas pelo MEC desde 1995, e para isso têm que atender aos critérios e padrões de funcionamento. A partir de 2002, foi institucionalizada a visita da Comissão de Avaliadores, incumbida de verificar *in loco* as condições das Instituições, avaliando os cursos e autorizando ou não a criação ou continuidade destes. A lei 10.861, de 14 de abril de 2004, criou o **Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES)**, que é a nova ferramenta de avaliação do ensino superior do MEC. Entre os critérios exigidos, está a biblioteca, que deve dispor de um acervo adequado, tanto quantitativo como qualitativo. Para isso, é necessário que se tenha uma política de formação e desenvolvimento de acervo, na qual se deve levar em conta o número de usuários reais e potenciais que se deseja atender. Entretanto, com a introdução das novas tecnologias e com a rapidez com que os equipamentos estão ficando obsoletos, os documentos, que antes se resumiam ao papel, têm se apresentado em suportes diversos como, por exemplo, o livro eletrônico. Nesse contexto, as Bibliotecas devem prever em seu orçamento verba para a aquisição de um novo tipo de acervo.

Nessa perspectiva foi perguntado aos docentes que têm conhecimento do acervo eletrônico na UFC, se eles o indicam nas bibliografias básicas de suas disciplinas. Foi inquirido também aos discentes se esse tipo de acervo consta entre os livros indicados pelos docentes nos programas das disciplinas de seu curso. Os resultados desses achados estão no gráfico 19

Gráfico 19 – Indicação de livros eletrônicos



Fonte: Dados da pesquisa.

A pesquisa revela que 50% dos docentes indicam o acervo de livros eletrônicos nas bibliografias de suas disciplinas. Entretanto, 73% dos discentes responderam que, nos programas das disciplinas do curso, não constam livros eletrônicos do acervo da UFC. Talvez seja esse um dos fatos que contribui para o não uso desses livros. Mais uma vez, entendemos ser necessário que haja uma política que venha mobilizar para melhor o uso desse acervo, pois, do contrário, a UFC estará investindo grandes recursos financeiros e o retorno será insipiente.

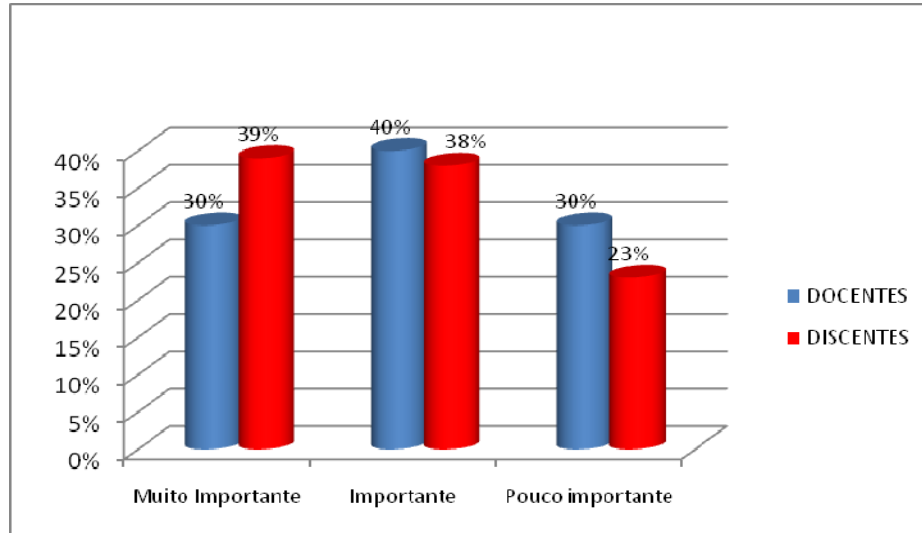
f) Importância e satisfação do uso dos livros eletrônicos comprados e disponibilizados pela UFC

Como explanado anteriormente, as bibliotecas universitárias têm como função principal a de proporcionar a seus usuários serviços de informação e disponibilizar suporte às atividades de ensino, pesquisa e extensão. Elas são também consideradas como disseminadoras de informações, desempenhando papel fundamental no desenvolvimento da sociedade, ocasionando transformações científicas, tecnológicas e educacionais nas mais diversas áreas. Desse modo, foi perguntado aos docentes que conhecem o acervo dos livros eletrônicos e aos que desconhecem este tipo de acervo como eles avaliam a leitura de livros eletrônicos.

Nessa perspectiva, foi perguntado aos docentes e discentes que têm conhecimento do acervo de livros eletrônico na UFC qual o grau de importância desse acervo para eles. Os resultados da pesquisa enfatizam que tanto os docentes

quanto os discentes que têm conhecimento dos livros eletrônicos apontam que eles são importantes ou muito importantes (gráfico 20).

Gráfico 20 – Grau de importância dos docentes e discentes que têm conhecimento dos livros eletrônicos



Fonte: Dados da pesquisa.

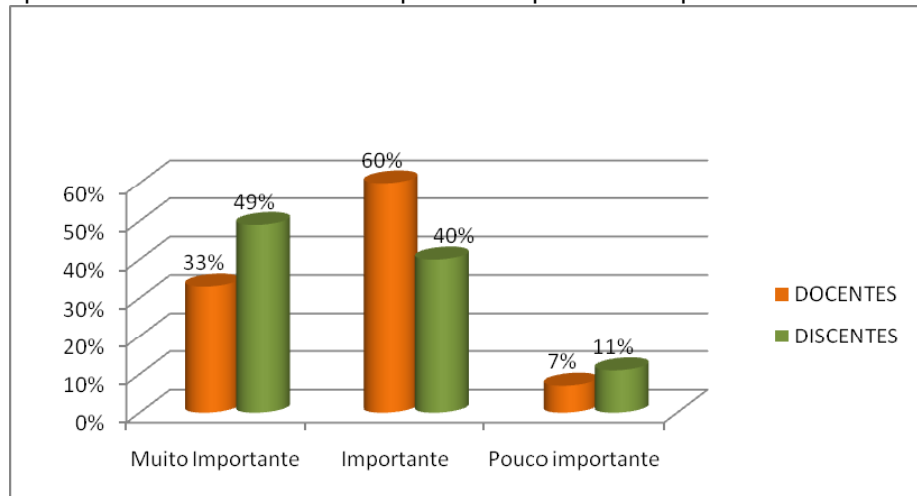
Percebe-se no gráfico acima que o grau de importância do acervo de livros eletrônicos para os docentes que conhecem a disponibilidade desses livros tem o mesmo grau de importância, tanto para *muito importante* como para *pouco importante*, com 30% deles, e importante, para 40%. Já os discentes, 39% responderam *muito importante*, 38% *importante* e 23% *pouco importante*. Possivelmente, para os discentes, o manuseio pelo computador vai oportunizar a interatividade na busca de conteúdos.

Foram questionados também docentes e discentes que desconhecem o acervo de livros eletrônicos da UFC, se eles acham importante este tipo de acervo.

Mais da metade dos docentes, 60%, disse achar o acervo de livros importante, 33%, muito importante e apenas 4%, pouco importante. As respostas dos discentes foram as seguintes: 49% disseram ser o acervo de livros eletrônicos muito importante, 40%, importante e 11%, pouco importante.

No gráfico 21 estão explícitas as respostas sobre o grau de importância do acervo de livros eletrônicos para docentes e discentes que desconhecem o acervo de livros eletrônicos acervo na UFC.

Gráfico 21 – Importância de acervo eletrônico para docentes e discentes que desconhecem o acervo comprado e disponibilizado pela UFC

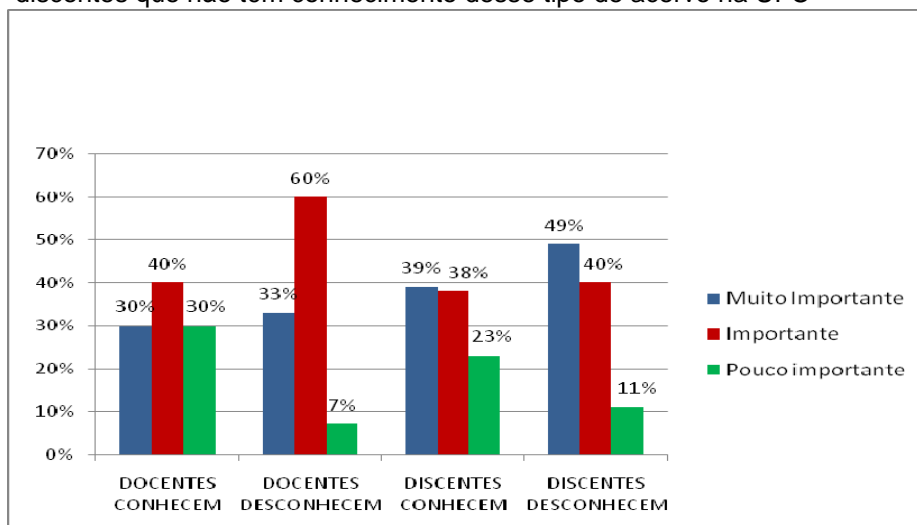


Fonte: Dados da pesquisa.

O gráfico mostra que mais da metade dos docentes, 60%, consideram o acervo de livros eletrônicos importante, 39%, muito importante e 7%, pouco importante. Já 49% dos discentes acham muito importante, 40%, importante e 11%, pouco importante.

O gráfico 22 faz um confronto entre os docentes e discentes que têm conhecimento dos livros eletrônicos com os docentes e discentes que não têm conhecimento desse acervo.

Gráfico 22 – Confrontando os dados dos docentes e discentes que têm conhecimento do acervo de livros eletrônicos com os dados dos docentes e discentes que não têm conhecimento desse tipo de acervo na UFC

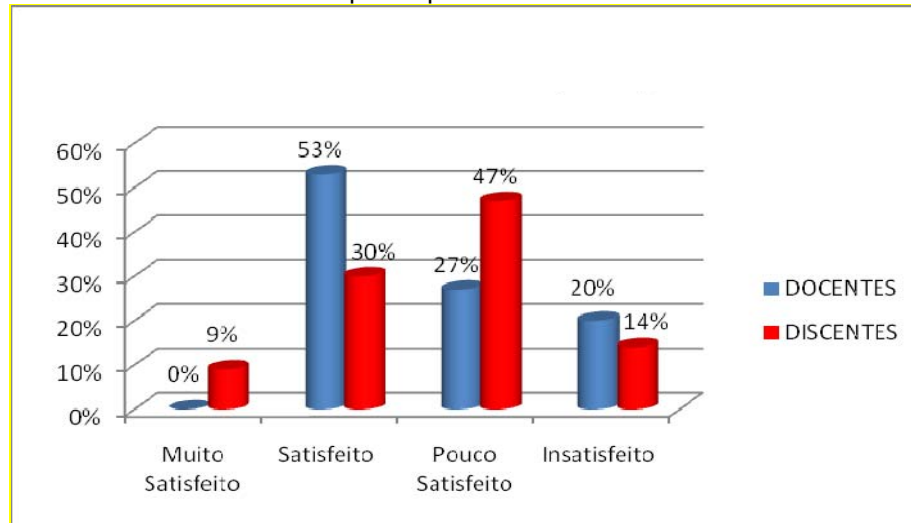


Fonte: Dados da pesquisa.

Confrontando os dois gráficos, percebe-se a diferença entre os docentes e discentes que conhecem o acervo de livros eletrônicos e os docentes e discentes que não têm conhecimento. Percebe-se que os docentes (40%) e discentes (38%) que têm conhecimento dão menos importância a este tipo de acervo do que os que o desconhecem (docentes: 60% *importante*; discente 49% *muito importante*). O que se pode inferir é que os livros disponibilizados pela UFC não estão satisfazendo as necessidades dos usuários, já que docentes e discentes que não têm conhecimento deste acervo, em sua maioria, disseram ser este importante, isso pode decorrer do fato de o acharem relevante por não o conhecerem e, quiçá, não saberem que ele, porventura, não contempla sua área de atuação. Entretanto, cabe destacar que 60% destes consideram importante o acervo destes livros (gráfico 26), demonstrando que o livro eletrônico já está ganhando popularidade para o leitor interativo. No entanto, cabe à Biblioteca Universitária investigar se o problema dos docentes (30%) e discentes (23%) que conhecem o acervo e estão dando pouca importância a este tipo de mídia: será por falta de divulgação por parte da Universidade e da BU? Se há a constatação de que tais livros são pouco utilizados, será que a UFC não está tendo gastos desnecessários com a sua compra e manutenção? Será que os livros disponibilizados não estão realmente satisfazendo as necessidades de seus usuários? Que medidas a Biblioteca poderia tomar para que estas fontes de informação se tornassem mais satisfatórias e fossem, de fato, utilizadas? Será por resistência em trocar o impresso pelo eletrônico, ou simplesmente por desinteresse dos próprios usuários? Cabe à Universidade averiguar se este acervo está sendo realmente utilizado e satisfazendo as necessidades do usuário final. As respostas a estes questionamentos são de fundamental importância para que se tomem medidas, quer sejam de divulgação, quer sejam de avaliação da necessidade de gastos com esses livros.

Ainda foi perguntado o grau de satisfação aos usuários que têm conhecimento dos livros eletrônicos disponibilizados pela UFC. Neste quesito, um rol de questionamentos foi elaborado: muito satisfeito, satisfeito, pouco satisfeito e insatisfeito. Veja-se o gráfico 23.

Gráfico 23 – Grau de satisfação de docentes e discentes que têm conhecimento do acervo adquirido pela UFC



Fonte: Dados da pesquisa.

Percebemos que os docentes foram os que mais se sobressaíram no quesito *satisfeito*, com 53% dos respondentes; em seguida, os discentes, com 47% *pouco satisfeito* com este tipo de acervo. Entretanto, as falas de alguns docentes afirmam que:

O acervo deixa ainda muito a desejar. (P.5)

Entendo que se os e-books fossem em português e em uma língua estrangeira facilitaria e aproximava mais o leitor, familiarizando-o aos livros eletrônicos, visto que são poucos os leitores que falam, escrevem e lêem duas línguas. (P.9)

Trata-se de uma iniciativa boa que dever ser estendido. (P.8)

Não encontrei os livros que procurei. (P.11)

Como não utilizo, não posso falar sobre grau de satisfação. (P.12)

Pois devido à pouca divulgação não fiz uso desse acervo. (P.13)

Ainda falta a aquisição de obras específicas da minha área de atuação, que são relevantes para a formação do alunado de pós-graduação em avaliação educacional. (P.14)

Acho que falta uma campanha de divulgação e conscientização por parte da BU. (E.10)

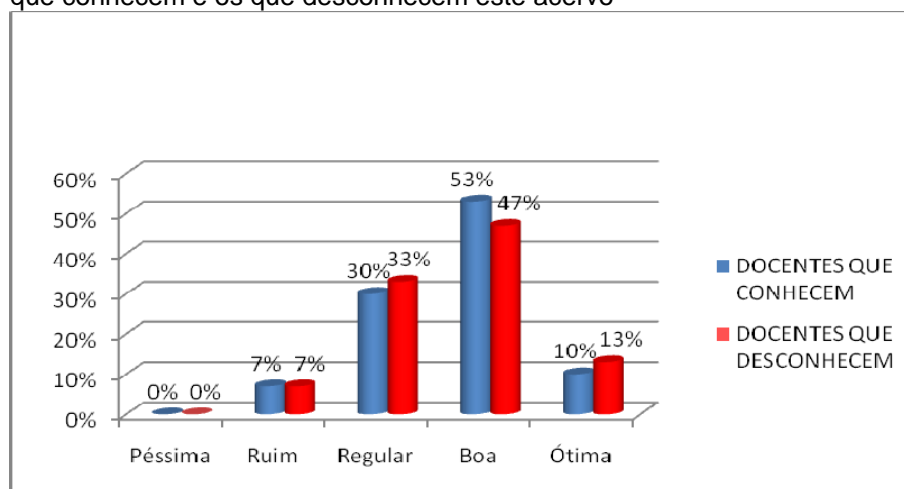
Procurei mas ainda não encontrei livros eletrônicos da UFC em minha área. (E. 11)

O livro eletrônico, nada obstante a facilidade de acesso, requer condições de leitura que o físico não demanda e é limitadíssimo, além de inseguro quanto ao conteúdo. (E.18)

Continuando no mesmo entendimento sobre a importância e satisfação do uso dos livros eletrônicos, questionou-se aos docentes que conhecem ou não o acervo sobre a avaliação da leitura em livros eletrônicos e ainda a importância desses livros para a pesquisa.

Os resultados foram surpreendentes, pois a maioria dos respondentes considera que a leitura desses livros é boa ou regular, como mostra o gráfico 24.

Gráfico 24 – Avaliação sobre a leitura em livros eletrônicos, entre docentes que conhecem e os que desconhecem este acervo

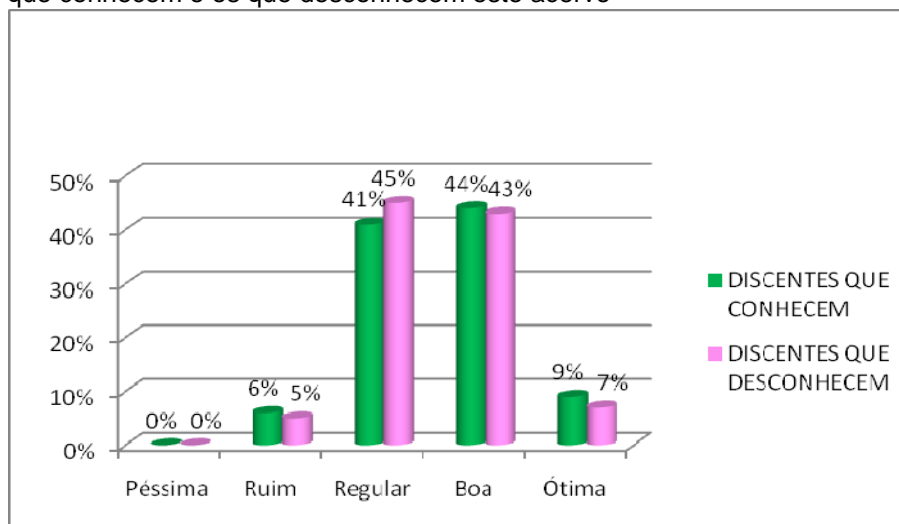


Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados revelam que, dos docentes investigados que têm conhecimento do acervo de livros eletrônicos, 53% acham este tipo de acervo *boa*, 30% *regular* e somente 10% o consideram *ótimo*, enquanto os que desconhecem este tipo de acervo responderam como segue: 47% *boa*, 33% *regular* e 13% *ótimo*. Pode-se inferir que aos poucos esta nova mídia vai ganhando força, entretanto ainda sente-se, por parte destes usuários, um pouco de resistência em aderir a este tipo de acervo.

Na mesma linha de raciocínio, foi perguntado aos docentes que conhecem ou não tal acervo como avaliam a leitura em livros eletrônicos. O gráfico 25 refere-se à avaliação da leitura em livros eletrônicos por esses inquiridos.

Gráfico 25 – Avaliação sobre a leitura em livros eletrônicos, entre discentes que conhecem e os que desconhecem este acervo



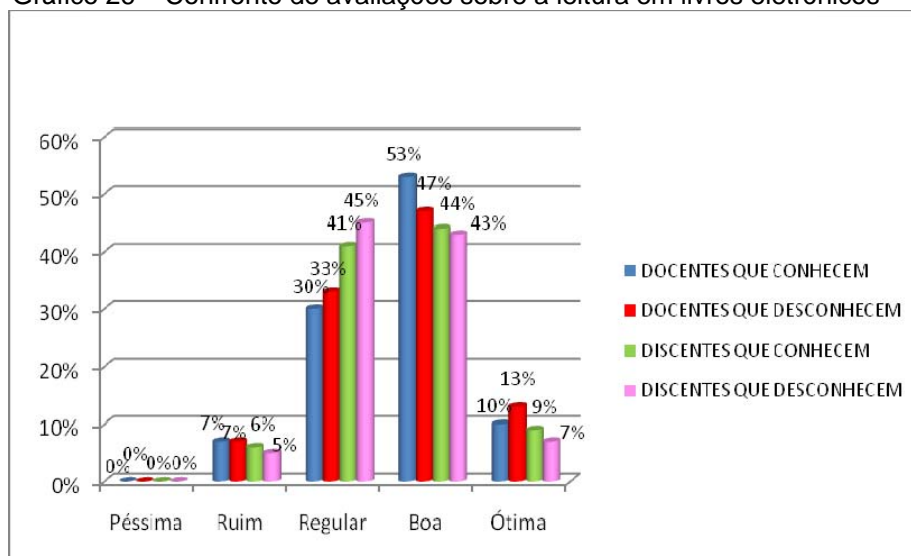
Fonte: Dados da pesquisa.

A maior porcentagem dos discentes que têm conhecimento do acervo de livros eletrônicos considerou entre regular (41%) e boa (44%); só 9% avaliaram como ótima, e 6% disseram ser ruim a leitura em livros eletrônicos. Entretanto, mais da metade dos discentes que desconhecem este tipo de acervo responderam (45%) *regular*, (43%) *boa*, enquanto 7% consideram *ótima* e 5% consideram *ruim*.

O resultado revela que a leitura em tela ainda não é totalmente aceita e que ainda existe certa resistência ao seu uso, mas também mostra que grande parte dos respondentes consideram-na como satisfatória.

Fazendo um confronto entre docentes e discentes que conhecem o acervo dos livros eletrônicos com os docentes e discentes que desconhecem este acervo em relação à avaliação da leitura em livros eletrônicos, obteve-se que os resultados ficaram praticamente empatados, entre *boa* e *regular*. No gráfico 27, apresentam-se esses resultados.

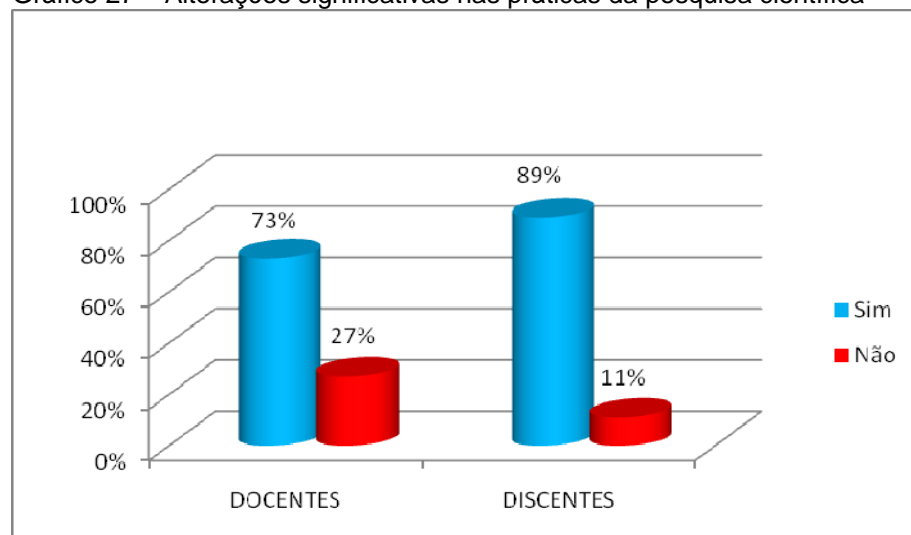
Gráfico 26 – Confronto de avaliações sobre a leitura em livros eletrônicos



Fonte: Dados da pesquisa.

Ainda nessa característica, foi perguntado aos docentes e discentes que têm conhecimento do acervo de livros eletrônicos disponibilizados pela UFC, se a introdução destes livros no âmbito acadêmico representa uma alteração significativa nas práticas de pesquisa científica. Também nesse ínterim as respostas foram muito próximas (gráfico 28).

Gráfico 27 – Alterações significativas nas práticas da pesquisa científica



Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme pode ser observado no gráfico 28, a grande maioria, ou seja, 73% dos docentes, afirma que a introdução de livros eletrônicos no âmbito acadêmico representa uma alteração significativa nas práticas de pesquisas

científicas. 89% dos discentes estiveram de acordo com os docentes, quando responderam afirmativamente a este questionamento. Provavelmente, a grande maioria deles está ciente da mudança do processo de leitura, que passa a incorporar recursos de multimídia, de áudio e de vídeo, conforme comentários realizados pelos professores:

O livro eletrônico pode não ser tão prazeroso de ser lido como o de papel, mas é de mais fácil armazenamento, manuseio e consulta do que o livro de papel. (P4)

É possível viajar com iPad contendo centenas de livros, o que seria inviável em livros de papel (P5).

Abre possibilidades de leitura para quem não pode ou não quer comprar livros e gosta de livros eletrônicos. (P6)

Sabe-se que, com a explosão da informação, ficou mais difícil uma biblioteca conseguir atualizar seu acervo constantemente, pois todos os dias são publicados livros novos e mais atualizados. Entretanto, é sabido que o acervo de livros eletrônicos é uma resposta a esse problema, pois, ele proporciona maior comodidade, uma vez que pode ser acessado 24 horas por dia, de qualquer máquina instalada na UFC ou fora dela. Ele também está disponível 365 dias por ano, transcendendo as barreiras de tempo e espaço, possibilitando consultas simultâneas, com ausência de fila de espera para o empréstimo e sem necessidade de reservas, dando a possibilidade de se ter uma biblioteca inteira em um computador ou até mesmo em telefones celulares, por meio de *download*. Ele também é considerado um acervo ecológico, pois não utiliza papel e ocupa um espaço reduzido nas prateleiras.

7 CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa, buscou-se encontrar respostas ao problema apresentado na introdução desta dissertação, qual seja: Que fatores são considerados determinantes para o uso dos livros eletrônicos comprados e disponibilizados no sistema de bibliotecas da UFC, por alunos e professores dos programas de pós-graduação dessa instituição, contemplados com esse tipo de acervo? Além do mais, como a pesquisa é cíclica, tem-se que retornar aos objetivos a fim de verificar se os mesmos foram atingidos.

Assim, no objetivo que buscou identificar o grau de conhecimento dos estudantes e professores de pós-graduação da UFC, sobre a existência dos livros eletrônicos comprados e disponibilizados pela UFC nos cursos por eles contemplados, ficou evidente que a maioria dos docentes têm conhecimento do acervo de livros eletrônicos, entretanto, os discentes que participaram da pesquisa em sua maioria responderam não conhecer este acervo o acervo, embora tal coleção já conte com mais de 8000 títulos. Como já mencionado no capítulo dos resultados e discussões dos dados, o Sistema de Bibliotecas adota como estratégia para o conhecimento desse acervo a divulgação, em destaque, em sua página na *web*. Ainda nesse objetivo, ficou evidente que os **fatores que mais influenciaram** para o conhecimento e uso desse acervo foram: a gratuidade pelo portal da UFC; a ampla disponibilidade e a praticidade.

Com relação ao objetivo de verificar se docentes e discentes de pós-graduação da UFC conhecem as estratégias de acesso e uso do acervo de livros eletrônicos a eles destinados, os achados da pesquisa evidenciaram que, do ponto de vista dos docentes pesquisados, 50% sabem como ter acesso e uso e os outros 50% desconhecem tanto o acesso como o uso desse acervo. Entretanto, os discentes, em sua maioria (71%) responderam que sim, que sabem como ter acesso e como usar este acervo.

Quanto ao objetivo de investigar se docentes e discentes têm o hábito de usar os livros eletrônicos em suas atividades acadêmicas, verificou-se que tanto docentes (63%) como discentes (53%) nunca utilizaram um livro do acervo eletrônico. Conforme já apontado nas análises anteriores (capítulo 6), os fatores apontados para esse contingente investigado foram:

- a) a falta de conhecimento do acervo;

b) o fato de os livros eletrônicos não contemplarem as necessidades dos cursos;

c) a insegurança quanto ao conteúdo;

d) a relação de afetividade e prazer com relação ao livro impresso”.

De posse desses resultados pode-se inferir que, embora já exista uma divulgação desses livros, muito ainda precisa ser feito. Isso, talvez, possa ser resolvido por meio de uma campanha envolvendo Biblioteca, professores e alunos. Outra proposta seria tornar o acervo de livros eletrônicos mais atraentes, comprando livros que realmente supram as necessidades dos usuários, para que eles passem a vê-lo como mais uma fonte de informação para suas pesquisas.

Outro objetivo foi averiguar se os professores de pós-graduação da UFC indicam livros eletrônicos em suas bibliografias básicas. Metade (50%) dos docentes que conhece os livros eletrônicos disse que indica este tipo de acervo em suas bibliografias. Entretanto, a grande maioria dos discentes (73%), responderam que esse tipo de acervo não consta em suas bibliografias.

Neste item, podemos levar em conta que, sendo essa a primeira compra para um projeto piloto experimental, não tenha havido uma consulta prévia aos docentes sobre suas bibliografias, o que revela a necessidade de uma participação mais efetiva por parte dos professores na próxima compra. Acredita-se que uma ação importante nesse aspecto seria que a Política de Formação e Desenvolvimento de Acervo do Sistema de Bibliotecas da UFC também fosse adotada na aquisição desses livros.

O último objetivo analisado foi a importância e a satisfação no uso dos livros eletrônicos dos acervos da UFC nas atividades acadêmicas nos programas de pós-graduação. A análise evidenciou que o grau de importância para os docentes e discentes que não conhecem o acervo da UFC foi maior que para professores e alunos que têm conhecimento desse acervo. No quesito satisfação, os docentes estão mais satisfeitos com o acervo de livros eletrônicos do que os discentes.

Diante do exposto, pode-se inferir que a falta de conhecimento, hábito e uso, seja provocada pelos seguintes fatores:

a) o fato, mais preponderante de todos foi, de o público ter resistência ao novo, não querer “trocar o cheiro do papel” por um “livro inodoro como o eletrônico”;

b) o fato de os livros eletrônicos não serem específicos para as áreas de atuação dos investigados, que, por isso, não sentem necessidades nem motivação para pesquisá-los;

c) o fato de não constarem em suas bibliografias;

d) a falta de uma divulgação mais expressiva, por parte da instituição, para chamar a atenção de toda a comunidade universitária para essa nova mídia disponibilizada pela UFC.

e) a necessidade de o livro eletrônico precisar de uma ferramenta para o acesso.

Portanto, considera-se que os objetivos da pesquisa foram atingidos, pois os fatores que mais contribuíram para sua realização podem ser analisados e revertidos a favor desse acervo.

Finalmente tem-se consciência de que a pesquisa não acaba com a defesa desta dissertação, muito pelo contrário, tem-se consciência de que vários trabalhos surgirão em forma de artigos e outros do gênero.

REFERÊNCIAS

AFONSO, C. **Internet no Brasil: o acesso para todos é possível**. 2000. Disponível em: <<http://www.idrc.ca/uploads/user-S/10245206800panlacafoant.pdf>>. Acesso em: 1 set. 2012.

AGUIAR, G. A. **Uso das ferramentas das redes sociais em Bibliotecas Universitárias**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Ciências da Informação da Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

AMARAL, S. A. Serviços bibliotecários e desenvolvimento social: um desafio profissional. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 24, n. 2, p. 221-227, maio/ago. 1995.

ANDRADE, M. M. **Introdução à Metodologia do trabalho científico**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

ANDRIOLA, W. B. Desafios e necessidades que se apresentam as comissões próprias de avaliação (CPAs) das IES visando a implementação do sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES). *In*: RISTOFF, D. I.; ALMEIDA JUNIOR, V. de P. (Org.). **Avaliação participativa: perspectivas e debates**. Brasília, DF: INEP, 2005. p. 57-72.

ANDRIOLA, W. B.; SOUZA, L. A. de. Representações sociais dos gestores e dos técnicos das unidades acadêmicas da Universidade Federal do Ceará (UFC) acerca da autoavaliação institucional. **Avaliação**, Sorocaba, v. 15, n. 2, p. 45-72, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=1414-4077&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 6 ago. 2012.

BAPTISTA, S. G.; BRANDT, M. Do manuscrito ao digital: a longa sobrevivência das bibliotecas e dos profissionais envolvidos. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. esp., p. 21-40, 2006. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/972/2/ARTIGO_ManuscritoDigital.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2012.

BARKER, P. G. Electronic books. **Educational and Training Technology International**, London, v. 28, n. 4, p. 269-368, 1991. Special edition.

BARRETTO, E. S. S.; PINTO, R. P. (Coord.). **Avaliação de programas educacionais: indagações metodológicas e disseminação de resultados. Tendências e perspectivas na avaliação de políticas e programas sociais**. São Paulo: IEE/PUC/SP, 2001.

BARROS, Maria Helena T. C. **Disseminação da informação: entre a teoria e a prática**. Marília: [s.n.], 2003.

BAUER, A. Usos dos resultados das avaliações de sistemas educacionais: iniciativas em curso em alguns países da América. **R. Bras. Est. Pedag.**, Brasília,

DF, v. 91, n. 228, p. 315-344, maio/ago. 2010. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/view/1690/1341>>. Acesso em: 3 maio 2013.

BENÍCIO, C. D. **Do livro impresso ao e-book: paradigma do suporte na Biblioteca Eletrônica**. João Pessoa: UFP, 2003. 142 p.

BRASIL. **Decreto-Lei n. 56.725, de 16 de agosto de 1965**. Disponível em: <<http://www.crb14.org.br/UserFiles/File/DECRETO%20LEI%20N%C2%BA%2056.725%20DE%2016%20DE%20AGOSTO%20DE%201965.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2013.

BRASIL. **Decreto-lei nº 56.725, de 16 de agosto de 1965**. Regulamenta a lei Nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário. Disponível em: <<http://www.crb14.org.br/UserFiles/File/DECRETO%20LEI%20N%C2%BA%2056.725%20DE%2016%20DE%20AGOSTO%20DE%201965.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2013.

BRASIL. Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 20 fev. 1998. Disponível em: <http://www.mct.gov.br/legis/leis/9610_98.htm>. Acesso em: 5 jul. 2012.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Zorge Zahar Editor, 2003.

CANFORA, Luciano. **A biblioteca desaparecida: histórias da biblioteca de Alexandria**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CARVALHO, M. S. R. M. **A trajetória da Internet no Brasil**. 2006. 239f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Sistema de Computação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.nethistory.info/Resources/Internet-BR-Dissertacao-Mestrado-MSavio-v1.2.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2013.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1. Disponível em: <<http://www.cidadefutura.com.br/cepat/1999-10/p5.html>>. Acesso em: 16 jun. 2011.

CAVALCANTI NETO, A. L. G.; AQUINO, J. L. F. A avaliação da aprendizagem como um ato amoroso o que o professor pratica? **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 223-240, ago. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v25n2/10.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

CESCA, H. **Uso do hipertexto no webjornalismo: o caso da Gazeta do Povo Online**. Curitiba: 2005. <Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/89890455/Usado-hipertexto-no-webjornalismo-O-caso-da-Gazeta-do-Povo-Online>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

CHAVES, E. O. C. **O desafio da tecnologia na educação**. 2005. Disponível em: <http://www.escola2000.org.br/pesquise/texto/textos_art.aspx?id=77>. Acesso em: 2 mar. 2013.

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. 2. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2006.

CHOO, C. W. Como ficamos sabendo – um modelo de uso da informação. *In*: _____. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significados, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: Senac, 2003. Cap. 2, p. 63-120.

CLICK, A.; PETIT, J. Social networking and web 2.0 in information literacy. **The International Information & Library Review**, Sacramento, CA, v. 42, n. 2, p. 137-141. June 1910.

COSTA, J. C.; ANDRADE, G. K. As novas tecnologias de publicação digital. **Educação**. Porto Alegre, v. 1, p. 36-42, out. 2009.

COSTA, L. M. R. **Biblioteca de caráter público e práticas leitoras**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, 2011.

COSTA, R. R.; FERREIRA, T. C. P. **A Importância da comunicação no contexto empresarial**: Caldas Novas, Página Nova, 2008. 69 p.

CRONBACH, L. J. **Designing evaluations of educational and social programs**. San Francisco: Jossey-Bass, 1963.

CUNHA, M. B. As tecnologias de informação e a integração das bibliotecas brasileiras. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 23, n. 2, p. 182-189, maio/ago. 1994.

CUNHA, M. B. Biblioteca digital: bibliografia internacional anotada. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 26, n. 2, p. 195-203, 1997.

CUNHA, M. B. Construindo o futuro: a biblioteca universitária em 2010. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 29, n. 1, p. 71-89, jan./abr. 2000.

D'AMBRA, J. *et al.* Application of the task-technology fit model to structure and evaluate the adoption of E-books by Academics. **JASIST**, New York, v. 64, n. 1, p. 48-64, 2013. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.22757/pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2013.

DIAS SOBRINHO, J. **Avaliação**: políticas educacionais e reformas. São Paulo: Cortez, 2003.

DIAS, G. A.; VIEIRA, A. A. N.; SILVA, A. L. A. **Em busca de uma definição para o livro eletrônico**: o conteúdo informacional e o suporte físico como elementos

indissociáveis. 2013. Disponível em: <<http://wrco.ccsa.ufpb.br/wrco/?p=182>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

DRUCKER, P. **Sociedade pós-capitalista**. São Paulo: Pioneira, 1999.

DUARTE, E. C. V. G.; PEREIRA, E. C. **Direito autoral**. Paraná: UFPR, 2009. Disponível em: <https://www.google.com.br/#hl=pt-BR&sa=X&ei=4NVgUN3OHYLR0QHGIcIDA&sqi=2&ved=0CBwQvwUoAA&q=DUARTE,+E.+C.+V.+G.%3B+PEREIRA,+E.+Direito+autoral.+Paran%C3%A1%3A+UFPR,+2009.&spell=1&bavon.2,or.r_gc.r_pw.&fp=dc1ca90ac69a127d&biw=1366&bih=566>. Acesso em: 15 jul. 2012.

EARP, Fabio Sá; KORNIS, George. **A economia da cadeia produtiva do livro**. Rio de Janeiro: BNDES, 2005. Disponível em: <www.bndes.gov.br/conhecimento/ebook/ebook.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2012.

ECO, U. **O nome da rosa**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardine e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. 479 p.

ECO, U.; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FERNANDES, A. Notas sobre a evolução gráfica do livro. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 17, p. 126-148, jul./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.facha.edu.br/publicacoes/comum/comum17/pdf/notas.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2013.

FERREIRA, D. B. **Blog como ferramenta da comunicação empresarial**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2008. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:acXKlpCLZjYJ:www.aberje.com.br/monografias/Monografia.pdf+&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESiknenrnFoEEBi-MvYSRKi4pQ3yavZJIJR60MvYSRKi4pQ3yavZJIJR60XUGVdRMOdw34Pd_glmYpuOvO2A6qIDLIRvkHD2kQQweVZtOca5HbQeKKIWPYz9rtEbjJ_x4SU51FKwpf76f56hlmYp1i-qO4Xz&sig=AHIEtbTk2p2siqbSZ_dfBTKWgyERJ8rD8A>. Acesso em: 1 ago. 2012.

FERREIRA, J. R. **A biblioteca digital**. 2012. Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~is/infousp/rincon/rincon.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

FRADE, A. C. M. N. *et al.* Gestão estratégica da informação: a distribuição da informação e do conhecimento. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 13, n. 2, p. 37-64, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CDQQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.ies.ufpb.br%2Ffivd6y16hP2K0g23hpWw&bvm=bv.45921128,d.dmQ>>. Acesso em: 1 maio 2013.

GAMA RAMÍREZ, M. (Coord.). **El libro electrónico en la universidad: testimonios y reflexiones**. México: Colégio Nacional de Bibliotecários; Buenos Aires: Alfagrama, 2006. p. 63-98.

GARCEZ, E. M. S.; RADOS, G. J. V. Biblioteca híbrida: um novo enfoque no suporte à educação a distância. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 31, n. 2, maio/ago, 2002. p. 44-51.

GERAÇÃO Y. *In*: WIKIPÉDIA, A Enciclopédia livre. 2013. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Gera%C3%A7%C3%A3o_Y>. Acesso em: 7 jan. 2014.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIORNO, D. P. C. **Análise das novas possibilidades sintáticas e semânticas do design editorial da revista Veja São Paulo Luxo no suporte dos tablets**. 2012. Dissertação (Mestrado em Tecnologia da Inteligência e Design Digital) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CDAQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.hrenatoh.net%2Fcurso%2Ftextos%2FDissertacao_da_nielagiorno.pdf&ei=NaryUbLLGly49gTB1oCYBw&usg=AFQjCNELYeyZ5HrC9inplTViGDpEQsELJw&sig2=vb5tpAjR2y-KzSp1p_-Emg&bvm=bv.49784469,d.eWU>. Acesso em: 15 mar. 2013.

GONÇALVES, L. F. **Programa de avaliação do sistema educacional do Estado do Paraná – AVA – 1995/2002: uma avaliação a serviço da formação humana, ou de favorecimento ao mercado econômico?** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação e Trabalho) – Pesquisa Políticas e Gestão da Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCsQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.nupe.ufpr.br%2Ffluzia.pdf&ei=hsEDU-2wDtOssQS6y4GYCw&usg=AFQjCNFIXU-6GExeguRhdxD1tKRGqiBtA&sig2=E_KDPbYbaDmlNwDtzudeg&bvm=bv.61535280,d.cWc>. Acesso em: 23 nov. 2013

GÚTIEZ, M. C. **Manual de Bibliotecas**. 2. ed., Madrid: Pirâmide, 1993. p. 45.

HAGUETTE, André. Entrevista. **O Povo**, Fortaleza, 29 set. 2011. Entrevista concedida a Viviane Gonçalves. Disponível em: <[HTTP://ofantasticomundoda.biblioteconomia.blogspot.com/2011/09/tablets-nao-va-substituir-livros-pelo,htm](http://ofantasticomundoda.biblioteconomia.blogspot.com/2011/09/tablets-nao-va-substituir-livros-pelo,htm)>. Acesso em: 2 mar. 2012.

JAGUARIBE, H. O significado do papel para a cultura. *In*: DOCTORS, Márcio. **A cultura do papel**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

KATZ, F. S. **Estudo de comportamento de consumo de livros digitais**. 2011. Monografia (Graduação) – Departamento de Ciências Administrativas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

KUHLTHAU, C. C. O papel da biblioteca escolar no processo de aprendizagem. *In*: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica**. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 9-14. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade

Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2001.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed, São Paulo: Atlas, 2006.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **O que é o virtual?** Tradução Paulo Neves. São Paulo: 34, 1996. (Coleção TRANS).

LAPOLLI, M. A. R.; AMARAL, R. D. R.; GAUTHIER, F. Á. O. Tecnologias da informação e da comunicação como suporte à publicidade na era digital. *In*: BALDESSAR, Maria José (Org.). **Comunicação multimídia**: objeto de reflexão no cenário do século 21. Florianópolis: CCE/UFSC, 2009. 196 p. Disponível em: <http://www.ntdi.ufsc.br/ebook_multimidia.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2013.

LEITÃO, P. C. C. **Informação, concorrência e processo decisório em instituições de ensino superior**: um estudo sob o enfoque do *sensemaking* organizacional. 2010. 178 f. Tese (Doutorado em Ciências da Informação) – Escola de Ciências da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<http://www.net/doritchka/estudos-sobre-a-representao-e-organizacao-da-informao-e-do-conhecimento>>. Acesso em: 13 abr.2013.

LEMOS, A. A. B. de; MACEDO, V. A. A. A posição da biblioteca na organização operacional da universidade. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, DF, v. 2, n. 2, p. 167-174, jul./dez. 1974.

LEMOS, A. **Anjos interativos e retribalização do mundo**: sobre interatividade e interfaces digitais. 1995. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos>>. Acesso em: 15 set. 2012.

LÉVY, P. **As tecnologias de inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.

LÉVY, P. O que é virtual? **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 26, n. 2, p. 228, maio/ago. 1997.

LUCKESI, C.C. Verificação ou avaliação: o que pratica escola? *In*: _____. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 85-101.

MALINOWSKI, B. **Uma teoria científica da cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

MANZONI JR., R. O Concorrente brasileiro do Kindle. **Isto é dinheiro**, São Paulo, edição 666, 9 jul. 2010. Disponível em: <http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/28067_O+CONCORRENTE+BRASILEIRO+DO+KINDLE>. Acesso em: 29 abr. 2012.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2004.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTÍNEZ, D. El centro de recursos para el aprendizaje e investigación: un novo modelo de biblioteca para el siglo XXI. **Educación y Biblioteca**, España, ano 16, n. 144, p. 98-108, nov./dic. 2004.

MARTINS, G. A. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

MATHIAS, A. A. **A questão do livro**: do formato impresso ao eletrônico. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Curso de Comunicação, Universidade de Marília, Marília, 2011.

MCMURTRIE, D. C. **O livro**: impresso e fabrico. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

MORAES, R. B. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2006. p. 21-46.

NOGUEIRA, J. S. **Os livros eletrônicos e a informação em saúde**: estudo de caso dos estudantes da Faculdade de Ciências da Saúde (UFC). Fortaleza: 2011.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica**. São Paulo, Pioneira, 1997.

PARLETT, M.; HAMILTON, D. **Evaluation as illumination**: a new approach to the study of innovatory programmes. In: HAMILTON, D. *et al. Beyond the numbers game*: a reader on educational evaluation. London: MacMillan Education, 1977.

PATRIOTA, K. R. M. P.; CUNHA, J. R. C. **Interatividade, Imersão e Leitura não-linear**: os novos meios e as novas linguagens. 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0302-1.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2010.

RIBEIRO, A E. **Navegar lendo, ler navegando**: aspectos do letramento digital e da leitura de jornais. 2008. 248 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/AIRR-7DD_Q6S/ana_elisa_ribeiro_tese.pdf;jsessionid=349A8243F922A410AF0FB36347B6F29C?sequence=1>. Acesso em: 20 fev. 2013.

RIBEIRO, A. P. O livro eletrônico e transformações na indústria editorial. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1., 2004, Rio

de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2004. Disponível em <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/amandadopradoribeiro.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2010.

RIBEIRO, G. M.; CHAGAS, R. L.; PINTO, S.L. O Renascimento cultural a partir da imprensa: o livro e sua nova dimensão no contexto social do século XV. **Akropólis**, Umuarama, v. 15, n. 1 e 2, p. 29-36, jan./jun. 2007. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?hl=pt&site=&source=hp&q=RIBEIRO%2C+G.+%3B+CHAGAS%2C+R.+L.%3B+PINTO%2C+S.+L.+O+renascimento+cultural+a+partir+da+imprensa%3A+o+livro+e+sua+nova+dimens%C3%A3o+no+contexto+soci+al+do+s%C3%A9culo+XV.+Akrop%3%B3lis%2C+Umuarama%2C+v.+15%2C+n.+1+e+2%2C+pe.+29-36%2C+jan.%2Fjun.+2007>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

RIBEIRO, R. L. **O Futuro do livro o eletrônico como um contraponto do impresso**. 2009. 111 p. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem) – Centro de Ciência do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2009. Disponível em: <http://www.pgcl.uenf.br/pdf/COGNICAO_6587_1308235760.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2013.

RODRIGUES, A. V.; CRESPO, I. Fonte de informação eletrônica: o papel do bibliotecário de bibliotecas universitárias. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 1-18, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7876/000559526.pdf?sequence=>>> Acesso em: 9 set. 2012.

RUSCH-FEJA, D. **Digital libraries: informatioform de zunkunft fur die informationsve rs orgung und informationsbereitstellung?** 1999. Disponível em: <<http://www.b-i-t-online.de/archiv/1999-02/fachbeit/rushfeja/artikel.htm>>. Acesso em: 19 jun. 2000.

SANTOS, E. **A Revolução dos e-Books: questões cruciais**. [s.l.]: Ebookcult, 2003. Disponível em: <<http://www.ebookcult.com.br>>. Acesso em: 15 jun. 2010.

SANTOS, G. C.; PASSOS, R. Desenvolvimento de uma biblioteca eletrônica a partir da digitalização de sumários na área educacional: perspectivas para o século XXI. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 11., 2000, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2000. CD-ROM - T192.pdf

SANTOS, H. Inovação e arranjos institucionais: contribuições para uma análise teórica das redes de inovação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 113-123, set. 2007. Disponível em: <<http://www.ibict.br/liinc>>. Acesso em: 2 ago. 2012.

SANTOS-ROCHA, E. S.; MAIA, M. B. **O Papel do bibliotecário como mediador no desenvolvimento da competência em informação na universidade**. 2009. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/marcisfer/papel-do-bibliotecario>>. Acesso em: 12 set. 2012.

SCRIVEN, M. Perspectivas e procedimentos de avaliação. In: SCRIVEN, M.; STUFFEBEAN, D. **Avaliação educacional II: perspectivas, procedimentos, alternativas**. Petrópolis: Vozes, 1978.

SILVA, A. M.; RIBEIRO, F. **Das ciências documentais à ciência da informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular**. Porto: Afrontamento, 2002. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=BH9P54bQdFwC&pg=PA298&lpg=PA298&dq=SILVA,+A.+M.;+RIBEIRO,+F.+Das+ci%C3%A4ncias+docu20M.%3B%20RIBEIRO%2C%20F.%20Das%20ci%C3%A4ncias%20documentais>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

SILVA, E. L.; CUNHA, M. V. A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 31, n. 3, set./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v31n3/a08v31n3.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2012.

SILVA, L. O. M. **O Livro eletrônico: mudando paradigmas**. Belém, 2002. Disponível em: <<http://xa.yimg.com/kq/groups/19604823/501210407/name/O+livro+eletr%C3%B4nico+-+mudando+paradigmas.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2012.

SIRIHAL DUARTE, A. B. **Livro eletrônico**. Belo Horizonte: ECI-UFMG, 2012. Disponível em: <[HTTP://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ei=P0-yUeqeH8HD0QHP6lCoCw&usg=AFQjCNGjvRd1zQTvvJ7Rze435tWm6oarQQ&sig2=Azm-NPOadQj3FBdsYPRmOw](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ei=P0-yUeqeH8HD0QHP6lCoCw&usg=AFQjCNGjvRd1zQTvvJ7Rze435tWm6oarQQ&sig2=Azm-NPOadQj3FBdsYPRmOw)>. Acesso em: 7 jun. 2013.

SOARES, F. J. **Livros eletrônicos** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <ameliabarocas@ufc.br>. Acesso em: 21 out. 2013.

SOUSA, C. P. **Descrição de uma trajetória na / da avaliação educacional**. 1998. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:0LrMUU8OVAMJ:www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_30_p161-174_c.pdf+&hl=pt&pid=bl&srcid=ADGEEShWPEPug2CXq3GyB3qc9mbQm3wJO_P7wlBOGOV4uV_fHHgyeLJzV9JXyyoY2SyeARTXsLyIDF2d-8v_fpxsBeMK8R7JI3muZRHbAGpnMk5t4Xkix-b8APbGdNZ2%9&sig=AHIEt bSn HWwC0LlIO6qrDFnFrzCun Qv XT7A>. Acesso em: 15 mar. 2013.

STAKE, R. Program evaluation, particularly responsive evaluation. *In*: MADAUS, GEORGE F.; SCRIVEN, MICHAEL S.; STUFNEBEAM, DANIEL L. (Ed.). **Evaluation models: viewpoints on educational and human services evaluation**. Boston: Kluwer-Nijhoff Publishing, 1986. p. 287-293.

STUFFLEBEAM, D. Alternativas em avaliação educacional: um guia de auto-ensino para educadores. *In*: SCRIVEN, M.; STUFFEBEAN, D. **Avaliação educacional II: perspectivas, procedimentos, alternativas**. Petrópolis: Vozes, 1978.

TEIXEIRA, M. E. P.; FARIAS FILHO, J. R. Avaliação dos serviços de bibliotecas: estudo de caso UFF. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO, 4., 2008, Niteroi. **Anais...** Niteroi: Responsabilidade Socioambiental das Organizações Brasileiras, 2008. p. 2-23. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:sD67Hzf0F0sJ:www.excelenciaemgestao.org/Portals/2/documents/cneg4/anais/T7_0019_0446.pdf+&hl=pt&pid=bl&srcid=ADGEEsJGkOXzee8gHPywGG3vKsebtooMwnu8-oAD7HUd-HnysLyTM0fNNYLIEEQ R0CMp7NCjVz m7gtGLlaCs3guxA8zo QT Eb Nx4s_1MmUDdqeetVfHs-Fv9W67esn NYu7kg6MW9-fV&sig=AHIEtb T0P k2sM7TQhZyxMlIO1P0qFE3LkA>. Acesso em: 23 mar. 2013.

TERRA, C. F. **Comunicação corporativa digital**: o futuro das relações públicas na rede. 2006. 173f. Dissertação (Mestrado em Relações Públicas, Propaganda e Turismo) – Escola de Comunicação e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.

TYLER, R. W. **Avaliando experiências de aprendizagem**. In: GOLDBERG, M. A. A.; SOUZA, C. P. (Org.). **Avaliação de programas educacionais**: vicissitudes, controvérsias, desafios. E.P.U. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1982.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2012**. Fortaleza, 2012. 84 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Relatório de gestão - 2000**. Fortaleza, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Relatório de implantação do sistema de automação universitária**: módulo 6. Fortaleza, 1994.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Sistema de Bibliotecas. **BU em números 2010**. 2010. Disponível em: <http://www.biblioteca.ufc.br/index.php?option=com_content&task=view&id=12&Itemid=26>. Acesso em: 23 mar. 2012

UOL. **Amazon atualiza linha de tablets e apresenta novos Kindles Fire ao mercado**. 2012. Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2012/09/06/amazon-atualiza-linha-de-tablets-e-apresenta-novos-kindles-fire-ao-mercado.htm>>. Acesso em: 22 out. 2012.

VIANNA, H. M. **Avaliação educacional**: teoria, planejamento, modelos. São Paulo: IBRASA, 2000. 193p.

VICENTINI, L. A. A homepage e a Internet como instrumentos de disponibilização dos serviços bibliotecários. In: SEMINÁRIO SOBRE AUTOMAÇÃO EM BIBLIOTECAS E CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO, 6., 1997, Águas de Lindóia. **Anais...** Águas de Lindóia: UNIVAP, 1997.

WERSIG, G.; NEVELING, U. **os fenômenos de interesse para ciência da informação**. 1975. Disponível em: <[http://www.alvarestech.com/lillian/GestaoDaInformacao Rogerio/ Wersig Neveling.pdf](http://www.alvarestech.com/lillian/GestaoDaInformacao%20Rogerio%20Wersig%20Neveling.pdf)>. Acesso em: 1 ago. 2012.

WORTHEN, B. R.; SANDERS, J. R.; FITZPATRICK, J. L. Avaliação de programas: concepções e práticas. São Paulo: Gente, 2004.

YANO, C. Em 15 anos, livro de papel será objeto exótico, diz Mike Shatzkin. **Exame.com.**, 2012. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/15-anos-livros-papel-serao-objetos-exoticos-diz-mike-shatzkin-88236>>. Acesso em: 26 maio 2012.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO COMO AMOSTRA DA POPULAÇÃO DOCENTE

QUESTIONÁRIO PARA APLICAÇÃO COM AMOSTRA DA POP...

<https://docs.google.com/forms/d/1B3TPB927SK4GP3vN10VrNjCW...>

[Editar este formulário](#)

QUESTIONÁRIO PARA APLICAÇÃO COM AMOSTRA DA POPULAÇÃO DOCENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
MESTRADO EM POLÍTICAS PÚBLICA E GESTÃO DA EDUCAÇÃO
SUPERIOR - POLEDUC

Prezados Professores dos Cursos de Pós-Graduação

Como aluna do Curso de Mestrado em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior da Universidade Federal do Ceará, estou realizando, sob a orientação da Professora Dra. Virginia Bentes Pinto, uma pesquisa cujo objetivo básico é avaliar o uso de livros eletrônicos comprados e disponibilizados pela Universidade Federal do Ceará nos cursos de Pós-Graduação/ UFC. Neste sentido, solicito a sua colaboração respondendo a este questionário.

Suas respostas são de fundamental importância para efetivação do estudo empírico e, conseqüentemente para a concretização da pesquisa.

Esclareço que os dados obtidos serão utilizados apenas no âmbito desta pesquisa e que as informações fornecidas serão confidenciais, e sua identidade não será divulgada.

Contando com a sua colaboração, agradeço pela atenção dispensada.

Cordialmente,

Amélia Landim Barrocas
Bibliotecária CRB-3 573 - UFC/BU/BCF

BLOCO I – INFORMAÇÕES ACADÊMICAS

1.1 Qual sua especialidade?

1.2 Informações profissionais.

1.2.1 Tempo de docência no ensino superior.

1.2.2 Tempo de docência na UFC

1.3.3 Indique o nível o qual atua na UFC:

- Mestrado
- Doutorado
- Ambos

Identifique os cursos:

BLOCO II - CONHECIMENTO DOS LIVROS ELETRÔNICOS

2.1 O (A) Senhor (a) têm conhecimento de que a UFC adquiriu livros eletrônicos na sua área e que se encontram disponíveis à comunidade acadêmica?

- Sim
- Sim, mas nunca acessei.
- Não

SE A RESPOSTA FOR POSITIVA RESPONDA OS ITENS DO BLOCO III
SE A RESPOSTA FOR NEGATIVA PASSE PARA OS ITENS DO BLOCO IV

Mês Dia 2014 **BLOCO III. USO DO LIVROS ELETRÔNICOS**

3.1 O (A) Senhor (a) tomou conhecimento desses livros, por meio de:

- amigos
- colegas de universidade
- site da UFC

- banners
- outros

3.2 O (A) Senhor (a) sabe como ter acesso e utilizar estes livros no acervo da UFC?

- Sim
- Não

3.3 Identifica facilmente onde está o livro que procura?

- Sim
- Não

Se não, justifique sua resposta.

3.4 O (A) Senhor (a) têm conhecimento de que os livros podem ser encontrados também pelo catálogo online nos site das bibliotecas.

- Sim
- Não

3.5 Em suas atividades acadêmicas e de pesquisa o (a) Senhor (a) costuma utilizar os livros eletrônicos existentes no acervo da UFC?

- Sim
- Não

3.6 Qual o principal motivo que levou o (a) Senhor(a) utilizar o livro eletrônico?

- é gratuito pelo portal da UFC
- ampla disponibilidade
- gosta mais de ler em obra eletrônica
- mais atualizado
- comodidade
- praticidade

- nunca acessei

Se quiser justifique sua resposta

3.7 O (A) Senhor (a) indica o acervo de livros eletrônicos comprados pela UFC nos programas de suas disciplinas e nas bibliografias indicadas para o curso?

- Sim
- Não

3.8 Quantos livros eletrônicos do acervo da UFC, aproximadamente, o (a) Senhor (a) utilizou nos últimos meses?

- nenhum
- entre 1 – 3
- entre 4 – 6
- entre 7 – 10
- mais de 10

3.9 Qual sua familiaridade com o livro eletrônico?

- Nenhum pouco familiar
- Pouco Familiar
- Familiar
- Muito familiar

3.10 Como o (a) Senhor (a) avalia a leitura de livros eletrônicos?

- Péssima
- Ruim
- Regular
- Boa
- Ótima

3.11 O (a) Senhor (a) considera que a introdução de livros eletrônicos no âmbito acadêmico representa uma alteração significativa nas práticas de

pesquisa científica?

- Sim
- Não

Se quiser comente sua resposta

3.12 O (A) Senhor (a) têm conhecimento de que a maioria do acervo eletrônico comprado pela UFC é em língua estrangeira?

- Sim
- Não

3.13 Pelo fato de o acervo de livros eletrônicos ser em língua estrangeira dificulta seu uso?

- Sim
- Não

3.14 Indique o grau de importância do acervo de livros eletrônicos para o (a) Senhor (a) .

- Muito Importante
- Importante
- Pouco importante

3.15 Indique o grau de satisfação do acervo de livros eletrônicos para o (a) Senhor (a).

- Muito Satisfeito
- Satisfeito
- Pouco satisfeito
- Insatisfeito

Justifique sua resposta

3.16 Quais as principais barreiras para o uso do livro eletrônico na sua opinião?

Obrigada por sua colaboração

Vá até ao final da página e envie.

h : min

BLOCO IV PARA QUEM NÃO TÊM CONHECIMENTO DE LIVROS ELETRÔNICOS COMPRADOS E DISPONIBILIZADOS PELA UFC

Mês Dia 2014

BLOCO IV. FATORES QUE CONTRIBUEM PARA O NÃO USO DOS LIVROS ELETRÔNICOS

4.1 Considerando o seu desconhecimento com relação à disponibilidade dos livros eletrônicos pela UFC à comunidade acadêmica, que fatores o (a) Senhor (a) atribui a esse fato?

- Fragilidade da instituição na divulgação dos livros eletrônicos pela Biblioteca Universitária
- Falta de divulgação por parte de professores.
- Não gostar de ler em ambiente virtual.
- Não sente-se motivado para buscar informações de serviços e acervos da biblioteca
- Outros

Comente sua resposta

4.2 O (A) senhor (a) gosta de ler em ambiente virtual?

- Sim
- Não

4.3 Você já pesquisou ou leu algum livro em meio virtual?

- Sim
- Não

4.4 O (A) Senhor (a) prefere a leitura por meio de livros “convencionais” (impressos) ou de livros eletrônicos?

- Livro impresso
- Livro eletrônico
- Em ambos

4.5 Qual sua familiaridade com o livro eletrônico?

- Nenhum pouco familiar
- Pouco familiar
- Familiar
- Muito familiar

4.6 Como o (a) Senhor (a) avalia a leitura de livros eletrônicos?

- Péssima
- Ruim
- Regular
- Boa
- Ótima

4.7 Indique o grau de importância do acervo de livros eletrônicos para o (a) Senhor(a)

- Muito Importante

- Importante
- Pouco importante

Se quiser justifique sua resposta

4.8 Quais as principais barreiras para o uso do livro eletrônico na sua opinião?

Enviar

Nunca envie senhas em Formulários Google.

Powered by
 Google Drive

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.
[Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Termos Adicionais](#)

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO COMO AMOSTRA DA POPULAÇÃO DISCENTE

QUESTIONÁRIO PARA APLICAÇÃO COM AMOSTRA DA POP...

https://docs.google.com/forms/d/1x3K5GE983pL8dNdggage2Z_4HI...

[Editar este formulário](#)

QUESTIONÁRIO PARA APLICAÇÃO COM AMOSTRA DA POPULAÇÃO DISCENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
MESTRADO EM POLÍTICAS PÚBLICA E GESTÃO DA
EDUCAÇÃO SUPERIOR - POLEDUC

Prezados alunos dos Cursos de Pós-Graduação.

Como aluna do Curso de Mestrado em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior da Universidade Federal do Ceará, estou realizando, sob a orientação da Professora Dra. Virginia Bentes Pinto, uma pesquisa cujo objetivo básico é avaliar o uso de livros eletrônicos comprados e disponibilizados pela Universidade Federal do Ceará nos cursos de Pós-Graduação/ UFC.

Neste sentido, solicito sua colaboração respondendo a este questionário. Suas respostas são de fundamental importância para efetivação do estudo empírico e, conseqüentemente para a concretização da pesquisa.

Esclareço que os dados obtidos serão utilizados apenas no âmbito desta pesquisa e que as informações fornecidas serão confidenciais, e sua identidade não será divulgada.

Contando com sua colaboração, agradeço pela atenção dispensada.

Amélia Landim Barrocas
Bibliotecária CRB-3 573 - UFC/BU/BCF

0.1 Nome do Curso

0.2 Você tem conhecimento de que a UFC adquiriu livros eletrônicos na sua área e que se encontram disponíveis à comunidade acadêmica?

- Sim
- Não
- Sim, mas nunca acessei.


BLOCO I. INFORMAÇÕES ACADÊMICAS

1.1 Identifique o nível ao qual se encontra vinculado(a) na Universidade Federal do Ceará:

- Curso de Mestrado
- Curso de Doutorado

OBS: * SE A RESPOSTA FOR POSITIVA RESPONDA OS ÍTENS DO BLOCO II.

OBS: * SE A RESPOSTA FOR NEGATIVA PASSE PARA OS ITENS DO BLOCO III

Mês Dia 2014 

BLOCO II. USO DE LIVROS ELETRÔNICOS.

2.1 Você tomou conhecimento da disponibilidade de livros eletrônicos pela UFC, por meio de:

- amigos
- professores
- colegas de universidade
- site da UFC
- banners
- treinamentos de usuários
- maratona do conhecimento
- outros

2.2 Você sabe como ter acesso e utilizar estes livros no acervo da UFC?

- Sim
- Não

Se não, justifique sua resposta

2.3 Você tem conhecimento de que os livros podem ser encontrados também pelo catálogo online nos sites das bibliotecas.

- Sim
- Não

2.4 Em suas atividades acadêmicas e de pesquisa você costuma utilizar os livros eletrônicos existentes no acervo da UFC?

- Sim
- Não

Se quiser justifique sua resposta

2.5 Qual o principal motivo que levou você a utilizar o livro eletrônico?

- é gratuito pelo portal da UFC
- ampla disponibilidade
- gosta mais de ler em obra eletrônica
- mais atualizado
- comodidade
- praticidade
- nunca acessei

2.6 Nos programas das disciplinas de seu curso e nas bibliografias indicadas pelo seu orientador, constam livros eletrônicos do acervo da UFC?

- Sim
- Não

2.7 Quantos livros eletrônicos do acervo da UFC, aproximadamente, você utilizou nos últimos meses?

- Nenhum
- entre 1 – 3
- entre 4 – 6
- entre 7 – 10
- mais de 10

2.8 Qual sua familiaridade com o livro eletrônico?

- Nem um pouco familiar
- Pouco familiar
- Familiar
- Muito Familiar

2.9 Como você avalia a leitura de livros eletrônicos?

- Péssima
- Ruim
- Regular
- Boa
- Ótima

2.10 A introdução de livros eletrônicos no âmbito acadêmico representa uma alteração significativa nas práticas de pesquisa científica?

- Sim
- Não

2.11 Você tem conhecimento de que a maioria do acervo eletrônico comprado pela UFC é em língua estrangeira?

- Sim
- Não

2.12 Pelo fato de o acervo de livros eletrônicos ser em língua estrangeira dificulta seu uso?

- Sim
- Não

2.13 Indique o grau de importância do acervo de livros eletrônicos para você.

- Muito importante
- Importante
- Pouco Importante

2.14 Indique o grau de satisfação do acervo de livros eletrônicos para você.

- Muito satisfeito
- Satisfeito
- Pouco satisfeito
- Insatisfeito

Obrigada por sua colaboração

Vá até ao final da página e envie

h : min

Se você respondeu o BLOCO II não precisa responder o BLOCO III, Este é para quem não têm conhecimento de Livros Eletrônicos comprados e disponibilizados pela UFC

Mês Dia 2014

BLOCO III. FATORES QUE CONTRIBUEM PARA O NÃO USO DOS LIVROS ELETRÔNICOS.

3.1 Considerando o seu desconhecimento com relação à disponibilidade dos livros eletrônicos pela UFC à comunidade acadêmica, que fatores você atribui a esse fato?

- Fragilidade da instituição na divulgação dos livros eletrônicos pela Biblioteca Universitária.
- Falta de divulgação por parte de professores.
- Não gostar de ler em ambiente virtual.
- Não sente-se motivado para buscar informações de serviços e acervo da Biblioteca.
- Outros

Se quiser comente sua resposta

3.2 Você gosta de ler em ambiente virtual?

- Sim
- Não

3.3 Você já pesquisou ou leu algum livro em meio virtual?

- Sim
- Não

3.4 Você prefere a leitura por meio de livros “convencionais” (impressos) ou de livros eletrônicos?

- Livro impresso
- Livro eletrônico
- Em ambos

3.5 Qual sua familiaridade com o livro eletrônico?

- Nenhum pouco familiar
- Pouco familiar
- Familiar
- Muito familiar

3.6 Indique o grau de importância do acervo de livros eletrônicos para você.

- Muito Importante
- Importante
- Pouco importante

3.7 Como você avalia a leitura de livros eletrônicos?

- Péssima
- Ruim
- Regular
- Boa
- Ótima

3.8 Quais as principais barreiras para o uso do livro eletrônico na sua opinião?

3.9 Você costuma buscar informações de serviços e acervos que a biblioteca disponibiliza a seus usuários.

- Sim
- Não

Enviar

Nunca envie senhas em Formulários Google.

Powered by
 Google Drive

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.
[Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Termos Adicionais](#)